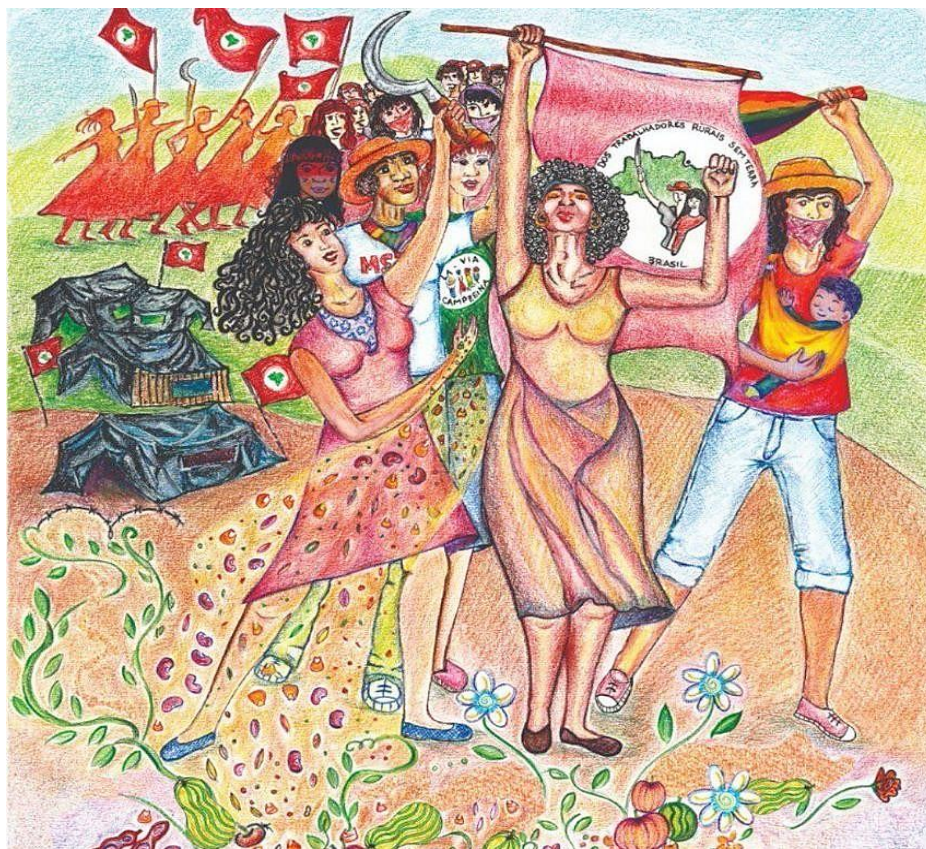


**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD**  
**FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA - FAIND**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE**  
**- PPGET -**

**REGINA CELIA DE SOUZA MODESTO CAETANO**

**MULHERES CAMPONESAS E SUAS TRAJETÓRIAS DE LUTAS**  
**NA CONQUISTA E PERMANÊNCIA NA TERRA EM**  
**SIDROLÂNDIA-MS**



Fonte: Brennand, Xavier. 2020

**SIDROLÂNDIA/MS, 2023**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - UFGD**  
**FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA - FAIND**  
**PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE**  
**- PPGET -**

**REGINA CELIA DE SOUZA MODESTO CAETANO**

**MULHERES CAMPONESAS E SUAS TRAJETÓRIAS DE LUTAS**  
**NA CONQUISTA E PERMANÊNCIA NA TERRA EM**  
**SIDROLÂNDIA-MS**

Dissertação apresentada ao Programa de mestrado em Educação e Territorialidade como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação e Territorialidade sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rosa Sebastiana Colman.

**Linha de pesquisa:** Território e Sustentabilidade

**Área de concentração:** Desenvolvimento e Políticas Públicas

SIDROLÂNDIA/MS, 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C127m Caetano, Regina Celia De Souza Modesto  
MULHERES CAMPONESAS E SUAS TRAJETÓRIAS DE LUTAS NA CONQUISTA E  
PERMANÊNCIA NA TERRA EM SIDROLÂNDIA-MS [recurso eletrônico] / Regina Celia De  
Souza Modesto Caetano. -- 2023.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: ROSA SEBASTIANA COLMAN.

Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade)-Universidade Federal da Grande  
Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:  
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Mulheres camponesas. 2. violência. 3. empoderamento. 4. movimento sem-terra. I. Colman,  
Rosa Sebastiana. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

# REGINA CELIA DE SOUZA MODESTO CAETANO

## MULHERES CAMPONESAS E SUAS TRAJETÓRIAS DE LUTAS NA CONQUISTA E PERMANÊNCIA NA TERRA EM SIDROLÂNDIA-MS

Dissertação apresentada ao Programa de mestrado em Educação e Territorialidade como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação e Territorialidade.

### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 ROSA SEBASTIANA COLMAN  
Data: 13/05/2023 10:42:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Professora Doutora Rosa Sebastiana Colman (orientadora)  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)




---

Professora Doutora ~~Cristina Dainese de Lima~~ Cristina Dainese de Lima  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)  
Subsete do Depto. de Antropologia

Documento assinado digitalmente  
 MARISA DE FATIMA LOMBA DE FARIAS  
Data: 15/05/2023 10:10:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Professora Doutora Marisa de Fátima Lomba de Farias  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Documento assinado digitalmente  
 ANDREIA SANGALLI  
Data: 16/06/2023 23:36:03-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Professora Doutora Andréia Sangali  
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

Dourados-MS, 12 de abril de 2023

## AGRADECIMENTOS

Não poderia chegar ao porto sem valiosas contribuições e apoios, porque não caminhamos só. Esse trabalho é parte de mim e de tantas outras pessoas. Gratidão é um dos sentimentos mais nobres que podemos ter, sou grata a todas e todos que contribuíram para que eu chegasse até aqui. Assim agradeço,

Primeiramente àquelas que no decorrer dessa dissertação chamo de “minhas mulheres”, sem Elas não estaria escrevendo esse agradecimento, obrigada por confiarem em mim, obrigada por partilharem suas lindas histórias de vida que serão exemplo e estímulo para tantas outras mulheres que buscam o empoderamento e a libertação, pois sim, nós podemos.

Ao Criador, por me proporcionar perseverança e resiliência por toda a minha caminhada.

Aos meus pais, construtores da minha essência, minha mãe Eloisa, que com todas as suas limitações devido a deficiência visual, soube conduzir sua família com zelo, amor e respeito, meu pai Nelson, que partiu durante a escrita dessa dissertação, foi meu exemplo de trabalho e honestidade... para sempre em minhas memórias.

Aos meus irmãos, Nelson e Fernando e minha cunhada Andresa, obrigada pelo carinho, atenção e disponibilidade comigo e com as “crianças”.

Aos meus filhos, Mateus Gaspar, Thaina Regina, Ana Julia e Natalia Milena, por suportarem minhas impaciências e respeitarem meus momentos de estudo e trabalho, vocês são os melhores capítulos da minha vida... são a minha base.

Ao meu esposo Gaspar, meu companheiro e parceiro de vida, por esses quase vinte e seis anos de amor e cumplicidade, meu grande incentivador, principalmente nessa caminhada do mestrado, obrigada por suas contribuições, pelo carinho, por compartilhar meus momentos de ansiedade e estresse, ah, obrigada pelo café de todas as manhãs.

Aos meus colegas de trabalho, da Escola e do Cras, obrigada por serem meus apoiadores e parceiros nas minhas lutas.

Aos amigos, digo que a amizade é um sentimento que não tem preço e sem a qual a vida se tornaria insuportável, obrigada pela presença, próxima e distante, ao longo dessa travessia, e, em especial à amiga, parceira, comadre, confidente, Keila de Oliveira, que desde a graduação foi meu apoio incondicional, muito do meu ser feminista (que ainda está em construção) aprendi com ela... gratidão.

À LEDUCAMPO/UFMS, que foi fundamental no meu processo de formação e no meu reconhecimento enquanto classe trabalhadora, camponesa e na defesa da Educação do Campo.

Aos Movimentos Sociais, em especial ao MST-Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, onde fortaleci o meu ser militante, onde compreendi o verdadeiro sentido da luta pela terra, o MST tem sido pra mim uma grande escola, fonte de esperança e multiplicador de possibilidades de uma nova sociedade, justa, fraterna e agroecológica.

Às Professoras do PPGET Rosa e Laura que foram as primeiras a me ouvirem na apresentação do meu pré-projeto, no carro, no meio da estrada, embaixo de chuva, suas palavras foram fundamentais quando me disseram “você se sente mais à vontade falando da história das mulheres”, resultado, mudei meu tema, gratidão a vocês.

À Professora Andréia Sangali que foi a minha primeira orientadora, porém fez uma pausa para se dedicar ao Doutorado, obrigada pelas orientações e por me deixar à vontade quanto ao tema.

À Professora Rosa Colman que me “pegou” no meio do caminho, obrigada pela confiança, pelas orientações e por não me deixar desistir.

Às Professoras Marisa de Fatima Lomba de Farias, Grazielle Cristina Dainese de Lima e Laura Jane Gislotti por aceitarem fazer parte da minha banca de qualificação, obrigada pelas contribuições.

Aos colegas do mestrado, pelas poucas, porém valiosas oportunidades que estivemos juntos, partilhando as expectativas da pesquisa.

Por fim, concluo reiterando os meus sinceros agradecimentos a todas e todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização desse trabalho.

*Que nada nos limite,  
que nada nos defina,  
que nada nos sujeite.  
Que a liberdade seja  
nossa própria substância,  
já que viver é ser livre.  
Simone de Beauvoir*

## RESUMO

A pesquisa tem por objetivo dar visibilidade às histórias de vidas das mulheres camponesas. Mulheres que ao longo de suas trajetórias tiveram suas vidas marcadas pela violência e submissão, violência essa, resultado de um modelo patriarcal até hoje presente em nossa sociedade. A pesquisa apresenta experiências vividas pelas mulheres no contexto da reforma agrária, qual o significado que elas atribuem a sua luta enquanto sem-terra, salientando sua trajetória de vida, seu trabalho, nas relações construídas ao longo do caminho e nas suas formas de organização dentro do assentamento, organizações essas que se dão através da criação de grupos coletivos, onde desenvolvem atividades e ações de empoderamento, autonomia, enfim, se fazem protagonistas da própria história. A pesquisa foi realizada no município de Sidrolândia- MS, nos Assentamentos Ernesto Che Guevara (Fazenda Eldorado I) Joaquim Pereira Veraz (Fazenda Nazareth). A metodologia utilizada para coleta de dados foi baseada na metodologia de história oral, bem como em entrevistas com questões semiestruturadas, cadernos de campo, fotografias, entre outros. Assim, para além de suas memórias, ao darmos visibilidade às histórias de vida, de luta e de resistência, estaremos contribuindo com o protagonismo e empoderamento de tantas outras mulheres que trilham o mesmo caminho: o da luta pela terra.

**Palavras-Chave:** Mulheres camponesas, violência, empoderamento, movimento sem-terra.



## RESÚMEN

La investigación tiene como objetivo dar visibilidad a las historias de vida de las mujeres campesinas. Mujeres que, junto con sus trayectorias, tuvieron sus vidas marcadas por la violencia, la sumisión, esta violencia, fruto de un modelo patriarcal aún presente en nuestra sociedad. La investigación tiene como objetivo presentar las experiencias vividas por las mujeres en el contexto de la reforma agraria, cuál es el significado que atribuyen a su lucha como sin tierra, enfatizando su trayectoria de vida, su trabajo, las relaciones construidas a lo largo del camino y sus formas de organización dentro del asentamiento, organizaciones que se producen a través de la creación de grupos colectivos, donde desarrollan actividades y acciones de empoderamiento, autonomía, finalmente se convierten en protagonistas de su propia historia. La investigación se llevó a cabo en el municipio de Sidrolândia-MS, en los asentamientos Ernesto Che Guevara y Nazaret. La metodología utilizada para la recolección de datos, se basó en la metodología de historia oral, así como entrevistas con preguntas semiestructuradas, cuadernos de campo, fotografías, entre otros. Así, más allá de sus recuerdos, al dar visibilidad a las historias de vida, lucha y resistencia estaremos contribuyendo al protagonismo y empoderamiento de tantas otras mujeres que recorren el mismo camino: el de la lucha por la tierra.

**Palabras-clave:** Mujeres campesinas, violencia, empoderamiento, movimiento sin tierra.

## **LISTA DE FIGURAS**

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – I Encontro Nacional das Mulheres Sem Terra .....            | 01 |
| Figura 2,3,4,5 – Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Sem Terra..... | 81 |
| Figura 6 – Produção artística. ....                                    | 83 |
| Figura 7 – 3ª Feira Estadual da Reforma Agraria-Salvador.....          | 85 |

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>1. INTRODUÇÃO</b> .....                                     | 12 |
| 1.1 Caminhos da pesquisa.....                                  | 20 |
| 1.2 Antecedentes: a luta pela terra.....                       | 25 |
| 1.3 A presença das mulheres na luta pela terra .....           | 26 |
| <b>2. RELATOS DE VIDA NA VOZ DAS MULHERES CAMPONESAS</b> ..... | 28 |
| 2.1 Edilaine Cristina Tavares.....                             | 28 |
| 2.2. Elaine Tavares Leite.....                                 | 35 |
| 2.3. Giovana Aparecida Freitas Vieira Sales.....               | 39 |
| 2.4 Maria Alzenir da Silva (Ny).....                           | 41 |
| 2.5 Viviane Mallmam.....                                       | 47 |
| <b>3. DIALOGANDO COM AS VOZES DAS MULHERES</b> .....           | 76 |
| <b>4. A MULHER CONQUISTANDO SEU ESPAÇO</b> .....               | 82 |
| 4.1 POLITICAS PUBLICAS P/ AS MULHERES CAMPONESAS.....          | 86 |
| 4.2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO.....                    | 88 |
| 4.3 A DEFESA DA AGROECOLOGIA, PELA VIDA DAS MULHERES.....      | 91 |
| 4.4 EMANCIPAÇÃO E EMPODERAMENTO.....                           | 94 |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                           | 96 |
| <b>6. REFERÊNCIAS</b> .....                                    | 99 |

## 1. INTRODUÇÃO

*Apresento-vos um mundo  
Repleto de novidades.  
Aqui, em cada esquina,  
Existe nova oportunidade.  
Contemplem!!  
Vanessa Vieira*

O início desta dissertação traz um breve relato de quem sou, de minhas origens, de minha formação, de minha motivação para seguir com os estudos, a importância de ingressar no mestrado, a escolha do tema e os caminhos que foram percorridos para chegar até aqui.

Nasci em Campo Grande, filha de Eloisa e Nelson (*in memorian*), minha mãe, dona de casa, que muito jovem veio de Cuiabá-MT para tentar a vida em Campo Grande-MS, onde por muito tempo trabalhou como empregada doméstica; sempre com problemas visuais hereditários, foi gradativamente perdendo a visão sendo hoje totalmente cega, e busca sua autonomia frequentando o ISMC – Instituto Sulmatogrossense para Cegos. Meu pai, o mais velho de seis irmãos, sua família veio de Minas Gerais, tinha por profissão a carpintaria, com a qual sustentou e criou seus três filhos, tinha orgulho de falar que não sabia assentar um único tijolo, mas que carpinteiro igual a ele não tinha, dizia ainda que “dava aulas para os engenheiros”, ele mesmo construiu sua casa de madeira, onde nascemos e vivemos por 26 anos, até que eu e meu irmão mais velho conseguimos financiar uma casa para eles, realizando assim o sonho de minha mãe de ter sua casa própria.

Sou a segunda de três irmãos, o mais velho, Nelson, solteiro, é bacharel em Direito, concursado, trabalha no Hospital Regional Rosa Pedrossian e mora com minha mãe. O mais novo, Fernando, foi a “rapa do tacho”, que nasceu quando eu tinha quinze anos e devido a deficiência visual de minha mãe, fui eu que ajudei nos cuidados com ele desde que saiu da maternidade; é acadêmico de Engenharia Civil, casado e trabalha em uma indústria de lácteos.

Eu fui a primeira a sair de casa aos vinte e seis anos quando me casei, mas sempre morei perto deles, até me mudar para Sidrolândia, quando as vindas “pra casa” ficaram mais esporádicas, sempre que dava, estava lá com eles. Em setembro de 2022 meu pai faleceu, com 80 anos, foi uma perda muito repentina e ainda estamos tentando nos acostumar com sua ausência, a casa já não é a mesma, mas seguimos fortalecendo minha mãe que com todas as suas limitações está se adaptando a essa nova fase de sua vida.

No que se refere à minha formação profissional, cursei já no ensino médio, o

magistério, em seguida ingressei na universidade, no curso de Graduação de Professores, na UCDB, curso este já extinto, depois fiz o curso de bacharel em Serviço Social – Bacharel, pela Universidade Anhanguera UNIDERP, Mato Grosso do Sul, iniciei em 2010 e concluí em 2013. Também cursei Licenciatura em História pelo Centro Universitário de Jales, e o grande marco na minha vida foi a Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

Quando estava no curso de Graduação de Professores, após dois anos de curso, tive que parar, pois a universidade era particular e minha renda não era suficiente, pois tinha que contribuir nas despesas da casa, assim, nesse momento pausei minha caminhada acadêmica, ficando apenas trabalhando e desenvolvendo algumas atividades e participações na comunidade religiosa, participei ativamente na Pastoral da Juventude, em Campo Grande, onde acredito ter construído minha base no trabalho comunitário e coletivo. Atuei na formação de jovens com a Pastoral da Juventude, Catequese em Comunidades Eclesiais de Bas, Fórum Estadual de Enfrentamento a Violência contra as Mulheres do Campo e da Floresta.

Em 1997, aos 26 anos, casei-me com Gaspar, que conheci nesse meio religioso, ele era ex-seminarista e trabalhava na educação, tivemos quatro filhos, Mateus, hoje com 21 anos, cursando Agronomia na UEMS em Aquidauana, Thaina 20 anos, cursando Enfermagem em Foz do Iguaçu, mas querendo tentar medicina, Ana Julia, 16 anos, cursando o segundo ano do ensino médio em uma escola do assentamento e Natalia, 14 anos cursando o nono ano em Campo Grande, ela mora com a amiga Keila, pois joga futebol em um time feminino, Atletico Santisa e devido aos treinos tem que morar na cidade.

Em nossa vida “urbana”(1.998 a 2.004), nos tornamos trabalhadores autônomos, tínhamos um comércio familiar, éramos vendedores de leite de rua, o chamado “leite de canequinha”, que em 2.002 foi legalizado com a construção de uma usina de beneficiamento de leite, o Leite Caipira, ficamos nessa atividade por aproximadamente 15 anos e paralelo a isso, continuamos com nossas atividades religiosas, participando da comunidade local em grupos de casais, catequese, entre outros; sempre fomos parceiros/amigos do MST, até que um dia decidimos entrar diretamente na luta pela terra, assim em 2002 eu, meu esposo e os quatro filhos acampamos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Acampamos em 2002 em uma área próximo a Maracajú na beira do Rio Serrote, em 2006 no Acampamento Carlos Mariguela na área chamada Eldorado Parte no complexo Eldorado em Sidrolândia, continuamos com nossa atividade econômica na cidade e aos finais de semanas íamos para o acampamento.

Fazíamos parte de um grupo coletivo de seis famílias (Regina/Gaspar, Marina/Joaquim, Keila/Gilmar, e João), formamos um NB (núcleo de base) denominação essa dada pela organização do MST, nesse período nosso grupo foi pré assentado no município de Corguinho-MS, quando surgiu uma possibilidade de ocuparmos um lote abandonado pelo antigo morador, através do Incra, recebemos uma autorização para ocupar o referido lote, assim em 2008, iniciamos nossa jornada no assentamento Eldorado – Ernesto Che Guevara no lote 124. No início eu permaneci na cidade, apenas meu esposo foi para o lote, enfrentamos alguns percalços, pois como o lote tratava-se de um lote abandonado, o antigo beneficiário apareceu para questionar a nossa posse, foi um período difícil, mas continuamos firmes na luta e na defesa da reforma agrária morando em nosso sítio e desenvolvendo a produção de leite e a fabricação de queijos e doces de leite.

No ano de 2010, após várias reflexões, ponderamos que era momento de voltar à academia e assim ingressei no curso de Serviço Social, onde acreditei ter me encontrado, pois vi nessa profissão um caminho na tentativa de superar as desigualdades existentes em nossa sociedade, fiz estágio na área da saúde em uma UBSF (Unidade Básica de Saúde da Família), onde o Serviço Social atua entre os usuários em risco de vulnerabilidade, idosos, portadores de necessidades especiais e usuários de álcool e drogas. Participei de um projeto de pesquisa junto a um grupo de jovens de um bairro da periferia, localizado próximo ao lixão de Campo Grande, com alto índice de violência, assassinatos, composição de gangues e grupos rivais; bem como tráfico de drogas e usuários com dependência química, onde as crianças e adolescentes eram na maioria filhos de catadores de materiais recicláveis e muitas destas famílias se encontravam em situação de extrema pobreza, trabalham no lixão, com baixo índice de escolaridade, são pessoas que se consideram sem perspectiva de vida/futura, acredito que tudo isso é decorrente da falta de oportunidades, de políticas públicas, como também da privação e/ou fragilização de vínculos afetivos e familiares.

Em 2010, Gaspar, meu esposo, começou a dar aulas para o ensino médio na Escola Estadual Paulo Eduardo no assentamento, eu ainda permaneci na cidade nesse período.

Em 2012 decidimos nos mudar definitivamente para o assentamento, foi um momento de grandes expectativas, pois eu, até então, sempre morando na cidade, tinha um certo receio de morar no campo, mas abracei o desafio e partimos. Com o passar do tempo, compreendi que a vida no campo tem as suas dificuldades, mas somos nós quem a construímos, com suas dores e alegrias, pois foi o caminho que escolhemos percorrer e hoje me sinto pertencente a esse lugar que é cheio de oportunidades, com belezas naturais, vida saudável e pessoas acolhedoras. Como

ainda estava cursando a faculdade, tinha que me deslocar duas vezes por semana para Campo Grande, e como Gaspar lecionava à noite, e não tinha com quem deixar as crianças, eu os levava comigo e eles ficavam com minha amiga Keila, que sempre foi meu apoio nessa caminhada, a qual sou imensamente grata.

No assentamento, participo das atividades coletivas, da organização e coordenação das ações nas instâncias do MST, com o objetivo de conscientizar e criar oportunidades que permitissem às famílias serem sujeitas de sua história. Atualmente faço parte da Direção Estadual do MST, no Coletivo Xandão (o nome do coletivo é em memória de um grande amigo e militante, que faleceu em decorrência de sequelas da *Covid19*), esse coletivo aglutina os setores de educação, formação, gênero, juventude, cultura, LGBT, onde pautamos as atividades de formação, conscientização, mobilização e luta, com o objetivo de conscientizar e criar oportunidades que permitam às famílias serem sujeitos de sua história.

Uma das mais significativas participações que tive no movimento sem terra, para além das caminhadas e ocupações, foram as jornadas do 8 de março, onde na maioria das vezes fizemos ações de “trancas” de BR, onde o objetivo era a denúncia contra o agronegócio e uso de agrotóxicos, enfim, muita caminhada e muito aprendizado, assim seguimos.

No ano de 2014 ingressei em outra graduação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, no curso de Licenciatura em Educação do Campo, na área de Ciências Humanas e Sociais. Foi a primeira turma de Educação do Campo nessa universidade, tida por muitos como “latifúndio do saber” pois até então o acesso da classe trabalhadora a ela era muito escasso. Foi um período maravilhoso, de muito crescimento, com professores que nos transmitiram muito conhecimento e a importância da educação do campo no campo. Nesse período, surgiu a oportunidade de lecionar na Escola Municipal do assentamento no ensino fundamental, porém, como ainda não tinha o título de licenciatura, fui contratada como professora leiga, e em seguida fiz uma segunda graduação para ter o título de licenciada. Assim, no ano seguinte já fui contratada como professora licenciada.

Concluí em 2019 o curso de Licenciatura em Educação do Campo, na área de Ciências Humanas e Sociais. O artigo final apresentado é intitulado: “História oral de mulheres camponesas: Trajetórias de lutas pela conquista da terra no Assentamento Ernesto Che Guevara – Sidrolândia-MS”, material esse que estou dando continuidade no Programa de Mestrado em Educação e Territorialidade (UFGD).

Ao adentrar no universo da Educação do Campo, compreendi que a mesma tem como princípio fundamental o compromisso ético e moral com a pessoa humana que foi

desumanizada historicamente e que se faz necessária uma intervenção social e educativa com o objetivo de mudar a realidade de exclusão pedagógica e valorizar a cultura camponesa em seus diversos aspectos, visando o seu resgate e sua conservação e que isso só acontece a partir da mobilização e resistência dos povos do campo, dos movimentos sociais e envolvimento de vários setores da sociedade. Durante esses anos, tivemos como tarefa incentivar, estimular nossos estudantes do ensino médio a se inscreverem nos vestibulares da educação do campo em qualquer parte do Brasil, especialmente em Dourados e Campo Grande, divulgamos os vestibulares, ajudamos nas inscrições, organizamos e contribuímos com a ida dos mesmos, seja para fazerem as provas, seja para os tempos universidade e isso é muito gratificante, principalmente quando nos encontramos com nossos ex-alunos agora já como professores na comunidade.

Em julho de 2017, fui chamada em um concurso que havia feito em 2013 para Assistente Social no município de Campo Grande para atuar na área da assistência social (CRAS) mesmo tendo que ficar por um tempo em Campo Grande, assumi a vaga para atuar em Anhanduí, um Distrito de Campo Grande, que fica próximo ao assentamento onde resido. Hoje atuo em duas áreas que gosto muito, a assistência social e a educação, embora sinta que meu coração está no “chão da sala de aula”, na escola do campo localizada no município de Sidrolândia, Escola Paulo Eduardo de Souza Firmo, que possui a escola Polo no Assentamentos Eldorado II e Extensões nos Assentamentos Jiboia e Ernesto Che Guevara, nas disciplinas de Geografia, Sociologia e nas disciplinas eletivas de Ciências Humanas e Sociais.

Em 2021 ingressei no mestrado PPGET – UFGD para aprofundar a pesquisa iniciada na graduação, por entender a importância de materializarmos as memórias das mulheres no contexto da luta pela terra e permanência no lote. Além de contribuir na continuidade da minha formação, do meu trabalho como educadora, assim como na minha militância por uma educação do campo no campo, o início do mestrado foi em um período um tanto atípico, onde ainda estávamos tentando aprender a conviver com a pandemia do *Covid*, onde por um período não tínhamos aulas presenciais, o que dificultava de certa forma a pesquisa, mas com todas as dificuldades conseguimos percorrer esse caminho de aprendizagens riquíssimas, de interação com outras culturas, vivendo em coletividade e trocando experiências. Enfim, o mestrado me reafirmou o sentimento de pertença pelo campo, que a luta em defesa da educação do campo é contínua, que novos desafios sempre irão surgir e que devemos sempre acreditar em nossa capacidade de construir o novo.



A trajetória de vida das mulheres do campo é marcada por cenários de opressão impostos pelo modelo patriarcal que prega a submissão das mulheres e a dominação dos homens. No entanto, diante deste processo as mulheres resistem e constroem formas de luta buscando a consolidação de um novo modo de vida. Com o estabelecimento da divisão sexual do trabalho<sup>1</sup> e junto com esta a valorização do trabalho produtivo desempenhado pelos homens e a desvalorização do trabalho reprodutivo tido como papel da mulher, estabelecem-se desigualdades. Esta divisão sexual do trabalho se reflete nas questões sociais, políticas e econômicas, colocando as mulheres em situação de inferioridade.

Ao longo da história, a participação política e as intervenções das mulheres nos movimentos sociais contribuíram de forma significativa para a conquista de seus direitos, como a liberdade, o seu reconhecimento enquanto mulher e enquanto protagonistas de sua própria história. Nos últimos anos, esse reconhecimento vem sendo percebido na prática, com a formulação de políticas públicas específicas e na construção de espaços institucionais empenhados em garantir sua execução. Importante destacar a inserção da mulher no mundo do trabalho, o que lhe trouxe autonomia, independência e, conseqüentemente, o enfrentamento da dominação patriarcal.

As mulheres de modo geral buscam estudar e aperfeiçoar-se naquilo que mais lhe chamam a atenção; com as mulheres do campo não é diferente, a cada dia, com sua determinação produzem os alimentos para a subsistência da família, além dos alimentos que saciam a fome, garantem a renda de casa, fazendo frente a opressão de gênero e buscando seu empoderamento.

Ao longo da década de 1980, as mulheres organizaram o Movimento de Mulheres Rurais em torno do sindicalismo. Contexto do assassinato da sindicalista Margarida Alves liderança no sindicato rural da Paraíba. Seu 75º aniversário ocorreu em 1983 tornando-se referência na memória do movimento sindical das mulheres que culminou na criação do Movimento das Margaridas. Enquanto trabalhadoras rurais buscaram o reconhecimento, insurgindo contra o habitus que desvalorizava o trabalho da mulher, tanto o doméstico, e ainda mais o externo realizado no âmbito da roça. (DELBONI, 2017, p.74,75).

A dissertação traz experiências vividas pelas mulheres no contexto da reforma agrária, qual o significado que elas atribuem a sua luta enquanto sem-terra, focando em sua trajetória

---

<sup>1</sup> A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e socialmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.). (Hirata, Helena; Kergoat, 2007, p. 599)

de vida, em seu trabalho, nas relações construídas ao longo do caminho e nas suas formas de organização dentro do acampamento e assentamento, organizações essas que se dão através da criação de grupos coletivos, que desenvolvem atividades e ações de empoderamento, autonomia, enfim, se fazem protagonistas da própria história, assim,

é possível considerar o sentido da vida-travessia das mulheres protagonistas da reforma agrária, por verificar que elas vivem uma intensa e contínua busca por reconhecimento e por espaços nos quais podem se *fazer mulher*, se completam e se auto reconhecem, sem a certeza de que há um ponto de chegada, ou qual é o verdadeiro ponto de partida, já que a vida é a constante procura de uma *margem* mais segura do rio, um lugar de sossego e de fartura. (FARIAS, 2008. p. 5).

Assim, este estudo apresenta as experiências vividas por mulheres trabalhadoras rurais do Assentamento Eldorado I – Ernesto Che Guevara, no município de Sidrolândia- MS, onde buscaremos conhecer a luta das mulheres na superação da opressão no contexto da reforma agrária<sup>2</sup>, focando para além de suas experiências de vida na existência de coletivos que atuam nas comunidades. Identificaremos também as políticas públicas e programas de desenvolvimento rural acessados pelas mulheres camponesas que atuam na agricultura familiar.

Demonstraremos a realidade local em relação às questões infra estruturais (acesso à energia elétrica, água tratada) e dos cuidados pessoais (acesso à saúde, ao lazer) pelas mulheres camponesas. Objetiva ainda investigar as práticas produtivas das mulheres camponesas desenvolvidas na agricultura familiar e a existência de organizações sociais como grupos coletivos, associações, entre outros. E, por fim, compreender o significado que as mulheres assentadas atribuem à sua luta, enquanto sem-terra, dando relevância às suas trajetórias de vida, experiências vivenciadas no trabalho e nas relações construídas ao longo desse caminho.

A luta da mulher camponesa está intimamente relacionada à multifuncionalidade da agricultura familiar, pois muitas das diversas funções assumidas por elas relacionam-se direta ou indiretamente com os recursos naturais e que podem contribuir para o desenvolvimento sustentável. Assim, as agricultoras camponesas “podem desempenhar papéis em favor da preservação ambiental, da coesão social, do equilíbrio territorial, da qualidade de alimentos, entre outros, por meio do apoio de políticas públicas” (MORUZZI; LACERDA, 2008).

Em se tratando de Assentamentos do estado de Mato Grosso do Sul, a agricultura familiar tem uma forte ligação à biodiversidade local, visto que estão localizados em regiões

---

<sup>2</sup> Segundo o MST, reforma agrária é a reorganização da estrutura fundiária com o objetivo de promover e proporcionar a redistribuição das propriedades rurais, ou seja, efetuar a distribuição da terra para realização de sua função social.( <https://mst.org.br/>, acesso em 18/04/22).

geográficas privilegiadas, denominadas de Bioma Cerrado e Bioma Pantanal. A biodiversidade desempenha um papel diretamente importante nos meios rurais com a sustentabilidade e viabilidade econômica de seus produtos e serviços ambientais relevantes.

Embora a biodiversidade seja ampla, os Assentamentos de Mato Grosso do Sul ainda são incipientes quanto às organizações sociais que viabilizam cadeias produtivas de produtos da sociobiodiversidade, havendo a urgência de ações mais consolidadas, associadas ao protagonismo das mulheres camponesas.

Utilizando de Pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas individuais com as mulheres camponesas, além da participação em reuniões de Movimentos Sociais(MST, MMC, MTR), Associações locais já consolidadas nos espaços em análise, bem como o registro de recursos da sociodiversidade, sendo que a participação das mulheres camponesas será de forma espontânea e respaldada pelo preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido as participantes.

A partir das histórias de vida das mulheres assentadas, foram feitas análises do processo de construção de uma nova cultura de superação do machismo e sua consolidação no MST e nos territórios conquistados.

## 1.1 Caminhos da pesquisa

*Onde se abriga o coração humano,  
Perguntas florescem.  
Em Pés de Curiosidades!  
Milhares de Perguntas-flores  
Espalham-se no tempo.  
Buscando das vozes, algumas verdades.  
Nesse belo ciclo,  
se atentem!  
Vanessa Vieira*

A metodologia utilizada para coleta de dados foi a história oral, bem como entrevistas com questões semiestruturadas, cadernos de campo, fotografias, observações, entre outros. Assim, para além de suas memórias, ao darmos visibilidade às histórias de vida, de luta e de resistência estaremos contribuindo com o protagonismo e empoderamento<sup>3</sup> de tantas outras mulheres que trilham esse mesmo caminho: o da luta pela terra.

Ao optarmos pela metodologia da história oral como fonte de pesquisa, pretendemos dar visibilidade àquelas tão caladas historicamente e valorizá-las enquanto agentes de sua própria história.

A história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. Não é, portanto, um compartimento da história vivida, mas, sim, o registro de depoimentos sobre essa história vivida. (MEIHY, 2007, p. 81).

A história oral é um recurso importante e necessário, pois nem tudo está escrito e a memória contempla aqueles que não tiveram voz e nem vez. A oralidade nos permite organizar conhecimento e compreender valores e comportamentos pois, “Em história oral, o saber estabelece uma afinidade de reconhecimentos das trajetórias narradas como se elas dialogassem com o sentido do ser no mundo” (MEIHY, 2007, p. 75).

A escolha pela metodologia de história oral justifica-se pelo fato de a mesma trazer as mulheres excluídas ao centro das discussões por meio de suas próprias vozes fazendo com que exerçam o protagonismo que lhe é devido, além de valorizar suas experiências vividas e nos

---

<sup>3</sup> Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres, é o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. Sardenberg, Cecília Maria Bacellar. "Conceituando “empoderamento” na perspectiva feminista." (2006).

aproximar de seu cotidiano:

A história oral existe e se fundamenta a si mesma na medida em que reconhece que o relato constitui uma das linguagens fundamentais do saber popular, pela sua capacidade para expressar de forma concreta ou figurativa os símbolos que estão presentes no interior da consciência coletiva e individual e que emergem como um testemunho de sua própria historicidade. (TEDESCHI, 2014, p. 28)

Ao falar de suas histórias de vidas, lembranças são resgatadas, vindo à tona o que de mais significativo estava guardado na memória, revive-se muito do passado, desvelando nesse processo, alegrias, tristezas, conquistas, perdas e, sobretudo, laços afetivos.

As escolhas das interlocutoras, aconteceram com base no conhecimento das histórias das pessoas de minha vivência na comunidade, elas se sentiram privilegiadas por terem sido escolhidas, se sentiram lembradas, sentiram que era importante falar de suas histórias de vidas para outras mulheres. A aceitação por parte delas foi de certa forma muito positiva, pois já tinha uma relação estabelecida com elas, havendo assim uma cumplicidade em relatar/expor suas histórias.

Inicialmente foram escolhidas três mulheres: Edilaine Cristina Tavares, Elaine Tavares Leite e Giovana Aparecida Vieira Sales, que prontamente se dispuseram a gravar suas histórias de vida. Minha relação com essas mulheres começou quando me mudei para o assentamento, a partir das reuniões que a coordenação do movimento fazia periodicamente, fomos estabelecendo laços de amizade e companheirismo. Com Giovana, temos uma relação mais no ambiente escolar, pois a mesma é professora e coordenadora na escola municipal e estadual no Assentamento, com Elaine nos relacionamos no ambiente comunitário, nas atividades coletivas do assentamento e com Edilaine, nos conhecemos nas rodas de conversa do assentamento e estreitamos essa proximidade que se tornou uma amizade leal e sincera, frequentamos a casa uma da outra, trocamos conselhos e confidências. Edilaine gravou em 2017 a primeira parte de sua história, porém como ela mesma disse, *"de lá pra cá muita água passou por baixo da minha ponte, tenho que continuar"* e assim em 2023 gravou não a última parte de sua história, apenas mais um trecho. No caminho da pesquisa nos encontramos com outras histórias, fortes, ricas e inspiradoras, de mulheres incríveis que aceitaram fazer parte desse trabalho e partilhar suas histórias de vida. São elas, Maria Alzenir da Silva, mais conhecida como Ny, a qual conheço há uns cinco anos, através dos encontros, formações, mobilizações, entre outros, faz parte da CPT, uma grande lutadora; e, Viviane Mallmann, uma super mulher, militante do MMC-

Movimento de Mulheres Camponesas, que conheci no espaço escolar, minha parceira de sala de aula, uma mulher que não para, possui um vasto conhecimento na área orgânica e agroecológica, é química, doutora em Recursos Naturais, atualmente fazendo faculdade de Farmácia. No período em que atuamos juntas na escola, desenvolvemos um projeto de uma horta em sistema agroflorestal com nossos alunos, foi uma parceria muito positiva e com ótimos resultados, estar com ela é um momento de grande aprendizado.

A construção das narrativas consistiu em entrevistas individuais, onde cada entrevistada relatou sua história de vida, lembrando suas dores, alegrias e lutas que foram descritas em narrativas que partiram desde a infância até a vida adulta, onde o sofrimento, a violência e o silêncio foram os ingredientes de suas histórias de vida e como a inserção no movimento sem terra e a busca pelo conhecimento, alterou significativamente seu destino, representando uma mudança radical em suas vidas, pois puderam se reconstruir, construindo a identidade “Sem Terra”:

O MST, enquanto sujeito coletivo, pode contribuir para o fortalecimento da Identidade dos trabalhadores rurais, construindo novas experiências na luta pela terra, proporcionando espaços de desenvolvimento da ciranda infantil, da educação de jovens e adultos, conquistando novos lugares, novas ideias e simpatizantes. Para Caldart (2000: p. 04): Cada sem-terra que entra no MST entra também num mundo já produzido de símbolos, gestos, exemplos humanos, valores, que a cada ação ele vai aprendendo a significar e ressignificar. Assim, a construção dessa Identidade vai se dando paulatinamente, militantes vão se conhecendo e tendo a oportunidade de discutir, refletir e opinar sobre os valores diretamente relacionados com a vida deles. É a partir desse possível comportamento que podemos perceber relações mais amplas de solidariedade entre os sujeitos, alicerçadas nas histórias de vida que cada pessoa viveu. (SANTOS, 2008, p.6)

O processo de gravação das histórias de vida das mulheres escolhidas, para algumas, foi um tanto quanto complexo, pois houveram momentos de certo constrangimento ou vergonha, talvez pela dificuldade em falar de si próprias, também pelo fato de gravarem para um objeto (celular) que de início foi um tanto “estranho”, enquanto para outras foi mais tranquilo, assim iniciamos as primeiras conversas pessoalmente, sem o uso do gravador, onde foi explicado em que consistia a pesquisa e o porque utilizaríamos a metodologia de história oral e não um questionário de perguntas e respostas, ponderamos sobre a importância da história delas serem contadas a partir de suas vozes, e em seguida iniciamos as primeiras gravações, cada uma em sua casa, em seu momento, em seu espaço preferido, todas preferiram assim, pude perceber que ficaram mais à vontade, pois acreditamos que ao falar de suas histórias de vidas, lembranças são resgatadas, vindo à tona o que de mais significativo estava guardado na

memória, o que se diz não se refere apenas ao presente, muito mais ao passado.

Ao participarem das entrevistas, as mulheres lançaram mão da *memória individual e coletiva*. Na realização de um trabalho de recordar, fortaleceram mecanismos de resistência à medida que puderam *recuperar o passado vivido* antes da conquista da “terra prometida”. Relataram suas histórias, marcadas, simultaneamente, por momentos de prazer e felicidade e também por angústias e violência. Assim, tais mulheres reviveram situações que em outros momentos não poderiam expressar ou não se sentiram à vontade para isso. (FARIAS, 2008. p.1).

A história e as memórias individuais dessas mulheres são também parte da história de outras mulheres camponesas, da vida no campo, dos movimentos sociais de luta pela terra e dos direitos das mulheres, da história política e das políticas públicas de um Brasil, que, nos últimos tempos, vem sendo construído e reconstruído sobre diversas bases, que nem sempre atendem às necessidades específicas das mulheres do campo, mulheres essas que lutam com um país de fato democrático e com maior igualdade social.

Assim, para além de partilharmos as experiências vividas por mulheres camponesas, esta pesquisa se propõe a identificar as políticas públicas e programas de desenvolvimento rural acessados pelas mulheres camponesas que atuam na agricultura familiar *in loco*.

Esta pesquisa se desenvolve de modo especial no Assentamento Eldorado, conhecido por “complexo Eldorado”, e também no Assentamento Nazareth; por isso apresentaremos alguns dados e descrição da história destes Assentamentos.

O Assentamento Eldorado está a aproximadamente 25 km da sede do município de Sidrolândia<sup>4</sup>, surgiu da luta de famílias em busca do tão sonhado pedaço de chão. Luta essa que vem de longa data e têm momentos de confrontos, avanços e momentos de recuos, uma vez que o cenário agrário no município de Sidrolândia<sup>5</sup> apresenta as mesmas características da formação agrária do território brasileiro, que sempre foi marcado pela concentração de terra nas mãos de poucos, conforme descreve Assunção & Bernardelli (2017),

A ocupação das terras da região também passou pela distribuição de grandes áreas a empresas estrangeiras pelo governo federal; por exemplo, o espaço onde hoje estão organizados os assentamentos Alambari, Eldorado, Capão

---

<sup>4</sup> O Município de Sidrolândia encontra-se nos campos da Vacaria do Planalto da Serra de Maracajú, faz divisa ao norte com o município de Terenos, ao sul com o município de Rio Brillhante, ao leste com o município de Campo Grande e a oeste com o município de Maracajú e Dois Irmãos do Buriti possui dois distritos além da sede: Capão Seco e Quebra Coco. ([biblioteca.ibge.gov.br](http://biblioteca.ibge.gov.br)).

<sup>5</sup> O município está entre os principais, em número de assentados do Estado de Mato Grosso do Sul, são 25 assentamentos da reforma agrária os quais se configuram como unidades produtivas da agricultura familiar. Nos assentamentos da reforma agrária como principais eixos produtivos estão a produção leite e a produção de hortaliças, sendo os assentamentos apontados como um dos responsáveis pela dinamização do comércio local e do crescimento do município nos últimos anos. O município conta com 10 aldeias indígenas, que abrigam cerca de quatro mil indígenas.

Bonito e Vacarias foi destinado à companhia norte-americana Brazil Land Cattle and Packing Co., constituindo uma área total de 158.873 hectares, sendo incorporada ao patrimônio da União no ano de 1940, com o Decreto Lei nº 2.436, de julho de 1940, que desapropriou terras sob o domínio de empresas estrangeiras. Em 1950, essas terras foram repassadas para a Sociedade Anônima Cafeeira do Noroeste que aos poucos foi se desfazendo da área ou arrendando, restando uma área remanescente de 14.015 hectares que ficou em propriedade de Paulo Eduardo Souza Firmo, latifundiário paulista. (ASSUNÇÃO & BERNADELLI, 2017, p.310).

No ano de 2004, o Grupo Bertin adquiriu de Franca Giordanetti de Souza Firmo e Monique Giordanetti de Souza Firmo a Fazenda Eldorado e em agosto do mesmo ano, começaram as negociações para aquisição dessas terras que foram adquiridas pelo INCRA e destinadas à Reforma Agrária. (ASSUNÇÃO & BERNADELLI, 2017).

Assim, em 2005, a Fazenda Eldorado, também chamada de complexo Eldorado devido a sua imensidão (quase 30 mil hectares) de terras, foi dividida em três grandes grupos de Movimentos Sociais organizados: Eldorado I (MST e João Batista), Eldorado II (Fetagri) e Alambari (CUT, Fetagri, FAF) tornando-se um dos maiores assentamentos do Mato Grosso do Sul, colocando fim em décadas de latifúndio<sup>6</sup> para dar lugar a 2.278 unidades de produção familiar camponesa com crianças, jovens e adultos que trabalham e vivem nesse lugar. E, em 2014 foi criado o último assentamento no município de Sidrolândia, o Assentamento Joaquim Pereira Veraz, mais conhecido como Nazaré,

O assentamento Nazaré está situado no município de Sidrolândia, porém o acesso usual ao assentamento é pela BR 163, estando à entrada do assentamento a esquerda da Rodovia se considerarmos o deslocamento de Campo Grande a Nova Alvorada do Sul, ficando a 11 quilômetros do Distrito da Capital Anhanduí e a 70 km de Campo Grande e de Sidrolândia. O Assentamento Nazaré foi criado no ano de 2014, sendo esse o Assentamento mais novo do Estado do Mato Grosso do Sul. Antes de virar Assentamento as famílias que aqui vivem, ficaram acampadas cerca de oito anos nas margens da rodovia BR 163. Na época de acampamento existia cerca de 260 famílias acampadas, sendo que muitas dessas famílias desistiram e outras não foram aprovadas no processo de seleção do Programa de Reforma Agrária. As famílias do Assentamento Nazaré foram contempladas com seus sítios no dia 13 de agosto do ano de 2014, sendo o ano de sua criação. Atualmente são assentadas neste assentamento 171 famílias, divididas em três grupos sendo eles FETAGRI, CUT, MST. Também foram contemplados três quilombolas e 10 famílias sem movimento. (JACINTO, 2018, s/p).

Uma das grandes belezas do assentamento está na razão da sua existência que visa manter as comunidades vivas, preservar o campo vivo, habitado, produzindo alimentos e sonhos, construindo projetos, lutas e transformações sociais.

---

<sup>6</sup> O termo latifúndio, de origem latina, era usado na Roma Antiga para referir-se às extensões de terras controladas pela aristocracia, e passou a ser utilizado para designar grandes propriedades de terra em geral. (Dicionário da Educação do campo, 2012, p. 445).



## 1.2 Antecedentes: a luta pela terra

*Pelo fim do latifúndio  
Chega João, chega Raimundo  
Isso vai ter que mudar  
Nessa América Latina  
Será que a nossa sina  
vai ser sofrer sem parar  
Mas eu nisso não acredito  
Por isso eu tenho dito  
Vamos todos dar as mãos  
É a força popular  
levantando essa bandeira  
Reforma Agrária é no chão.  
Zé Pinto*

A luta pela terra no Brasil, remonta ao início da invasão Portuguesa em nosso território por volta do século XVI, invasão essa que fez do Brasil um dos países com maior concentração de terras no mundo. A concentração e a improdutividade, combinada com a monocultura, com a forma de ocupação de nossas terras, estabeleceram as raízes das desigualdades sociais que atingem o Brasil até os dias de hoje.

O renomado escritor português, José Saramago, em seu veredito no Tribunal Internacional para julgar os massacres de Corumbiara e Eldorado dos Carajás, afirma: “O latifúndio é algo absolutamente anti-humano. Algum dia alguém chegou e disse: isso aqui é meu e a partir daí começaram as desgraças todas, porque quem disse "isso aqui é meu", pôs imediatamente para guardar aquilo que disse ser seu: a polícia. E alguém disse: mas não posso ter aí um bocado ou aquilo de que necessito só para viver? Não pode. E se teima, entra e insiste, é abatido a tiro ou sacrificado de qualquer outra maneira”. O latifúndio é cruel. Não tem coração, nem alma. E saber que quase todo ele tem origem espúria...(Dom Orlando Dotti. Conflitos do Campo no Brasil. Apresentação. CPT, 1996, p.03).

As lutas dos primeiros indígenas, a resistência dos Quilombos, Canudos, Ligas Camponesas, entre tantas outras, foram as sementes lançadas que foram germinadas. Assim, no ano de 1984,

Os trabalhadores rurais que protagonizavam essas lutas pela democracia da terra e da sociedade se convergem no 1º Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país. Queremos ser produtores de alimentos, de cultura e conhecimentos. E mais do que isso: queremos ser construtores de um país socialmente justo, democrático, com igualdade e com harmonia com a natureza. Não apenas nos sentimos herdeiros e continuadores das lutas anteriores, mas também somos parte das lutas que nos forjaram no nosso nascimento. Do sindicalismo combativo, da liberdade política e das Diretas-

Já em 1984, quando já em nosso primeiro Congresso afirmávamos que, sem Reforma Agrária não há democracia (<https://mst.org.br/>).

A partir de então, o movimento se consolidou com base em três objetivos mobilizadores que perduram até hoje: a luta pela terra, por reforma agrária e por transformação social. Para o MST as ocupações de terra se tornaram a forma como o movimento se apresenta à sociedade. A ocupação é um ato de questionamento e de denúncia: questiona a função social da propriedade e denuncia que determinada terra não está cumprindo sua função social, como previsto na Constituição.

### **1.3 A presença da mulher na luta pela terra**

Embora o protagonismo das mulheres seja desempenhado de forma equivalente em relação aos homens em todas as etapas da luta pela terra: ocupação, acampamento e instalação do assentamento, percebe-se a resignação das mulheres imposta através das estruturas sociais e culturais do modelo capitalista patriarcal.

[...] patriarcado (supremacia masculina) proporciona a ordenação sexual hierárquica da sociedade para o controle político e como um sistema político não pôde ser reduzido à sua estrutura econômica; enquanto o capitalismo como sistema econômico de classes, impulsionado pela busca de lucros, alimenta a ordem patriarcal. Juntos eles formam a economia política da sociedade, não unicamente um ou o outro, mas uma combinação particular dos dois. (SAFFIOTI, 1985, p. 99 ).

As práticas de enfrentamento, de solidariedade e de resistência, que caracterizam a participação feminina nas ocupações de terra, acampamentos e assentamentos, antes tímida e limitada, foram se tornando expressivas e necessárias. Percebe-se que nesse caminho de construção dessa nova identidade camponesa elas enfrentam situações adversas com perdas e ganhos, onde criam alternativas, fazem adaptações, enfim, refazem seus sonhos e projetos em busca da terra e de melhores condições de vida. E assim vão conseguindo se identificar enquanto mulheres capazes de avançar sobre as cercas que as oprimem.

A partir do relato que fez sobre o ingresso no MST percebemos como é no seio das práticas cotidianas que se constroem os sentimentos que amparam as ações para um novo projeto. Ela procurou o pessoal do assentamento fazendo cadastro e certificou-se da possibilidade de ingressar sozinha como desejava e ainda teria a almejada escola para seus filhos. (DELBONI, 2017, p.140).

Não se pode ignorar a resistência das mulheres, assim, apresentamos relatos de lutas e engajamentos individuais e coletivos, sempre...

O movimento de luta pela terra é uma das expressões sociais que conchama homens e mulheres, vindos de muitos lugares, despertados de seus casulos, que se reconheceram enquanto integrantes de uma luta singular e engajados na busca por um futuro mais digno. Ao se tornarem plurais, modificam a sua trajetória e a da sociedade e deixam suas marcas para a história. Nesse sentido, o processo de luta pela conquista da terra é compreendido como um espaço fecundo de recriação sócio-cultural, onde as práticas cotidianas vividas pelo campesinato são (re)elaboradas em função das condições objetivas e subjetivas que essas lutas engendram. (FREITAS, 2007, p.46).

Nesse contexto, surge a necessidade de inserir um novo ingrediente nesse processo de luta pela terra, os debates sobre as relações de gênero, pois existia uma grande resistência para que as mulheres ocupassem determinadas posições, mesmo elas estando presentes nos espaços de luta e participando ativamente dos enfrentamentos e resultados obtidos no decorrer de suas ações.

Com muito embate, a participação das mulheres nas instâncias do movimento está se ampliando, pois a partir do momento que perceberam a importância de sua participação, começaram a questionar as estruturas machistas e foram percebendo a relevância de lutar por seus direitos e o mais importante, perceberam o valor de suas opiniões.

E assim o movimento sem terra segue construindo e reconstruindo conceitos, estratégias e ações, na busca de uma ampla reforma agrária, de caráter popular, que vá além das questões produtivas, abrangendo a construção de novas relações humanas, sociais e de gênero.

Nossa luta está só no começo. Precisamos fazer nosso trabalho de base nas periferias, chamar mais gente pra nossa luta e massificar esse movimento, pra gente fazer as lutas de que o povo tanto necessita. Estamos em março, e março tem um aroma especial, é quando nós sentimos nos nossos rostos um vento especial. Queremos fazer com que esse vento que nos acaricia agora vire uma ventania pra que, de fato, a gente possa cravar as transformações”. (MAFORT; Kelli. Brasil de Fato. Brasília-DF. 2020, s/p).

Para esta dissertação registrei o relato de cinco mulheres, relatos estes que estão no “Capítulo 1 - relato de vida na voz das mulheres camponesas”. As mulheres com as quais conversei foram: Edilaine Cristina Tavares, 38 anos, Elaine Tavares Leite, 43 anos, Giovana Aparecida Freitas Vieira Sales, 34 anos, Maria Alzenir da Silva (Ny), 49 anos e Viviane Mallmam, 33 anos.

No segundo capítulo, buscamos estabelecer um diálogo com as narrativas das mulheres, em busca de conectar o enredo de suas histórias de vida a contextos diversos para demonstrar os processos pelas quais passaram em suas trajetórias das lutas e permanência na terra. As lembranças nos mostram como elas construíram seus significados e a forma com a

qual elas se situam no espaço em que vivem.

No último capítulo, registro o que considero a ascensão e consolidação da participação feminina nos diversos setores da sociedade, bem como nesse espaço, por vezes contraditório, que é o campo e como elas foram se organizando socialmente, economicamente e politicamente, estabelecendo assim, espaços organizativos de estudos, de planejamentos, de vivências, troca de experiências e compromisso com a luta.

## **CAPÍTULO 1 - RELATOS DE VIDA NA VOZ DAS MULHERES CAMPONESAS**

*O que os livros escondem,  
as palavras ditas libertam.  
E não há quem ponha  
um ponto final na história  
Infinitas são as personagens...  
Conceição Evaristo*

### ***Edilaine Cristina Tavares***



*Meu nome é Edilaine Cristina Tavares, nascida no dia 21/08/1984, na cidade de Campo Grande-MS, sou eu e mais três irmãos, eu sou a segunda filha de Francisca Maria Tavares Leite, eu e minha irmã mais velha somos do mesmo pai temos mais dois irmãos que são de outro pai, eu fui criada só com*

*minha mãe, que quando engravidou de mim foi abandonada pelo meu pai, depois ela arrumou seu segundo marido que é pai dos meus dois irmãos, nesse período o pai dos meus irmãos faleceu e minha mãe nos criou sozinha, sempre trabalhando muito para nos sustentar, ficávamos na creche, eu me lembro que minha mãe trabalhava muito e a nossa vida era muito sofrida, ela arrumou vários companheiros e esses companheiros agrediram tanto ela quanto nós e por várias vezes nós saíamos correndo de casa por causa das agressões, ficávamos com muito medo e chorando... era muito sofrimento, e assim eu fui criada numa situação bastante complicada de muito sofrimento, de agressão, de todo tipo de agressão, quando tinha nove anos de idade minha mãe arrumou outra pessoa, o Gilmar, que nós consideramos até hoje como pai, ele ficou com minha mãe até os meus 25 anos.*

*Com 15 anos eu saí de casa, arrumei um namoradinho, namorei com ele três meses e fugi, fui embora de casa, minha mãe não queria deixar e nesse momento ela até tentou tirar*

*a própria vida pois ela dizia que ele era muito mau, ela falava que a família dele não prestava que eles agrediam as mulheres e eu falava pra ela que não, que ele era diferente, e fui embora, fugi da minha mãe e fui morar com ele. Com um mês e quase quinze dias aconteceu a primeira agressão ele me deu um soco e eu dei outro nele e nisso ele me deu dois socos e assim por diante, nesse momento acabou o respeito e ele começou a me agredir frequentemente, diariamente, depois de mais ou menos seis meses eu engravidei e nunca fiz pré-natal eu não sabia se a minha bebê era de nove meses, tive ela antes de fazer qualquer exame pré-natal porque morávamos em Ribas do Rio Pardo, no Assentamento Mutum na casa da minha sogra, que era muito longe da cidade, um certo dia eu comecei sentir as dores por volta de uma hora da madrugada e só fui socorrida às nove horas da manhã, no meio do caminho rompeu a bolsa e eu tive que ter a minha filha no meio do mato, desci do caminhão pra dar à luz, nesse momento meu cunhado voltou pra trás pra tentar conseguir um carro mais baixo para darmos continuidade no caminho, com a bebe já nascida, chegando em Ribas fui para o hospital local, porém não tinha incubadora, fui encaminhada para Campo Grande pra fazer os procedimentos, minha filha ela viveu nove dias e infelizmente ela veio a falecer por causa de um tétano no umbigo devido ao tempo que ficou com o cordão umbilical exposto até chegar no hospital.*

*Depois de tudo isso, eu e o pai da minha filha voltamos pra Ribas do Rio Pardo e ele foi trabalhar de moto-taxista e minha vida continuou a piorar, fomos morar numa casa cedida de um cunhado, nisso as agressões ficaram maiores porque ele arrumava outras mulheres e eu não aceitava e ele me batia, nesse período descobri que estava grávida novamente, aí que ele realmente pisava mesmo, um dia eu disse a ele que ia embora e me escondi embaixo da cama e ele chegou com outra mulher em nossa casa, aí que eu acreditei realmente que ele tinha outra mulher por causa disso ele me agrediu pior do que todas as vezes, machucou todo o meu rosto e a partir deste momento eu tomei uma decisão que não queria mais ele, que realmente eu ia embora e assim que acabasse todo o roxo do meu rosto eu ia embora, eu não tinha coragem de denunciar ele porque a família dele era muito ruim e eu sabia de várias coisas que eles faziam com as mulheres e eu tinha medo dele fazer alguma coisa, não comigo, mas com minha mãe, porque comigo ele já fazia, então eu nunca denunciei pra polícia isso, nunca tive essa coragem e quando acabou os roxos do meu rosto foi que eu tomei a decisão de voltar pra casa da minha mãe de novo, e assim fui embora. Quando cheguei na casa da minha mãe ela me acolheu de braços abertos, me apoiou, me ajudou financeiramente e eu tive a minha filha mais velha, que é a Ana Claudia, e lá eu fiquei mais ou menos uns três anos.*

*Depois de um ano e nove meses que minha filha nasceu, meu irmão conheceu um*

*acampamento e chegou falando: “Di, o acampamento é isso é aquilo, você vai ter sua casa.” Ele construiu um sonho na minha cabeça, aí eu falei eu vou pra lá, ele falou: “olha até a Simone tá lá”, a Simone era minha melhor amiga, então eu falei pra mim mesma, cara se a Simone tá lá, eu vou também, então fui com ele pra conhecer o acampamento, quando chegamos lá eu falei: eu vou ficar aqui, aqui é o meu lugar, eu vou pegar uma terra pra mim, vou tem uma casa pra morar, porque eu morava com a minha mãe dependendo dela, a minha mãe vivia uma situação muito complicada porque ela trabalhava pra comprar o alimento, ela era empregada doméstica e não recebia muito, o dinheiro era muito pouco pra sustentar quatro filhos.*

*Então fui pro acampamento chegando lá comecei a fazer os cursos de base, as formações de base, conheci como era o movimento, aprendi sobre questões de gênero, tinha muita palestra sobre as mulheres que eram agredidas, nossa ali parece que eu me senti como se tivesse na primeira série de novo e tava aprendendo a viver, eu agradeço muito ao movimento do MST, porque a partir daquele momento eu me descobri, percebi que eu era uma mulher forte e guerreira e que eu conseguiria vencer na vida, foi ali que eu dei os meus primeiros passos de vida e assim fui fazendo os cursos e participando dos cursos do movimento, aprendendo, crescendo, amadurecendo. Teve um curso que eu fui em Brasília que era chamado “prolongado” e tive que deixar a minha filha em Campo Grande com a minha mãe, e fui, só que chegando lá eu fiquei com muita saudade dela e eu ainda era meio descabeçada, foi eu e mais três companheiros do acampamento e chegando lá no curso eu me senti muito sozinha e pedi pra eles me enviarem de volta pro Estado e eles falaram que não iam me enviar, até por uma questão de disciplina, porque se abrissem uma exceção pra mim teria que abrir para outro também, eu por ser meio imatura ainda acabei decidindo vir embora por conta mesmo, assim os companheiros que estavam comigo também decidiram vir embora também, voltamos de carona, gastamos cinco dias de Brasília a Campo Grande só de carona, não foi fácil, mas nós conseguimos chegar, quando chegamos no acampamento passamos por uma avaliação do Setor de Disciplina, porque isso não poderia ter acontecido, fizemos as nossas justificativas e conseguimos ficar no acampamento.*

*O acampamento é a base de tudo porque lá nós aprendemos como devemos nos posicionar diante da sociedade, como e o que fazer para chegar no assentamento, aprendemos de tudo, a se portar, a ser companheiro, não agredir as pessoas, dessa maneira passei por esse processo e venci.*

*Depois de um tempo viemos para o pré-assentamento já dentro da Fazenda Eldorado, o nome do nosso assentamento é Ernesto Che Guevara. Teve um episódio quando*

*fomos fazer o cadastro do INCRA, nós mulheres que éramos solteiras, todas fomos reprovadas pelo INCRA, pois segundo eles não tínhamos aptidão para estar na área rural, me disseram: “você precisa de mão de obra, porque você tem uma criança e como você vai trabalhar no sítio?” Eu disse que ia trabalhar em coletivo que eu poderia até dobrar a minha mão de obra, mesmo assim o funcionário falou que não, que eu não poderia pegar o lote, nisso o movimento interveio, sendo essa uma das primeiras conquistas das mulheres solteiras que conseguiram ser assentadas, o mesmo ocorreu com os homens solteiros, porém, esses sim poderiam pegar o lote porque eles tinham a mão de obra e todos eles pegaram lote, e atualmente nós as mulheres solteiras que fomos reprovadas pelo INCRA estamos todas no lote e os homens solteiros que foram aprovados muitos deles não se encontram mais no nosso meio, só pra lembrar essa parte da história, que fomos reprovadas por uma situação e estamos na luta até hoje.*

*Em 2005 entramos definitivamente no lote, em seguida começaram a vir várias outras conquistas, primeiro foi o nosso fomento que era pra gente se alimentar, pra comprar nossas mudas, pra começarmos a produzir no lote, depois veio a energia, a rede de água, o crédito da habitação que é a construção das nossas casas onde as famílias tinham que contribuir com a mão de obra da construção, neste momento eu que era sozinha, tive que me virar, eu tinha que dar um jeito de construir minha casa, e consegui, aprendi a assentar um tijolo e daí pra frente eu fui até o fim, inclusive o piso da minha casa fui eu que assentei, claro que eu tive ajuda de alguns profissionais, mas a maioria das coisas feitas na minha casa fui eu mesma que fiz, minha casa tem mais de 100 m<sup>2</sup>. Nesse tempo tive mais dois filhos, uma menina e um menino, de companheiros diferentes.*

*Depois da minha casa construída eu retornei aos meus estudos, voltei à escola continuei estudando, fui pra quarta fase na EJA do ensino fundamental, concluí o ensino fundamental e iniciei na EJA do ensino médio e quando estava na segunda fase do ensino médio, com o incentivo de amigos me inscrevi no vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul na UFMS e passei no vestibular da Educação do Campo, como ainda não havia concluído o ensino médio, tive que entrar na justiça e com um mandado de segurança consegui fazer minha matrícula e começar minha faculdade, só que o estado recorreu da decisão e eu tive que parar de fazer a faculdade, poderia até ter recorrido mas desanimei, mas continuei meu ensino médio, concluí o ensino médio. Nesse meio tempo consegui várias outras conquistas, comprei um carro zero km, acessei o PRONAF<sup>7</sup> que me possibilitou*

---

<sup>7</sup> O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar foi criado pelo governo federal, através da Resolução nº 2.141, de 24 de agosto de 1995. É um Programa de apoio ao desenvolvimento rural, a partir do

*adquirir minhas vacas de leite e gerar renda. Consegui arrumar um serviço na Prefeitura do município, de motorista do transporte escolar aqui na nossa região, trabalho há 4 anos no transporte escolar.*

*Hoje tenho meu gado, tiro leite, o que nos ajuda a nos mantermos no lote, quando necessário vendo um bezerro e assim estamos aqui firmes na luta, produzindo pro auto sustento.*

*Meus filhos, duas meninas e um menino, que tem 10, 12 e 16 anos estão estudando, minha filha mais velha está estudando numa escola do MST em Veranópolis no Rio Grande do Sul, fazendo o ensino médio com técnico em cooperativas e de lá poderá ingressar na faculdade pelo PRONERA<sup>8</sup>, é o meu maior sonho.*

*Hoje eu tenho um companheiro que também está trabalhando junto comigo no transporte escolar, eu trabalhava os três períodos sozinha e esse ano ele entrou pra contribuir na luta, ele ficou com um período e eu com o outro e a gente se dividiu tanto no transporte escolar quanto nos afazeres do lote, porque antes ele trabalhava pra fora e agora ele tem mais tempo disponível pra cuidarmos do lote, isso pra mim é uma satisfação muito grande, estou muito satisfeita por morar aqui. Estou assentada aqui há treze anos e o movimento me ajudou muito a crescer na minha vida, eu agradeço muito ao MST. Aqui é o melhor lugar do mundo pra mim. Estarei sempre na luta, sem desistir...*

*Hoje, em janeiro de 2023, eu retorno aqui pra dar continuidade a minha trajetória, nossa, quanta coisa aconteceu desde a última vez que gravei pra você né, como é bom a gente rever o que foi dito e ver que continuamos seguindo na luta.*

*Em fevereiro de 2019, eu passei por uma situação muito delicada, que marcou a minha vida, quando tava pra começar as aulas, já ia pegar o ônibus escolar, eu sentia muitas dores no pé da barriga, fui no postinho de saúde aqui no assentamento, eu achava que era gases, porque eu era muito ressecada, fui medicada, mas a dor não passava, fui pro hospital regional em Campo Grande, com muitas dores, fizeram vários exames, fiz tomografia e não viram o que eu tinha, ai vim embora de novo, passou um dia e no outro dia voltei de novo pro hospital porque a dor não passava, aí o médico falou pra mim que poderia ser apendicite, mas que não mostrava nos exames, mas mesmo assim eles iam abrir e fazer a cirurgia pra retirada da*

---

fortalecimento da agricultura familiar como segmento gerador de postos de trabalho e renda. O Programa é executado de forma descentralizada e tem como protagonistas os agricultores familiares e suas organizações. <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-mistas/cpcms/siglas/siglar2/p/PRONAF.html>.

<sup>8</sup> Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária.



*apêndice, fiz a cirurgia com cinco dias eu retornei pra minha casa e no outro dia retornei ao hospital de novo com muitas dores de novo, fiz tomografia e não mostrava né o que tinha e os médicos me submeteu a outra cirurgia pra que fizesse a lavagem porque tinha líquido dentro da minha barriga e nisso eu já não saí mais do hospital, fique internada durante um mês, passei por cinco cirurgias e na última cirurgia minha, que foi a quinta, antes tive que fazer uma tomografia, mas a máquina do hospital regional quebrou e fui fazer o exame no HU, que foi onde viram o que eu tinha, que meu intestino estava perfurado, acho que foi um erro médico, quando operaram a apêndice, perfuraram meu intestino grosso, e daí as fezes e líquidos se espalharam pelo meu intestino causando infecções, depois desse exame fiz a quinta cirurgia com urgência, onde fui submetida a ostomia, saí do hospital com uma bolsa de colostomia a qual fiquei por sete meses, até cicatrizar por dentro, imagina o alívio quando finalmente fiz a cirurgia pra retirada dessa bolsa, e hoje só me restaram as cicatrizes, estou bem de saúde e faço o acompanhamento médico.*

*Nesse período, se não fosse pelos amigos e familiares não teria suportado, pois meu companheiro saiu de casa, me deixando com várias dívidas, mas consegui dar a volta por cima, com muita fé, força de vontade, apoio dos amigos e familiares.*

*Agora estou participando de um projeto de beneficiamento da mandioca, no período da pandemia nós mulheres e a juventude do assentamento, acessamos um crédito pelo Fundo Elas, recebemos trinta e sete mil reais, que seria destinado à implantação de uma agroindústria de mandioca, reunimos as mulheres, foram mais de vinte, começamos a discutir como seria, decidimos que um grupo iria plantar cerca de meia hectare de mandioca cada uma em seu lote, com esse recurso ainda compramos uma carga de cama de frango e calcário, para preparo do solo nas áreas onde iria ser plantada a mandioca, assim, compramos a lavadora, a descascadora e a picadeira de mandioca, e também uma câmara fria pra armazenamento, daí o próximo passo era arrumar o local pra instalar esses equipamentos, aqui no assentamento temos uma área social, onde temos duas casas e um barracão que eram da antiga fazenda, assim começamos a fazer as adaptações necessárias, em uma das casas, conseguimos um apoio da prefeitura que nos doou alguns materiais, como piso, forro, telha, entre outros.*

*Começamos a mexer mas faltou recurso e estamos até hoje sempre que dá fazendo um promoção para arrecadar dinheiro para continuarmos as obras, ah, também estamos com um problema de energia, pois precisamos de energia trifásica e já tem mais de dois anos que pedimos pra energisa e até agora nada, mas continuamos, a passos bem lentos, mas continuamos.*

*Fiquei separada do meu companheiro por um tempo daí voltamos novamente, com a promessa de que dessa vez ia ser diferente, e foi, fomos pra igreja, nos casamos, fiquei esse ano inteiro fora do transporte escolar por causa da minha cirurgia e ele, que já havia saído do transporte escolar foi trabalhar em fazenda, achei até melhor porque não ficava tanto em casa, assim nosso relacionamento foi até bem. Mas as brigas e desentendimentos continuaram, ele não aceitava a minha autonomia, e eu sou assim, sempre participei das atividades do movimento, sempre na linha de frente das lutas e ele não aceitava isso, ele me queria submissa, mas isso não, jamais, daí novamente em outubro/novembro do ano passado nos separamos novamente, e dessa vez foi pior que as outras pois me deixou em uma situação financeira muito alta onde eu desfiz de todas minhas vacas e com uma dívida de um carro que ele comprou no meu nome, nossa não foi fácil, separação já mexe com o psicológico, imagina quando envolve o financeiro,, agora é definitivo, não quero mais.*

*Agora quero falar de meus filhos, os dois menores, a Amanda e o Thallyson, continuam estudando aqui no assentamento, ela, no terceiro ano do ensino médio e ele, no nono ano, na última vez que fiz o meu relato, minha filha mais velha, Ana Claudia, estava fazendo o ensino médio em Veranópolis no Rio Grande do Sul, no último ano do curso ela engravidou, naquele momento foi um baque pra mim, pois estava saindo do hospital, recém operada, ostomizada, não esperava por isso, mas dei todo apoio pra ela e assim chegou até nós a pequena Frida Valentina, que é a luz em nossas vidas, é o meu xodó, não vivo sem ela, ela é um dos motivos que me faz seguir em frente, a Ana continuou os estudos e hoje faz enfermagem pelo Pronera na Uniãoeste em Foz do Iguaçu-PR, meu sonho é ver meus filhos formados, também estou pensando em voltar a estudar, quero fazer faculdade de Serviço Social.*

*Aqui no assentamento temos um grupo político bem organizado, debatemos, mobilizamos ações em benefício das famílias assentadas, assim ponderamos que já era tempo de termos um representante na câmara dos vereadores aqui em Sidrolândia, assim decidimos no coletivo lançar uma candidatura nas eleições de 2020, e o meu nome foi o escolhido, assumi a tarefa e concorreremos com um projeto de um mandado participativo com uma campanha muito linda com a inclusão de jovens adultos envolvidos na campanha por acreditar no projeto, não ganhamos a vaga na câmara, mas ganhamos conhecimento, visibilidade e respaldo; fui a candidata mais votada no campo, tivemos 204 votos, o que nos deu a possibilidade de fazer algumas indicações para vagas de emprego para nossos companheiros e companheiras aqui no assentamento e dentro desse projeto tínhamos como meta a subprefeitura aqui do Distrito, assim assumimos a Subprefeitura do Distrito do Capão Seco onde ficamos 1 ano, foi um*

*período de muito crescimento, mas aconteceram várias situações em minha vida como a separação, daí conversei com o grupo coletivo e acordamos que eu ia deixar a subprefeitura, mas não posso ficar parada né, tenho contas pra pagar e filho pra sustentar, assumi outro desafio, fui secretária da Secretaria do Sederma, Secretaria de Desenvolvimento Rural e Meio Ambiente da Prefeitura em Sidrolândia pra trabalhar com o caminhão de calcário para atender nossa agricultura familiar, saio de madrugada com um o caminhão, um Volvo trezentos e trinta, um VL o caminhão, um Volvo trezentos e trinta, um VL, pra buscar calcário lá em Bela Vista e faço as entregas nos assentamentos daqui da região, estou nessa nova experiência de vida, nada é fácil nessa vida mas estamos na luta sempre pra encarar os novos desafios da vida, parece que isso não para em minha vida. E a página vira, estamos aqui há dezessete anos no assentamento Ernesto Che Guevara. Com muita luta e resistência, pois a luta nos ensina a não fugir dela.*

### ***Elaine Tavares Leite***



*Em primeiro lugar eu quero agradecer de tudo a Deus pela minha vida, pela vida da minha família, meu nome é Elaine Tavares Leite, sou natural de Campo Grande Mato Grosso do Sul, nasci no ano de 1979, atualmente sou casada moro no assentamento Ernesto Che Guevara, lote 543 Eldorado I.*

*A minha história de vida é um pouco longa e sofrida quero começar a falar da minha mãe, que hoje já é falecida, o nome dela era Francisca Maria Tavares Leite, o nome do meu pai Antônio Costa Leite, eu fui criada um pouco com a minha mãe, outras vezes com meu pai porque quando eu era criança eles se separaram então ficava aquela disputa pois naquela época minha mãe não tinha conhecimento e também não tinha muito direitos da criança e do adolescente como hoje, então meu pai me levou para ficar com ele. Teve uma época que eu morei com meu pai e minha madrasta, no município de Aquidauana em uma fazenda perto de uma aldeia eu me lembro que meu pai trabalhava de oleiro nessa Fazenda, eu estudava, mas não tinha uma vida feliz porque minha madrasta me maltratava, após um tempo meu pai se separou dela e me levou pra casa dos uns tios onde fiquei por um tempo, lá eu era bem tratada. Um certo dia minha mãe foi lá e me roubou eu estava na escola, ela foi lá pegou minha transferência e me trouxe pra morar com ela, ela já tinha meus irmãos e nesse período o marido dela faleceu e a nossa*

*vida que já não era fácil ficou pior, eu ajudava a cuidar dos meus irmãos e minha mãe trabalhava de doméstica e ganhava muito pouco pra sustentar os quatro filhos. Eu me lembro que morávamos no bairro Los Angeles em Campo Grande, era um bairro muito ruim, havia poucas casas, era um bairro muito humilde.*

*O tempo foi passando, quando tinha 11 anos minha mãe arrumou um serviço pra eu trabalhar de babá em uma casa de família, tinha que morar nessa casa, o nome da minha patroa era Emilia ela tinha três filhos homens, tinham um filho que ele era deficiente mental e eu tinha que cuidar desse menino e ajudar nos afazeres da casa e na parte da tarde eu estudava, essa mulher me ajudava com roupas e muitas vezes ela dava dinheiro para minha mãe, assim eu fui crescendo, morando na casa dos outros, trabalhando de doméstica, de babá e sempre ajudando a minha mãe. Foi uma vida difícil porque depois que minha mãe perdeu o esposo, arrumou outros padrastos, tinha pessoas que judiavam muito de nós, sofremos abusos, pressão psicológica, teve uma vez que ela arrumou um rapaz que torturava a gente, nos prendia dentro de casa e falava que ia nos matar. Acredito que por ela arrumar pessoas erradas nós é quem sofriamos as consequências, às vezes eu acho que a pessoa que ela arrumava era até psicopata porque tinham um comportamento fora do normal e quando a gente é criança não entende muito bem, mas depois que você cresce que você olha lá atrás e vê o que você passou e consegue entender o que viveu, é difícil pra mim falar sobre essa história é um passado que mexe muito comigo, até quero te pedir desculpas pela emoção mas eu me lembro que a minha mãe sofreu muito ela apanhava, o marido que ela arrumava colocava a gente para correr, nossa, foi um tempo assim que eu não gosto nem de lembrar.*

*E aí foi passando o tempo eu fui chegando naquela fase de adolescência onde dei muito trabalho para minha mãe porque eu era muito revoltada arrumei namorado cedo e a minha mãe não tinha diálogo, éramos mocinhas e ela não conversava com as filhas pra falar tudo que a gente tem que saber, enfim o que se tem que falar para um filho uma filha, preparar para o mundo falar sobre os cuidados que a gente tem que ter, acho que hoje em dia os pais falam abertamente com os filhos. Eu vejo que cresci muito revoltada, eu trabalhava muito e não tinha objetivo de estudar, de ser alguém na vida porque a minha revolta era muito grande, arrumei meu primeiro namorado com 13 anos, já comecei dar trabalho para minha mãe muitas vezes eu fugia de casa, hoje até penso que tudo que eu fiz a minha mãe passar eu já sofri com os meus filhos. Mas eu não culpo minha mãe, pois como ela poderia passar pra gente algo que ela não teve.*

*Com 17 anos tive meu primeiro filho, Jakson, eu tentei esconder a gravidez, fiquei com muito medo da minha mãe me expulsar de casa e brigar comigo então fui levando aquela*

*gravidez até que um dia não deu mais para esconder, eu estava trabalhando na casa de família, mas não morava lá vinha embora para casa todos os dias, contei o fato para o pai do meu filho que tinha 25 anos e ele me tirou de casa me levou para morar com ele, eu não tinha experiência nenhuma mas fui, no começo foi bom, mas depois ele começou a me bater e mesmo assim ainda fiquei com ele e tive meu segundo filho, o Jadson, e o tempo foi passando e ele saía pra trabalhar e chegava meia-noite, uma hora da manhã em casa e muitas vezes eu ficava na beira da rua esperando ele até ele chegar e ele chegava bêbado e bravo, teve um dia que eu não aguentei mais eu peguei meus dois filhos e fui embora e aí ele começou a me perseguir porque ele não aceitava a separação começou a me ameaçar de morte, algumas vezes ainda voltei com ele mas aí eu vi que não dava mais para porque ele era um homem muito ignorante e ele era muito machista, qualquer coisa ele já metia a mão e eu não aguentava mais, teve um episódio que eu peguei um cabo de vassoura quebrei na cabeça dele, eu estava grávida do meu segundo filho eu fui parar no hospital de tanto que ele me bateu. Voltei pra casa da minha mãe com meus dois filhos, voltei para estaca zero e mesmo assim ele continuou a me perseguir disse que queria um dos filhos dele, então acabou ficando com menor, o Jadson e eu fiquei com Jakson, só assim para ele me dar paz e por não ter conhecimento dos meus direitos acabei cedendo.*

*Comecei então a viver minha vida novamente, comecei a trabalhar e a estudar pois eu tinha parado no sétimo ano e por achar que tinha me casado muito cedo resolvi curtir a vida de novo e foi onde eu arrumei mais filhos, comecei a namorar e logo engravidei aí veio a Carolaine, como não tinha muita experiência da vida eu fui aprendendo e apanhando com o mundo, aprendendo a viver a vida, mas graças a Deus eu nunca precisei me prostituir e nem roubar, embora revoltada, nunca precisei usar nenhum tipo de droga, só bebia, apesar que a bebida é uma droga, eu andava junto com uma prima e só bebia, só ia para o mau caminho.*

*Consegui construir uma peça nos fundos da casa da minha mãe, era um quarto com banheiro, ali era meu quarto, minha sala, minha cozinha e morava ali com os meus filhos. Conheci uma pessoa e comecei namorar e tive outra filha, a Claudia, eu não me arrependo de ter tido meus filhos, eu me arrependo de ter me envolvido com pessoas erradas, mas Deus sabe de todas as coisas e graças a Deus que todos eles vieram com saúde e hoje são jovens saudáveis.*

*Até essa parte da minha vida eu não tinha vontade de ir pro assentamento, eu morava nos fundos da casa da minha mãe e sempre me desentendia muito com meu irmão, que já era um rapaz, porém muito ignorante, batia nos meus filhos e quando eu saía para trabalhar ele*

*entrava na minha casa e comia todas as coisas dos meus filhos e aquilo ia me revoltando, um dia ele bateu no meu filho e eu fui questionar com ele me bateu também e minha irmã deu um soco na cara dele e depois ele queria bater na gente, queria matar nós duas, chamamos a polícia, mas não deu em nada. Foi depois desse episódio que decidi ir pro assentamento. Na verdade não era nem assentamento, era acampamento o qual minha irmã já era acampada, então ela me inscreveu, eu não tinha opção, na verdade eu fui por pressão, não foi por livre espontânea vontade, porque até então eu nunca tinha pensado em ficar acampada e no final fui sortuda porque com seis meses que estava acampada teve o sorteio para irmos para Fazenda Eldorado, não foi fácil, foi um processo difícil porque uma pessoa que era acostumada a viver na cidade de repente vim pra um lugar onde não tinha nada, tudo era longe da cidade, mas fiquei acampada mesmo assim.*

*Quando viemos pra fazenda Eldorado eu tinha um namorado na cidade e em seguida descobri que estava grávida, ele não veio morar comigo mas me deu toda assistência, fiquei morando sozinha e tive meu quarto filho, o Adrian. Assim fui vivendo, eu saía para fora arrumava a faxina lá em Campo Grande, às vezes pegava serviço aqui no assentamento mesmo de lavar roupa, nas colheitas. Eu era uma pessoa bem diferente da minha irmã porque ela sempre interagia com as pessoas e eu sempre fui fechada sempre fui mais reservada, ela participava do setor de cultura eu participava no setor de gênero e depois que fomos pro lote foi uma parte mais difícil porque quando você tá acampada ainda você tem a sua NB (núcleo básico composto por dez famílias) as pessoas são mais próximas, mais unidas, mas depois quando cada um vai pro seu lote há um distanciamento, eu e minha irmã também ficamos um pouco distantes, ela ficava um pouco no meu barraco e eu ficava no dela e a nossa vida foi assim, as crianças foram crescendo e depois de um tempo vieram a construção das casas como era por etapa eu saí na primeira etapa.*

*Com isso consegui a minha tão sonhada casinha e eu que cheguei aqui e não tinha nada, não tinha casa para morar, não tinha nenhum objetivo, nem esperança, mas ela surgiu quando eu recebi esse lote, aí eu comecei a ter uma visão diferente que eu podia conseguir, foi difícil, anos difíceis, passamos por muitas necessidades muitas vezes quando vinha aquele temporal que descobria os nossos barracos, os ventos vinham e levavam tudo eu falava assim comigo: meu Deus, eu vou embora desse lugar o que eu tô fazendo aqui, mas depois eu pensava bem, refletia e falava não vou voltar para trás o que eu já consegui foi à base de muita perseverança e muito sofrimento. Agradeço muito ao MST que me possibilitou essas conquistas e também na época nós tínhamos apoio do nosso Presidente, na época nós recebíamos uma cesta de alimentos que era do Fome Zero, tínhamos também a chamada caixa*

*branca que era um sacolão fornecido pelo governador Zeca e depois quando o André Puccinelli entrou a primeira coisa que ele fez foi cortar a caixa branca. Quando chegou a Assistência Técnica acessei o crédito do PRONAF e consegui comprar minhas vacas leiteiras que se tornaram em uma fonte de renda para minha família, e assim fui tirando leite, plantando, colhendo hoje tenho minha casa mobiliada, minha moto, minhas vacas, meu lote cercado, formado.*

*Hoje eu olho para trás e agradeço a Deus por ter chegado até aqui por não ter desistido. No decorrer dos anos surgiu a oportunidade para a gente terminar os estudos e eu terminei; e o primeiro trabalho que eu arrumei aqui no assentamento foi de secretária na Associação Crescer que prestava assistência técnica para os assentados, depois fui trabalhar na escola, e hoje eu continuo trabalhando na escola entrei lá como auxiliar de serviços gerais hoje eu estou na cozinha sou merendeira da escola.*

*Hoje depois de tudo isso, depois de muito tempo eu arrumei uma pessoa certa para minha vida, me casei, meu esposo trabalha fazendo bico para fora de pedreiro e me ajuda bastante, e estou esperando outro bebê, é uma menina e vai se chamar Emilly Vitória, tem um ano que eu sou evangélica sou da Igreja Assembleia e graças a Deus eu me considero hoje uma pessoa, não vou dizer 100% realizada, porque têm muitos projetos, muitas coisas que a gente gostaria de realizar mas nem sempre as coisas são do jeito que a gente quer, mas vamos pedindo força para Deus, que ele abençoe os nossos filhos, que eles tenham uma vida abençoada, que não seja tão sofrido igual a que eu tive e hoje graças a Deus eu estou bem e teve muita diferença entre o antes e o agora, antes a minha vida foi sofrida demais hoje eu acho que eu vivo mais sossegada mais em paz comigo mesmo e é isso o meu relato de vida. Eu quero te agradecer e me desculpar por ter me emocionado um pouco, falando do meu passado, peço a Deus que Deus abençoe você e sua família e quero te agradecer por essa oportunidade, tá bom, é isso então.*

#### **Giovana Aparecida Freitas Vieira Sales**



*Olá meu nome é Giovana Aparecida Freitas Vieira Sales, tenho 34 anos nasci em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sou professora, formada em pedagogia atuo na Escola Municipal João Batista e na extensão João Batista da Escola Estadual Paulo Eduardo de Souza Firmo.*

*Minha infância parte dela eu passei em Rio Verde na casa da minha avó, por mais que morássemos em Campo Grande frequentemente íamos para casa dela, lá tomávamos banho de rio, brincávamos de catar coquinho na beira do rio, lavávamos roupas no rio, minha avó cozinhava a lenha, nossas brincadeiras eram de peteca, de fazendinha, pular corda, de fazer bichinhos... Foi uma infância muito bacana, eu passei a maior parte com os meus primos porque eles também iam pra lá. No final do ano a família sempre se reunia em Rio Verde, foi um período muito bom. Já na minha adolescência foi um período um pouco conturbado por que meus pais se separaram quando eu tinha 13 anos de idade, ficamos com meu pai e ele por não aceitar a separação, não deixava eu ver minha mãe, tínhamos que nos encontrar às escondidas, ela ia até a escola onde eu estudava e nos encontrávamos no banheiro da escola. Isso foi me fazendo muito mal, tive uma depressão na adolescência e vendo que eu não estava bem meu pai foi mudando seus conceitos e permitiu que eu visse minha mãe, que na época entrou na justiça para requerer a minha guarda, assim depois de um tempo fui morar definitivamente com ela. Fui mãe bem cedo fiquei grávida com 15 anos e tive meu primeiro filho, o Pablo, que hoje tem 18 anos e nesse período de 14, 15 anos, eu conheci o Movimento Nacional de Luta pela Moradia que é o MNLM, participava das reuniões, das caminhadas, das idas em Brasília. O local onde nós estávamos morando em Campo Grande já era fruto da luta pela moradia, que é o bairro Bosque da Esperança, hoje está tudo regularizado é uma área bem valorizada mas no início eram barracos, a energia passava pelo chão era tudo muito improvisado mas hoje é um bairro bem bacana e após isso já com meus 18 anos eu conheci o movimento dos trabalhadores sem terra - o MST - por meio da minha mãe, ela tinha uma amiga que já estava acampada no acampamento Oziel em Campo Grande e falou com ela, se ela não queria entrar para poder lutar pela terra, minha mãe entrou e me convidou. Ela era interna e eu era externa e logo depois viemos para Eldorado onde ficamos no pré-assentamento perto da escola, foi quando eu e minha mãe começamos a trabalhar na escola, já estava cursando o segundo ano de pedagogia.*

*Por meio de muita luta da comunidade e das lideranças nós conseguimos a implantação da nossa escola dentro do assentamento e as coisas foram andando muito bem graças a Deus. Quando passados mais ou menos dois anos, nós fomos para o nosso lote, morei em barraco depois de algum tempo construímos a nossa casa que hoje tem todo acabamento, recebi tudo que foi de direito em relação a material graças a Deus. Recebi o Pronaf, tenho as minhas vacas de leite, quando vim para cá meu filho ia fazer ainda 7 anos e consegui criar bem o meu filho, me casei e tenho outra filha, a Manu, que tem 10 anos. Tudo o que eu consegui em*



*grande parte foi a partir do momento que eu entrei para o movimento dos trabalhadores sem-terra, o MST, tive a oportunidade de ingressar na faculdade UEMS pelo governo do Zeca onde foi colocado que quem tivesse algum vínculo com o estado poderia fazer essa faculdade de pedagogia que foi totalmente gratuita e como era professora do MOVA<sup>9</sup> e consegui ingressar e concluir a minha faculdade, minha mãe também se formou e é professora na escola municipal. Assim consegui meu sítio, minha casa, consegui me manter aqui, passei no concurso da Prefeitura de Sidrolândia e hoje sou professora na Escola Municipal que está aqui dentro do assentamento e que foi fruto da essa luta, também sou coordenadora da extensão da escola do Estado, ainda não temos prédio próprio mas com cedência de salas por meio da coordenação do MST conseguimos manter a escola funcionando. Então conquistei muitas coisas com muita luta, com muita determinação devo muito, muita gratidão primeiramente a Deus, a minha família que sempre me apoiaram principalmente a minha mãe e também todas as pessoas da minha comunidade porque tudo que nós conquistamos aqui foi por meio da luta pois sozinhos não conseguiríamos nada. E hoje nós podemos nos considerar vitoriosos, nossa luta pela educação continua. Acredito que as reuniões, caminhadas e organizações do MST são importantes porque se não houvesse uma organização no assentamento nós não tínhamos chegado aonde chegamos então....*

*Que bom que tudo isso aconteceu.*

### **Maria Alzenir da Silva (Ny)**



*Eu me chamo Maria Alzenir da Silva, eu nasci na nona linha em Glória de Dourados no sítio, meus pais sempre foram da roça, sempre foram do campo, aí quando os filhos já estavam adolescentes, meus pais mudaram pra cidade, pra Deodópolis. Eu com dezoito pra dezenove anos vim pra*

*Campo Grande vivi um tempo em Campo Grande e no ano de dois mil e seis eu fui convidada a participar de um acampamento da Reforma Agrária, aí eu sem experiência, sem saber ao certo o que que era um acampamento, meus filhos pequenos na época, eu tenho quatro filhos, três meninos e uma menina, na época eram todos pequenos, minha filha tinha uns cinco*

---

<sup>9</sup> Projeto MOVA-Brasil - Movimento de Alfabetização de Jovens e de Adultos. Gadotti, Moacir. "MOVA-Brasil 10 anos: Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos" (2014).

*aninhos, aí fui, meu primeiro acampamento foi ali na Estação Guavira, no município de Terenos. Dali nós fomos pra uma fazenda lá em Aquidauana, a Fazenda Ilma, que na época nós não sabíamos, mas a fazenda era área indígena, mas na época nós acampados não sabíamos, aí lá nessa fazenda nós sofremos um despejo que foi um pouco truculento pelo exército, eles chegaram assim do nada e deram duas horas no máximo pra todo mundo tá desmontando os barracos que eles iriam tirar a gente do local. Eles chegaram com caminhão, trator e tudo mais, e aquelas pessoas que estavam no acampamento tinham que salvar as suas coisas, seus barracos, suas madeiras dos barraco e os seus pertences e aquelas famílias que não estavam no acampamento na época e no horário perderam tudo, o trator passou em cima de tudo e destruiu todos os barracos. Aí os barracos foram postos na BR, aí de lá a luta continuou, né? Não foi o exército que fez a gente desanimar. Aí na época nós montamos um acampamento nas margens de um riozinho ali em Dois Irmãos do Buriti, ficamos acampados durante um ano e pouco lá em Dois Irmãos do Buriti aí de lá nós fomos pra frente de uma outra fazenda lá em Cipolândia, na qual nós ficamos lá também mais um ano e pouco acampado na frente dessa fazenda, aí um certo dia, a minha tia que era acampada aqui na Estação Guavira onde tudo começou, ela ainda estava acampada na Estação Guavira que é aqui na BR que vai pra Sidrolândia, eu fui fazer uma visita pra ela aí ela me convidou, ela falou que a liderança do acampamento estaria vindo pra frente dessa fazenda, da fazenda Nazaré e me perguntou se eu não queria tá junto, aí eu sem pensar duas vezes, falei sim, quero. Aí voltamos lá pra pro acampamento que a gente estava em Cipolândia desmontamos o barraco tudo e nos unimos a esse grupo de doze famílias. Que foram as primeiras doze famílias que abriu o acampamento que fica aqui na frente do Assentamento Nazaré. Esse acampamento quem trouxe foi a CUT<sup>10</sup>, na época a CUT existia CUT RURAL, hoje a CUT Rural já é extinta não existe mais, mas na época ainda era forte a CUT rural, aí nós viemos, junto com essas doze famílias pra formar na realidade o acampamento do hoje Assentamento Nazaré. Aí aqui no acampamento do Nazaré, que na época nós éramos acampamento Antônio Castilho esse era o nome do nosso acampamento. Então, ficamos aqui acampados, foram cinco anos de acampamento aqui na frente. Foram cinco anos de luta, cinco anos de muita luta. Fechamos a BR várias vezes, fizemos várias manifestações, até conseguir a terra, aí no teve o sorteio, viemos, entramos aqui no dentro da fazenda, da fazenda Nazaré. Ficamos um ano assentados*

---

<sup>10</sup> A Central Única dos Trabalhadores (CUT) é uma organização sindical brasileira de massas, em nível máximo, de caráter classista, autônomo e democrático, cujo compromisso é a defesa dos interesses imediatos e históricos da classe trabalhadora. Fundada em 28 de agosto de 1983, na cidade de São Bernardo do Campo, no estado de São Paulo, durante o Primeiro Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, Conclat. <https://www.cut.org.br/conteudo/breve-historico>.

*aqui no pré-assentamento aqui dentro do retiro do assentamento Nazaré, ficamos um ano ali, todas as famílias esperando o sorteio definitivo dos lotes, aí teve o sorteio dos lotes em dois mil e catorze, foram ao total de 15 anos de espera pelo tão sonhado lote, pelo tão sonhado pedaço de terra, foram 15 anos de acampamento, indo e vindo de vários locais com muita luta, muito sofrimento, com criança pequena, mas conseguimos a nossa tão sonhada terra, nosso tão sonhado pedaço de chão.*

*E estamos nós aqui no lote, já vai fazer nove anos. E os desafios continuam, né? Ano a ano, é um desafio diferente quando nós entramos aqui como qualquer outro assentamento, tudo é muito difícil, nada de infraestrutura, né, aí a luta foi pra gente conseguir logo a energia, a água, as famílias, os movimentos sociais, apoiando, conseguimos, com um ano chegou a nossa energia, logo depois, uns dois, três anos, chegou nossa água, aí logo começou a chegar as casas, aí começou a melhorar, mas ainda temos muitos desafios aqui a ser vencidos.*

*Há uns quatro anos atrás, eu conversando com o Roberto, Roberto um grande amigo da Comissão Pastoral da Terra<sup>11</sup>, já era amigo de longas datas, e eu sempre tive a vontade, sempre comentei muito com eles, que a gente precisa levar a CPT pra dentro do assentamento, do Assentamento Nazaré, na época eles trabalhavam com alguns grupos de família aqui no Assentamento Eldorado e eu sempre quis que eles viessem aqui pra dentro do Nazaré pra poder tá trabalhando com as famílias, aí nessa época, há quatro, cinco anos atrás, foi feito um projeto pra instituição Misereor<sup>12</sup>, é uma instituição da Alemanha e nesse projeto a gente conseguiu por o Assentamento Nazaré como um dos beneficiários, pra poder tá trabalhando com algumas famílias. Foi aí onde a gente começou esse trabalho que nós fazemos hoje, trabalhar com as famílias no sistema agroecológico o Sistema de SAFS<sup>13</sup> que a gente chama Pequenos Quintais Produtivos<sup>14</sup> que é você levar pras famílias mudas, sementes, o conhecimento, aí a gente leva*

---

<sup>11</sup> A Comissão Pastoral da Terra (CPT) nasceu em junho de 1975, durante o Encontro de Bispos e Prelados da Amazônia, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), realizado em Goiânia (GO). Foi fundada em plena ditadura militar, como resposta à grave situação vivida pelos trabalhadores rurais, posseiros e peões, sobretudo na Amazônia, explorados em seu trabalho, submetidos a condições análogas ao trabalho escravo e expulsos das terras que ocupavam. A CPT foi criada para ser um serviço à causa dos trabalhadores e trabalhadoras do campo e de ser um suporte para a sua organização. <https://www.cptnacional.org.br/>.

<sup>12</sup> Misereor é a Obra episcopal da Igreja Católica da Alemanha para a cooperação ao desenvolvimento. Desde há mais de 60 anos, Misereor está comprometida com a luta contra a pobreza na África, Ásia e América Latina. <https://www.misereor.org/pt>

<sup>13</sup> Os sistemas agroflorestais (SAF's) são formas de cultivo que buscam o equilíbrio entre a produção de alimento e a natureza. De uma maneira muito particular, esta prática olha os ecossistemas naturais como aliados da agricultura, que ajudam no restabelecimento da saúde ecológica de lavouras. Combinam num mesmo local, o plantio de árvores, arbustos e ervas com espécies variadas para consumo e comercialização. <https://www.manejebem.com.br/>

<sup>14</sup> Os Quintais Produtivos fazem parte da composição da paisagem de uma pequena propriedade baseada na produção familiar. No quintal próximo a casa a família planta e cultiva plantas alimentícias, frutíferas, ornamentais, leguminosas e medicinais. Para a família agricultora é no quintal que está grande parte dos alimentos para o

*oficinas pra eles estarem produzindo basicamente o sustento pra sua mesa, não precisa ser o sustento pra poder ficar rico, afinal, o nosso projeto é pras famílias tirar o sustento de um pequeno pedaço do seu quintal mesmo, não é uma roça grande, aí é isso que a gente começou fazer aqui com vinte e cinco famílias aqui dentro, isso já há uns quatro anos e agora a gente, continua ainda fazendo esse trabalho, estamos aumentando o número de família, estamos incluindo mais vinte e cinco famílias, ao total a gente quer chegar a cinquenta famílias beneficiárias, só que agora essas novas famílias a gente tá pegando algumas famílias aqui do assentamento Alambari, e outros assentamento Eldorado pra gente tá juntando todos nesse projeto, nesses quintais produtivos para dar um pouquinho mais de subsistência pras essas famílias e principalmente pras mulheres, porque a maioria das famílias que estão com a gente trabalhando são mulheres, então desse grupo de vinte e cinco famílias que foi o primeiro grupo que a gente começou a trabalhar aqui dentro nós tínhamos três homens e o restante era tudo mulher, então é muito importante isso aí é importante você estar trabalhando e que as mulheres estão se somando você leva um conhecimento maior pras companheiras, pra elas tarem se valorizando, porque a mulher dentro do sítio, ela tem o seu valor, não é só cuidar da casa, então, a mulher ela é cem por cento, a mulher, ela é muito importante então esses nossos grupos ele é com a maioria das mulheres, tem homens sim, e agora com a gente incluindo essas novas vinte e cinco famílias, entrou mais alguns companheiros, tem mais uns homens e mais companheiras e dentro desse grupo de famílias da SAF que a gente tava já trabalhando há vários anos, dentro desse grupo, a gente formou um outro grupo, porque assim, o projeto ele vai se enriquecendo cada vez mais e a gente vai observando as necessidades que as famílias têm e o que tem no entorno, né, o entorno do assentamento o que pode estar nos favorecendo, então observando muito essa riqueza que a gente tem por aqui, a gente formou um grupo de apicultores, que são os Criadores de Abelha, então hoje a gente já tá com um grupo apicultores de abelha com ferrão e também de criadores de abelha sem ferrão. Porque nem todos têm aquela aptidão de estar trabalhando com abelha de ferrão então aqui é um pouco mais delicado, nesse grupo nós já estamos com em torno de umas dez famílias, trabalhando com elas, algumas são da SAF, outras se incluíram agora no grupo da abelha, então esse é um dos trabalhos que eu faço aqui dentro, sempre acompanhando pela CPT, eu sou uma agente e conselheira da CPT. Também temos outro trabalho que é muito importante que a gente tá*

---

consumo do dia-a-dia é nesse espaço que os membros da família desempenham suas atividades destacando a importante presença e participação da mulher como a principal colaboradora na composição da diversidade de plantas e espécies que compõem essa paisagem.

*fazendo na região do assentamento Nazaré e Eldorado que é o combate contra o uso do agrotóxico, já há algum tempo a gente vem trabalhando com a SAF e sempre leva isso, na SAF agente não deixa ninguém usar veneno então a nossa luta também é essa, é o não uso do agrotóxico, a gente leva pras famílias outras opções, de não precisar estar usando defensivos químicos, sempre levando oficinas de caldas, de extratos, outras opções e também a luta contra o arrendamento que é uma luta bem delicada que a gente tenta incentivar e conversar com as famílias pra poder se conscientizar do perigo que é o arrendamento dentro do assentamento, porque nós enxergamos que o arrendamento dentro do assentamento é o fazendeiro voltando pra dentro da fazenda porque daqui uns anos isso daqui já virou uma fazenda novamente, então é difícil é um dos trabalhos mais delicados que eu acompanho juntamente com a CPT dentro do assentamento, tanto do assentamento Nazaré quanto do assentamento Eldorado e temos outro trabalho que eu faço aqui que é acompanhar a recuperação de nascentes degradadas dentro dos assentamentos, que também é um trabalho delicado porque é o próprio sitiante que acaba degradando as nascentes, aí a gente tem que entrar com uma conversa bem cautelosa com as famílias explicar que não pode soltar o gado, aqui agente tem alguns problemas com algumas famílias que solta o gado dentro de reserva, então é um trabalho assim, bem delicado de conscientização e de preservação, quando agente encontra uma nascente que tá muito muito degradada a gente faz mutirão pra fazer cerca em torno das nascentes, plantar árvores pra poder estar recuperando essas nascentes pra poder fluir o ciclo normal da natureza.*

*Um pouquinho de mim né? Também eu não falei nos áudios lá de cima Regina eu sou candomblecista<sup>15</sup>, sou do candomblé eu sou uma yabassé<sup>16</sup>, essa é a minha religião na qual eu tenho um uma paixão muito grande pela minha religião, pelo meu pai de santo, pela história do meu pai de santo, é o Luiz Eloy Terena, ele é uma pessoa assim muito especial na minha vida, então a minha religião é um outro lado da minha vida assim que me completa, nessa minha vida aqui no campo o que me completa é a minha religião.*

*Eu sou mãe né? Mãe de quatro filhos, meus dois primeiros filhos são gêmeos hoje eles estão com já vinte e nove anos dois homens já me deram netos, aí tenho mais um rapaz que está estudando Agronomia no Rio Grande do Sul pelo PRONERA se forma agora no ano de dois mil e vinte e quatro, tem a minha filha caçula que também está fazendo educação do campo pelo movimento está fazendo aqui mesmo em Campo Grande também acho que se forma*

---

<sup>15</sup> O Candomblé é uma religião de matriz africana que cultua os orixás. O termo candomblé vem da junção das palavras *quimbundo candombe* (dança com atabaques) + *iorubá ilê* (casa), que significa casa da dança com atabaques. <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/religiao/candomble>

<sup>16</sup> Yabassé é a sacerdotisa que cuida do alimento nos cultos de matriz africana, sobretudo no Candomblé, participa ativamente dos rituais no terreiro e serve diretamente aos orixás e outras divindades. <https://doity.com.br/>

*em dois mil e vinte e quatro, encaminhando os filhos pelo que a gente tem direito, né? Que é a educação que a gente tem no campo.*

*Então é isso, eu só tenho a agradecer a luta da Reforma Agrária, tenho muito a agradecer tudo que eu tenho hoje é ligado à Reforma Agrária, o meu sítio, minha vida. Minha vida é ligada a isso, minha paixão, é o campo, minha paixão é lidar com a natureza, minha paixão, é agroflorestar, que eu também sou uma agrofloresteira<sup>17</sup>, né, faço parte do grupo aqui do Mato Grosso do Sul que é grupo dos agrofloresteiros, que é plantar, plantar, plantar e plantar, então árvore é vida, né? Eu tenho um amigo que fala que você tem que plantar chuva, então como que a gente planta chuva? Plantando chuva é plantando árvores, quanto mais árvores a gente plantar mais chuva a gente vai ter né? Então a gente planta água também né? Que é a chuva.*

### **Viviane Mallmam**



*Bom vamos lá eu me chamo Viviane Mallman hoje trinta e três anos eu nasci em vinte e sete de agosto de oitenta e nove, em São Miguel do Iguazu no Paraná a minha mãe ela morava no Paraguai ela veio pro Brasil pra mim poder nascer. E com oito dias de vida eu saí do Paraná e voltamos pro Paraguai. E fiquei no departamento de Alto Paraná até chegar quase próximo dos*

*meus quatorze anos de idade. Então lá no Paraguai a vida era uma vida muito bacana e até meus cinco anos de idade eu morei dentro de uma comunidade rural Paraguaia e Alemã. Então assim, era um vilarejo alemão dentro do Paraguai, numa cidadezinha chamada Pirapitã. Tinha a comunidade lá chamada Cristo Rei e lá eu cresci até os cinco anos. E era muito bacana a gente tinha uma vida em comunidade muito, muito legal. Meus pais eram pequenos agricultores. A minha mãe, ela e o meu pai ficavam até quando estava com uns cinco pra seis anos de idade morando no sítio da minha avó, minha avó materna a dona Ana e ficamos com eles até quase eu fazer seis anos de idade quando minha mãe engravidou da minha irmã Angélica. E aí a minha vó ela tinha uns dez hectares de terra lá e lá a gente ia trabalhando na*

---

<sup>17</sup> Agrofloresteiras ou agrofloresteras, são mulheres que produzem comida, plantas medicinais e cosméticos, sementes, café, frutas, grãos, saberes e cuidados, junto com mulheres que consomem estes produtos e atuam de outras formas incentivando o desenvolvimento de agroflorestas. <https://artenaterra.com.br/enrama-encontro-de-mulheres-agrofloresteras-na-fazenda-sao-luiz/>

*agricultura e tinha todo esse contato, né? Então tirava leite, cuidava de porco, os animais, ganso, quatro porco, minha avó tinha de tudo, lavoura e ela tinha fruta, tinha tudo que você imaginar de fruta, tinha naquele sítio.*

*E a minha vó Ana, ela tinha cinco irmãs que eram freiras e vinham lá todo ano pra fazer pomadas e infusões então essa minha avó, mãe da minha mãe, tinha um jardim cheio de ervas medicinais e flores então tudo que você imaginar de espécie de planta tinha lá. E eu sempre ficava junto com essa minha vó cuidando do jardim até meus seis anos de idade eu sempre ajudei preparar substrato, fazer mudas de rosas e tudo que você imaginar assim, minha festa de aniversário foi dentro do jardim cinco anos eu tenho umas fotos assim bem bacanas bem bonitas eu sempre gostava de estar lá no meio dessas flores. E isso me marcou assim pro resto da vida. Quando a gente se mudou eu falei pra minha vó: quero sementes e mudas. Então com cinco pra seis anos de idade. Eu já estava carregando sementes e mudas pros lugares né? Então quando eu me mudei eu falei vovó eu preciso mudas das suas flores. E minha mãe também sempre gostou muito de flores. De lá a gente se mudou pro sítio do meu tio Bastião casado com a irmã da minha mãe a dona Jacinta ele a gente ficou mais uns meses lá e de lá a gente saiu foi pra uma outra casa cuidar de uma chácara depois a gente foi pra outra chácara e de lá a gente foi pra uma outra fazenda onde meu pai trabalhou por mais ou menos um ano, se intoxicou, quase morreu três vezes intoxicado por veneno e nesse momento quando eu tinha de seis pra sete anos e minha mãe grávida, né? Finalizando a gestação aí, nascimento da minha irmã no ano de noventa e sete, meu pai quase morreu e aí ele larga a agricultura de grande escala, né? Então ele começa na agricultura familiar e sai da agricultura familiar da casa da minha avó pra ir trabalhar em fazenda. Porque isso aconteceu nessa transição aí de noventa e cinco até noventa e seis. Até no ano de noventa e cinco, meu pai trabalhava na agricultura familiar com a minha avó e tudo mais. Eles arrendavam terras e aí deu um ano deu seca, outro ano deu chuva, outro ano deu seca, assim três, quatro anos seguido eles perderam toda a lavoura de trigo, de milho, de soja e aí nisso ele já tinha conseguido comprar vinte alqueires de terra e perdeu tudo, teve que vender tudo até os maquinários pra conseguir pagar as dívidas tudo que eles conseguiram trabalhando dois, três ano eles perderam nos dois, três anos seguinte, aí por isso ele teve que trabalhar em fazendas. Aí ele foi trabalhar pro meu tio, ficou uns meses, aí depois foi pra essa fazenda trabalhar na roça. E ele passava veneno, quase morreu intoxicado três vezes, até uma vez minha mãe me fez em cima da cama com os irmãos se despedir porque achou que meu pai não ia viver mais e a gente se despediu do meu pai aquela cena assim uma cena que não sai da minha cabeça ele minando o veneno pelo corpo*

*dele quase morreu e daquele dia em diante ele decide que ele nunca mais ia trabalhar com veneno e fomos procurar os irmãos dele que ajudaram a encontrar um outro lugar pra gente morar uma outra fazenda, e foi assim nossa salvação. E bom, aí meu pai conseguiu com o irmão dele um contato de uma fazenda que trabalhava com leite e era um suíço que tinha vindo pro Brasil e comprado terras eles eram em três suíços cada um comprou um pedacinho de terra e cada um tinha vinte alqueires. E ali dentro ele tinha uma leiteria em que ele produzia dois mil litros de leite por dia e precisava de uma pessoa com experiência em leite. Meu pai foi lá, falou, cara, eu não sei mexer com essas máquinas, mas se você tiver paciência de me ensinar eu aprendo. E aí com um mês de trabalho, meu pai já, nossa o cara não queria mais que o meu pai fosse embora e lá nós ficamos durante sete anos da nossa vida. Eu fiz sete anos de idade quando eu completei sete anos de idade no ano de noventa e sete eu estava lá e saímos de lá quando eu estava prestes a completar catorze anos. Lá eu conheci a Mirta que era filha desse senhor que contratou meu pai. O nome dele era Rodolfo Buri a esposa dele era Rose Maria na época ela era dona de uma escola particular e o Rude ele era o cara que tocava, ele era veterinário né? E ele trabalhava com as vacas. E a gente cresceu aí nesse contexto trabalhando com as vacas e ajudando o meu pai no leite. Então tinha um rio que passava no fundo da nossa casa lá há uns quinhentos metros passava um afluente do rio Paraguai e o rio Acaraí lá da fazenda onde a gente trabalhava e ele era um rio muito bom de peixe e aquilo lá foi nossa salvação, então meu pai ele se tornou pescador, ele sempre gostou de peixe e trabalhar com peixe, caça e enfim a gente começou de fazer ceva e começamos de armar a espinhel<sup>18</sup> e tarrafear<sup>19</sup> e a gente começou de trabalhar com peixe então durante seis anos da nossa vida naquela fazenda o meu pai era conhecido como o Alemão do Peixe e com aquilo meu pai conseguiu pagar nossa escola particular porque era muito difícil escola pública lá no Paraguai. Era muito longe, né? Eu cheguei a durante um ano e meio da minha vida andar, eram sete quilômetros, a escola eu ia de a pé eu apanhava, passei por muita discriminação assim, passei horrores, coisas que eu não gosto assim nem de lembrar. Desde nossas coisas que não dá nem pra lembrar. E aí meu pai achou no Rio essa alternativa, então ele trabalhava com leite e trabalhava com a pesca e nisso da pesca ele não dava conta de trabalhar sozinho então os meus irmãos um com menos idade do que eu o Josiel com um ano a menos e o Daniel*

---

<sup>18</sup> O espinhel consiste em um aparelho de pesca que funciona de forma passiva, com a utilização de iscas para a atração dos peixes. <https://www.icmbio.gov.br/>

<sup>19</sup> Ato de jogar um tipo de rede (tarrafa) na água em forma de um círculo, com chumbos nas extremidades para cercar e tirar os peixes da água. <https://www.dicionarioinformal.com.br.>



com três anos a mais ajudavam ele nessa situação de tarrafejar. Com nove, dez anos de idade, meu irmão mais velho já sabia todas as técnicas de tarrafejar e íamos eu, ele e meu irmão mais novinho tarrafejar e trazer os peixe, tinha dias de trazer cinco sacas de vinte quilos com a carriola e com o carrinho que meu pai fez de peixe pra cima e nós fica dois três dia limpando peixe então e era só peixe grande então nossa era uma benção de Deus com isso meu pai conseguia vender os peixe ele conseguiu pagar nossa escola particular que não era barato, ainda hoje é uma escola cara, hoje a mensalidade daquela escola tá em torno de seiscentos reais, fora o livro, material didático. Hoje as filhas do meu irmão estudam lá naquela escola no Paraguai. As duas filhas dele. E foi uma escola assim que mudou a minha vida aquela escola assim eu convido qualquer pessoa que queira conhecer sobre metodologia didática é uma das melhores pedagogias práticas que eu vi na minha vida. Então dois dias da semana ela é uma escola em que você tem o chamado turno oposto em que você estuda cedo e de tarde um desses dias você pratica a agricultura e no outro dia você pratica o que você escolhe. Você pode participar de um clube ou clube de leitura ou clube de dança ou clube de teatro tem várias atividades extracurriculares que você pode escolher pra você se engajar lá dentro. E tem várias promoções realizadas ao longo do ano e uma delas é a organização de festas e eventos onde se arrecada dinheiro pra você conhecer o Paraguai então tipo na nossa quinta série naquela escola a gente juntou dinheiro acho que em reais isso daria em torno de vinte e dois mil reais que possibilitou a gente fazer uma viagem de doze dias nós conhecemos todos os departamentos que no caso seriam como se fossem estados brasileiros o menos o tchaco. Então a gente conheceu todas as indústrias, a gente teve que fazer um trabalho, um projeto de ciências sociais que é uma disciplina que temos lá na quinta série, tivemos que mapear todas as indústrias das fábricas, os pontos turísticos a gente visitou tudo eu era tesoureira, então na quinta série eu já tinha que dar conta de organizar o dinheiro de todo mundo. Era muita responsabilidade e tipo isso ficava dentro de uma caixa na escola, não ficava numa conta bancária, então tinha bastante responsabilidade. Era uma escola assim que cobrava demais da gente. Então a gente estudava inglês, a gente estudava computação. Tinha de tudo naquela escola e a gente também estudava a Bíblia. Então era uma escola cristã. Então eu tinha toda uma fundamentação, era uma escola maravilhosa. Então assim, a gente tinha muitos projetos. Então ao longo do ano a gente estudava para as olimpíadas, existiam vários concursos na escola, desde concursos de leitura a nível nacional que pagavam prêmios, bolsas internacionais, música, aulas de canto, violão, flauta era incrível e naquele lugar eu consegui colocar de modo concreto varias coisas na minha vida, então com nove anos de idade eu falei eu vou ser uma química eu vou trabalhar com doutorado, porque tinha uma orientação dentro

*da escola sobre quais são as disciplinas, o que cada disciplina faz de importante, eu falei eu quero ser química eu vou trabalhar com química de produtos naturais, e aí tipo, eu era muito pobre e eu consegui uma bolsa, eu lembro que quando eu entrei na quarta série naquela escola eu escrevi uma carta, e todo ano essa mulher, a Rosa, o nome dela em espanhol era Rosa, ela enviava cartas pra Alemanha e países no estrangeiro solicitando bolsas para crianças carentes, então eu contei a minha historia e eu consegui uma bolsa, e eu era uma aluna de excelência lá dentro, sempre gostei, eu aproveitei muito todos os momentos que eu estava lá dentro e eu comecei a ter uma visão muito bacana de mundo, de estudo então a gente tinha muito trabalho, tinha muito seminário pra apresentar desde a quarta série, então ali o mundo se abriu pra mim, eu conversei com senadores, com deputados, a gente tinha várias atividades ligadas à política, então é como eu te disse, é uma metodologia muito diferenciada que aquela escola tem, que nos possibilita coisas que você não vê em outros lugares e eu convido você e o Gaspar pra um dia se vocês quiserem ir conhecer aquela escola, é maravilhosa, incrível, uma metodologia que eles trouxeram da Suíça, e aí nessas aulas de agricultura tinha um professor de agroecologia, então lá a gente aprendia a fazer compostagem, a gente criava coelho, criava codorna, a gente vendia verdura, a alimentação que ia pra escola era a alimentação das hortas que nós produzíamos e meu pai e minha mãe que eram agricultores lá, e o Rude e a Rosa gostavam do trabalho dos meus pais eles eram voluntários um ou dois dias da semana, eles vinham preparar os canteiros então o meu pai e minha mãe ajudavam dar aulas naquela escola, minha mãe ajudava a ensinar como que faz o consórcio das espécies, quem pode consorciar com quem, quem não pode, época de plantar morango, tudo isso minha mãe vinha ensinar na escola, então a gente tinha uma agricultora dentro da escola fazendo esse trabalho com a gente, então a cada quinze dias minha mãe e meu pai vinham na escola era muito legal esse feedback meu pai e minha mãe faziam isso lá e eles reconheciam o trabalho dos meus pais como um trabalho bacana e aí eles colocaram isso como um projeto alternativo e aí a gente estudava com um livro de mil páginas sobre tudo sobre coelho, aí a gente começou a estudar naquela escola sobre taxonomia sistemática vegetal<sup>20</sup>, rota de produção de metabólico secundário das plantas<sup>21</sup>, porque que o coelho pode, porque não pode comer essa planta, a*

---

<sup>20</sup> A Sistemática Vegetal é a ciência que trata da classificação dos vegetais, segundo um sistema nomenclatural determinado, e a Taxonomia Vegetal é a ciência que elabora as leis desta classificação. <https://repositorio.pgsskroton.com/>

<sup>21</sup> Os metabólitos secundários são compostos naturais produzidos em plantas com objetivo principal de proteção a estresses abióticos e bióticos, além de possuírem valores nutricionais e farmacológicos importantes na nutrição humana e aditivos aromáticos e corantes. Revista Agrotecnologia, Ipameri, v.11, n.1, p.54-67, 2020

gente tinha aula de biologia na prática ali estudando sobre as drogas e tudo mais e nisso eu acabei criando coelho em casa também, cheguei a ter 35 coelhos com 8 anos e era a minha responsabilidade e a gente comia carne e tudo então a gente passou a criar coelho e ter carne de coelho depois galinha e um monte de outras coisas tudo isso incentivado na escola, aos nove anos de idade eu já vendia limão, ovo e carne de coelho com o dinheiro das aulas dos projetos que eu fazia na escola, então eu tinha uma noção de mundo muito legal e a gente tinha que quantificar, pesar, então um monte de coisa que a gente tinha que fazer então era muito bacana e depois que eu passei por essa experiência naquela escola meu pai também teve uma experiência muito legal naquela fazenda, esse senhor, o senhor Rude, o nome dele era Rodolfo, mas a gente chamava ele de Rude, ele ensinou pro meu pai coisas muito bacanas, então como era tudo muito longe, a gente ficava num lugar muito distante, ele tinha que ensinar meu pai fazer tudo e aí meu pai aprendeu até fazer cirurgia em vaca, então ele ensinou meu pai em tudo, desde fazer inseminação, cirurgia em vaca, trabalhar com vaca, aplicar medicamento, tudo; e meu pai era analfabeto, ele aprendeu fazer tudo na prática e aí depois que meu pai foi trabalhar com ele o Rude conseguiu enfim ter férias conseguiu voltar a viajar pra Suíça e ter uma vida porque até então nenhuma pessoa conseguia fazer o serviço lá e aí ele gostou do serviço do meu pai, mas enfim um determinado momento da vida minha mãe me viu chegar na adolescência cheia de sonhos, meu irmão mais velho também e no Paraguai tudo é pago, não tem universidades públicas do mesmo jeito que tem aqui, então por mais que tenha tudo é pago lá dentro e como pessoas que sonham grande dentro de um país vão conseguir espaço, o recurso financeiro difícil, não tinha bolsas, assim o Paraguai tem uma política assim bem diferenciada do Brasil, daria um adendo a gente falar da parte política do Paraguai, então ao terminar a oitava série no Paraguai, chegando na adolescência a gente decide vir embora pro Brasil, isso ocorreu no ano de dois mil e três pra dois mil e quatro. Bom é um pouco isso minha trajetória até chegar de treze quatorze anos e só lembrando um pouco lá do Paraguai o meu o meu avô o meu avô por parte de pai Chamava Amândio Paulo Malman, casado com Erminda, a mãe dele, a mãe dele ainda é viva. O meu avô faleceu aos cinquenta e seis anos com um enfarte dentro do açude tirando o peixe. Né? Então eles moravam no Paraguai. Tinha uma pequena chacinha acho que era três hectares onde meu vô morava no Paraguai e ele faleceu e antes dele falecer assim eu tinha uma vida, um contato muito bacana com meu vô acho que de todos os netos eu uma das mais apegadas a ele pra mim foi muito difícil então quando eu tinha sete anos meu vô faleceu um pouco antes de eu me mudar pra aquela nova fazenda onde meu pai foi mexer com leite quinze dias antes do meu avô falecer e eu não sei sabe é esquisito assim tem coisas que a gente não sabe explicar quinze dias antes dele falecer ele veio visitar

meu pai ele falou que ele estava com muita saudade dos meus pais e veio lá ele ficou uma semana inteira com a gente e meu avô era uma pessoa muito atenciosa ele sempre foi uma pessoa de dar muita prosa pras pessoas, muita atenção e meu avô era o tipo de pessoa que carregava mudas, né? Na casa do meu vô e da minha avó não era a minha avó que era a raizeira que ia pros cantos catar coisas era meu vô então não importasse a viagem que meu vô fizesse ele sempre tinha semente, galhos, mudas, ramas, o sítio do meu do meu avô paterno era a coisa mais incrível, mesma coisa que do sítio da minha vó materna. Só que lá era meu avô que fazia isso. Ele tinha videiras muito bem podadas. Ele tinha todo tipo de fruta. Ele fazia enxertia e tudo mais. Então assim existia um uma vida muito boa. E também trabalhava com infusões, com pomadas, com tudo que você possa imaginar. Então ele era um alemão assim muito gente fina. E o meu avô Paulo ele trabalhava com abelhas então pra chegar no sítio dele tinha que ser muito avisado assim senão levava ferroada. E ele não tinha apiário não, as abelhas dele era tudo as caixas embaixo dos pé de fruta e ele tinha muitas abelhas sem ferrão de várias espécies inclusive e ele também tinha *Apis mellifera*<sup>22</sup>. E lá eu aprendi com ele, então assim eu tinha cinco, seis, sete anos e eu sempre que eu estava lá estava junto com ele no apiário mexendo com abelha, trocando abelhinha de caixinha, ajudando preparar a isca. Então, e ele não fazia isso com os outros netos. Era só comigo e eu não tinha medo das abelhas não e eu não usava roupão com ele e ele também não usava roupão pra trabalhar com abelha e nós dois mexemos com abelha lá era muito legal então meu avô tinha todo esse cuidado de me ensinar a trabalhar com as abelhas né? Uns quinze dias antes dele morrer, ele veio visitar meus pais. É como se já estivesse sabendo que ia morrer, não sei, é bem esquisito. E nessa viagem que ele veio um dia de tarde, ele falou comigo, vamos sair andar com o vovô, gente, eu quero sair, ele não gostava de ficar dentro de casa. Ele gostava de sair, estar no meio da mata, no meio da natureza, ou no rio. ele queria estar em contato fazendo alguma coisa, ele não conseguia ficar parado, ele era super hiperativo, meu pai também é assim e saímos pra andar. E aí a gente chegou num lugar assim perto de um portão onde tinha uma mata de pinheiros plantada e os pinheiros estavam caídos no chão e tinha sementes e era uma época de chuva eles já estavam germinando e meu avô falou vem cá que eu vou te ensinar um pouco sobre os ciclos do pinheiro, eu com sete anos de idade estávamos os dois sentados na terra e ele me mostrando o processo de germinação e me explicando que de cada mil sementes de pinheiro

---

<sup>22</sup> Abelha do mel, abelha européia. É uma abelha social de porte médio. Vive em colônias com a presença de uma rainha, operárias e zangões. As operárias diferenciam-se dos machos por apresentarem ferrão. As operárias protegem a colmeia e utilizam seu ferrão em situações de perigo. <https://www.museunacional.ufrj.br/hortobotanico/abelhas/apismellifera.html>

*apenas uma sobrevivia porque era uma sementinha muito fininha e com pouca reserva de energia e que ela era muito predada e que o pinheiro tinha aquela liga muito forte quando era pequenininho pra poder se livrar desses predadores e ele me ensinava, me ensinou um pouco sobre os pinheiros. E aí essa é a última imagem que eu tenho do vovô Paulo. Depois disso só o enterro dele. Enfim, só pra dizer assim que meu avô ele também era um pequeno agricultor por parte de pai e que ele mexia com tudo, né? Também trabalhava com leite, com porco, com galinha, era mais ou menos, é dessa base que eu venho. O meu avô paterno eles tem doze filhos, são duas meninas e o restante são homens e uma das meninas é minha madrinha que faleceu com trombofilia genética três meses de gestação ela teve um AVC e deu trombose ela faleceu ela tem mais um problema genético que eu tenho na época não se tinha não se sabia e ela morreu de sangue com sangramentos ela também perdeu sangue os médicos não conseguiam estancar o sangue dela e perdi minha madrinha quando eu tinha oito anos*

*Parte de mãe eles também são bem numerosos são doze irmãos três homens e o resto mulheres e desses dois homens já faleceram um com acidente e outro morreu de câncer, e um dos meninos é o tio Francisco que ainda é vivo, ele tem que ser cuidado porque ele nasceu, ele teve um problema quando ele nasceu não se sabe se é paralisia cerebral ou alguma coisa assim e o cérebro dele parou aos três anos de idade, então ele tem corpo de homem com um cérebro que travou três anos de idade e ele está vivo ainda e o resto das meninas também estão vivas. Eu tenho muitas primas então a minha família tanto de parte de pai quanto de parte de mãe é muito numerosa a maioria deles mora no Paraguai é um dos poucos que saíram do Paraguai pra vir pro Brasil pra tentar aí uma vida melhor foram meu pai e minha mãe. Né? Hoje dos irmãos do meu pai só tem o meu pai, o tio Afonso que é meu padrinho, tio Afonso que tem quatro filhos e um falecido e a tia Jacinta que é irmã do meu pai casado com o tio Firmino. Né? E meu pai. E o restante mora no Paraguai dos irmãos dele. Por parte de mãe tem uma tia que mora em Foz do Iguaçu o resto também mora tudo no Paraguai. E nós enquanto irmãos somos em quatro, tenho um irmão que que é três anos mais velho que eu que é o Daniel aí tem eu, aí tem o meu irmão mais novo que é o Josiel que é um ano e pouquinho, um ano e oito meses mais novo que eu minha irmã Angélica né? Que temos aí sete anos de diferença eu e ela quando eu tinha sete anos ela nasceu a minha irmã nasceu deficiente com as perninhas cambotinhas tortas e quase cega de miopia hoje elas já usam óculos quatorze dezesseis graus, passou cinco anos da vida dela fazendo cirurgia, minha mãe viajando do Paraguai pro Brasil pra fazer o tratamento dela, foram anos bem complexos e enfim, hoje minha irmã é casada, tenho dois filhos, o Paulo e o Pedro o meu irmão mais novo se casou e se separou hoje ele está com outra*

*mulher mas ele tem duas meninas coisa mais linda as meninas dele hoje elas moram no Paraguai com a mãe delas, a mãe é paraguaia então é brasiguiaia<sup>23</sup> na verdade, né? Então ela voltou pro Paraguai com as meninas dela, o meu irmão mais velho é casado com uma brasileira, mora em Eldorado, tem dois meninos também, o Davi e o Leonardo e eu tenho dois filhos, Marco Antônio e Arthur Galady. E um pouco da nossa prole é essa. O meu irmão mais novo hoje ele ajuda os meus pais lá no sítio e fica perto do sítio deles que é no mesmo assentamento do meu pai, então eles têm esse subsídio lá. O meu irmão mais velho mora em Eldorado, a minha irmã mora no assentamento em Bela Vista e eu sou assentada aqui em Sidrolândia, Mato Grosso do Sul, desde dois mil e quatorze.*

*É bom falar um pouco da minha vida e lá no Paraguai eu gostava muito, eu já conhecia um pouco das causas sociais lá na nossa escola a gente tinha um projeto em que a gente visitava as periferias a gente visitava aldeias indígenas pra conhecer sobre a cultura. Na nossa disciplina tinha uma disciplina no Paraguai de ciências sociais em que a gente estudava sobre a formação dos povos, a formação da América Latina e tudo mais e a gente estudou muito sobre os povos originários e miscigenações, imigrações e tudo mais, inclusive foi na sexta série que eu estudei sobre o processo migratório que aconteceu na década que meus pais migraram pro Paraguai e eu consegui entender sobre a migração que aconteceu na década que meus pais se mudaram pro Paraguai, meus pais eles moraram trinta e cinco anos no Paraguai. E foi uma coisa assim bem legal porque naquela mesma época em que ocorre é a vinda do povo do sul pra Rondônia, Mato Grosso, parte do povo do Sul do país se muda pro Paraguai pras terras no Paraguai, terras muito boas. Eles foram desmatar, desbravar as terras pra poder trabalhar lá. Então a família do meu pai saiu de Santa Catarina, e foi pro Paraguai e a família da minha mãe saiu do Rio Grande pra ir pro Paraguai e a família dele se mudou pra lugares muito próximos, né? Então enquanto o meu pai eles foram pra Santa Rosa que ficavam sessenta quilômetros de Ibirapitã, minha vó se muda pra Pirapitã e naquelas festas de comunidade rural, meu pai e minha mãe acabaram se conhecendo, né? Então eu fui estudar a história da minha família, a história da migração latino-americana e conhecer um pouco da história dos meus pais na sexta série estudando isso tudo, então foi muito bacana. E a gente estudava sobre a história internacional, então foi muito bacana isso tudo. E aí nesse no bojo desse contexto lá naquela escola estudando sobre isso a gente visitava aldeias, então a escola tinha um caminhão*

---

<sup>23</sup> O termo brasiguiaio está referido aos contingentes de brasileiros que imigraram para a região de fronteira em território paraguaio a partir da década de 1950. Em sentido comum o termo é apenas uma construção linguística que se faz pela composição dos termos brasileiro e paraguaio. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/>

*que levava a gente num caminhão de boi, que era o caminhão da fazenda do Rude e lá no Paraguai pode isso. A gente ia pra dentro das matas, dentro das aldeias, conhecer os índios, fazer interação, a gente jogava, brincava, aprendia sobre a cultura, aprendia sobre a língua na quinta série eu já tinha que apresentar um seminário na língua guarani, não é nem no espanhol, então lá nós temos três idiomas oficiais, o espanhol, o Guarani e o Diopará que é a mistura dos dois idiomas, né? Que foi reconhecido como língua oficial depois que eu me mudei pra cá, né? Em dois mil e três, dois mil e quatro e aí a gente começava de conhecer um pouco sobre a cultura e a gente visitava a periferia de algumas cidades aonde tinha aldeias indígenas que estavam, a gente já conhecia um pouco sobre o problema de disputa de territórios lá também no Paraguai tinha isso dos indígenas perderem suas terras e acabarem ficando na periferia das grandes cidades então a gente ia lá pra Cidade Leste pra Foz do Iguazu nas periferias ver os indígenas guaranis onde eles estavam, conhecíamos as escolas, a gente visitava dentro das florestas, os indígenas, conhecíamos sobre a cultura, a gente aprendia, aprendemos muita coisa lá, a gente fazia aulas práticas com os indígenas também, aprendendo talhar madeira, queimar madeira com eles, fazendo um monte de coisa, aprendendo da culinária, caçar, a gente acampava com eles lá, então assim, é algo muito diferente do que a gente tem aqui no Brasil eu tenho fotos assim lá dentro das aldeias e fazendo as visitas nas escolas deles então foi algo assim bem interessante*

*E bom, vindo pro Brasil foi uma ruptura cultural muito grande eu não queria vir pro Brasil eu tinha uma menininha que eu adorava lá eu não queria voltar pro Brasil eu não queria vim pro Brasil não tinha o Brasil como uma terra minha.*

*Então eu cresci lá dentro, eu queria me tornar presidente do Paraguai pra que nenhuma criança precisasse sofrer eu queria mudar a estruturação de algumas coisas dentro do país então eu era indignada com muita coisa que acontecia lá assim sabe então eu estudava muito política, estudei muito, então inclusive a disciplina de ciências sociais era a disciplina que eu mais gostava e os concursos de leitura que tinha na minha escola eu ganhava todos eu sempre fui uma assídua leitora, gostava muito de ler, estudar e com dez anos eu dizia eu vou ser presidente do Paraguai e eu vou mudar muitas legislações que têm aqui. Mas enfim eu tinha muitos anseios lá. E de lá eu vim pro Brasil e eu fiquei um ano sofrendo eu sofri muito, meu corpo, minha carne sofreu, eu desenvolvi uma gastrite, quase morri e afetou meu estômago, afetou meu fígado, fiquei um ano de cama sem conseguir comer, entrei numa depressão porque eu não queria vir pro Brasil aquilo foi assim, meus pais chegaram da noite pro dia e falaram ó a gente tá indo embora, cata suas coisas e vamos embora pro Brasil. E no último ano que eu*

*estava no Paraguai eu tinha saído da casa dos meus pais. Então aos treze anos de idade eu cheguei e falei, eu vi que a situação estava bastante tensa eles estavam gastando muito com o tratamento da minha irmã e não ia dar pra manter eu, meus dois irmãos na escola particular tinha acabado a minha bolsa e aí minha mãe eles iam tirar alguém da escola, eu falei, não, peraí eu já tenho treze anos, eu dou conta de trabalhar e estudar, então eu pedi pra minha mãe pra sair de casa com treze anos antes de vim pro Brasil eu estava na casa de uma tia minha trabalhando numa fazenda onde eu cuidava, cozinhava pra vinte e três pessoas cuidava de uma casa e estudava à noite e uma semana antes da minha colação de grau lá do oitavo ano, lá no Paraguai não tem nono até o oitavo eu ia receber, honrar o mérito como melhor aluno, tirei tudo nota cinco lá no Paraguai de zero a cinco a nota, inclusive em Guarani, não pude receber minha honra ao mérito, não pude participar da minha, da minha festa de formatura, do oitavo ano, foi assim, uma coisa que eu trabalhei muito pra fazer e eu acho que qualquer pessoa que entende algo que é um projeto na minha cabeça de treze anos aquilo era algo importante, meus pais chegaram de carro assim e falaram, arruma suas coisas, a gente tá indo embora pro Brasil e nossa, acabou o meu chão assim, meu Deus eu chorei muito porque o Brasil eu não tinha pertencimento com o Brasil, eu nasci no Brasil, mas com oito dias de vida eu fui embora pro Paraguai e aí eu fiquei muito mal e aí nisso, ah eu ficava muito mal e aí nessa, a minha agente de saúde vinha muito me visitar lá em casa porque eu sempre estava bastante adoentada por conta da depressão que atacou meu estômago, meu fígado e tudo mais ela sempre estava lá e aí a gente começou de conversar e o nome dessa agente de saúde era Andreia Cristina ou Andreia Veloso ela era agente da comissão pastoral da terra e os pais dela tinham um sítio na agricultura familiar lá e aí ela vendo a minha situação ela decidiu tentar me ajudar. E aí assim, essa nossa vinda pro Brasil foi bastante difícil, o dinheiro que meu pai pegou do acerto dele lá no Paraguai, ele chegou no Brasil a gente chegou sem muita coisa tivemos que comprar a parte da mudança pra mobiliar a casa então a gente gastou parte do dinheiro pra comprar mudança e sobrou um pouco de dinheiro que ele escondeu dentro do pé da cama. Com quatorze dias que nós estávamos morando na fazenda onde meu pai veio pra trabalhar de peão, a gente foi assaltado, o antigo dono da fazenda estava lá, que era o seu Rubens, ele era concursado da Receita Federal, aposentado, estava lá com a mulher dele a gente foi feito de refém, ficamos dois dias na mira de bandidos, meu pai quase foi morto, minha irmã desenvolveu um trauma por conta disso e foi muito difícil e aí eles levaram tudo que a gente tinha, roubaram tudo, tudo, a gente veio pro Brasil, compramos e ficamos sem nada. O único dinheiro que sobrou foi o dinheiro que ele escondeu, que sobrou cinco milhão de guarani que estava escondido no pé da cama, isso hoje dá menos de dois mil e quinhentos reais. Aí recomeçamos a nossa vida a partir*



*disso. E foi muito difícil. Foi um tempo muito complexo. Nós morávamos na Colônia Nova lá em Mundo Novo e meu pai ele veio pra essa fazenda que era um sítio na verdade não é uma fazenda muito grande acho que tinha cento e cinquenta hectares menos disso ou era vinte alqueires não lembro certo o tamanho mas ele veio com uma proposta do meu tio chamado Fermino que era casado com a irmã do meu pai que ainda era viva só que a gente não conhecia a minha tia, nunca falou nada pra nós, essa tia ela apanhava, ela era espancada por esse cara. E a gente não sabia muito, né? E eles precisavam de alguém, eles compraram essa fazenda ali num rolo que eles fizeram e precisavam de alguém pra assumir, e nisso meu tio comprou umas setenta e oito vaca leiteira colocou lá tudo vaca velha sem ser vaca escolhida, umas vaca que tinha umas tetona, umas vaca esquisita e colocou lá, não tinha ordenha, não tinha estrutura, tinha setenta e oito vaca pra tirar leite e tinha uma casa enorme, um casarão, uma mansão lá e uma casa velha de madeira caindo aos pedaços. Essa mansão não era usada, era duas, três vezes por ano que eles vinham, eles que usavam a mansão e a gente morava nessa casa de madeira caindo aos pedaços e tinha só dois quartos a casa, eu e meus irmãos a gente dormia tudo aglomerado nesse lugar, meu pai deu uma reformada nela pra casa ficar em pé enfim e por incrível que pareça a gente veio pro Brasil pra trabalhar e buscar uma expectativa melhor de vida e quando a gente chegou em Mundo Novo a nossa realidade foi bem diferente daquilo que a gente esperava. A gente passou por algo muito parecido com uma escravidão o meu tio ele batia no meu pai, batia na minha irmã com a fivela de cinta no rosto, foram períodos bem intensos, demorou um ano e meio pro meu tio comprar uma ordenhadeira, meu pai e minha mãe tirava leite de setenta e oito vaca na chuva, embaixo de uma árvore amarrada e o leiteiro vinha todo dia pegar o leite lá e meu pai tirava mil reais por mês, dinheiro que não pagava nem a nem a boia da família, o meu irmão mais velho ele ficou bem injuriado, indignado por conta disso fez dezoito anos e foi embora pro quartel, nem ensino médio ele terminou, não queria mais ver aquilo, ele via meu pai apanhar e falava pai por que que o senhor não tomou uma atitude? Meu pai falou, pra onde que nós vamos? Com uma mão na frente, outra mão atrás, num país que a gente não conhece nada e o meu irmão falou pai levanta do chão um dia meu irmão mais velho já levantou meu pai do chão meu pai estava todo ensanguentado depois de apanhar do meu tio e meu pai não fazia nada porque ele tinha quatro filhos em casa e uma filha deficiente e aí a gente não via uma solução praquilo. Naquele dia que meu irmão brigou com meu pai lá no chão depois de uma briga muito feia com meu tio, meu irmão decidiu ir embora pro quartel ficou só eu, o meu irmão mais novo, minha irmãzinha deficiente, uma situação muito difícil, já tinha se passado um ano, dois anos, três anos eu tinha dezesseis pra dezessete anos eu vi aquela cena e falava, meu, não pode e aí nisso logo que a gente veio, né?*

*Eu adoeci, fiquei um ano muito ruim, a minha agente de saúde veio, Andreia Veloso, tava falando, ela era agente da comissão pastoral da terra, voluntária e ela também participava da PJR, que é a Pastoral da Juventude Rural e ela chegou um dia e ela viu essa situação e ela me viu chorando um dia meus pais não estavam eles pegaram uma charrete foram de burro pra cidade fazer compra na época a gente ia, com uma charrete com burro, não era uma égua que a gente comprou, não tínhamos veículo, não tinha nada, era o nosso meio de locomoção e aí ela me perguntou e aí eu contei pra ela tudo que estava acontecendo e ela falou, Vivi você quer fazer o magistério do campo? Tem uma oportunidade, você vai conhecer os movimentos sociais, você vai conhecer uma vida um pouco diferente. E pra me tirar da depressão, antes mesmo de entrar pra Via Campesina<sup>24</sup>, ir pro Magistério, ela começou a me levar pros acampamentos, fazer visita em acampamento. Começar de visitar a família aí eu comecei de participar de reuniões de capacitação junto com a comissão pastoral da terra, conheci o Vanilto, conheci o Valdivino, conheci a Rosane, comecei de conhecer o pessoal do movimento padre Adriano, conheci a irmã Olga, fui conhecendo o povo dos movimentos aí. E aí sempre voltava lá pro sítio. Aí num desses dias abriu o magistério do campo e eu escrevi uma carta contando essa mesma história que eu estou mandando em áudio pra você. E tinha muitos inscritos era pra cento, acho que era cento e cinquenta vagas. Acabou que foi cento e vinte e nove alunos só. Que sobraram, que entraram mesmo. E eu fui escolhida pra mim poder ser uma das alunas do magistério. Eu tirei uma nota muito boa, fiz uma redação, tirei uma nota ótima na redação, foi feito assim uma escolha meio que pelos movimentos lendo as cartas e eu fui escolhida pra estar dentro desse magistério do campo. E esse magistério do campo foi o que mudou a minha vida e a vida da minha família assim. Foi assim um divisor de águas.*

*Nesse magistério do campo, eu entrei pela comissão nas vagas da comissão pastoral da terra em Mundo novo mais três colegas que era a Elza, a Jaque e a Márcia foi o único município que começou com quatro e terminou com quatro a gente se ajudava muito e aí com muita dificuldade meus pais juntavam o dinheiro o ano todinho pra mim conseguir a passagem de vim pro magistério. Ele já juntava desses mil reais todo mês tirava dez, quinze reais porque a prefeitura não ajudava a pagar as despesas e os movimento não tinha dinheiro. A gente fazia rifa e pedia ajuda da igreja pra conseguir o dinheiro pra pagar a passagem do magistério que na época era quase cem reais pra ir, pra voltar e a gente estudava lá na EFAR (Escola Família*

---

<sup>24</sup> A Via Campesina é um movimento internacional que coordena organizações camponesas de pequenos e médios agricultores, trabalhadores agrícolas, mulheres rurais e comunidades indígenas e negras da Ásia, África, América e Europa. Uma das principais políticas da Via Campesina é a defesa da soberania alimentar, como o direito dos povos de decidir sobre sua própria política agrícola e alimentar. <https://terradedireitos.org.br/>

Agrícola). Lá na EFAR de Campo Grande. Uma etapa era na EFAR e a outra etapa era no CEPEGE (Centro de Capacitação e Pesquisa Geraldo Garcia) . Então a minha primeira etapa foi no CEPEGE. Né? Eu não me esqueço né? Em julho de dois mil e cinco a gente começou o magistério do campo num frio frio frio frio que quase todo mundo morreu de frio e eu lembro que eu no Paraguai também fazia muito frio, minha mãe colocou bastante roupa de frio na minha mala. Eu tinha quinze casacos, cinco de lãs. E eu lembro que naquela época ninguém tinha levado casaco, os meus quinze casacos serviram pra quinze pessoas e a gente ia lavando e revezando e secando no fogão de lenha lá, eu dividi meus casacos, os meninos usava meus casacos também, eu levei bastante cachecol, meia, todo mundo usou minhas roupas e todo mundo se ajudou muito, então lá dentro desse magistério eu conheci o mundo que seria a minha salvação e a salvação da minha família. E a partir desse magistério que eu curei minha depressão. Então foi muito bom tive ótimos professores lá dentro tudo muito engajado com a causa e aí nisso o Valdivino e a Rosane me fizeram o convite depois de fazer, assim nesse magistério do campo eles faziam rodada, igual a EFAR faz, de fazer a visita nas famílias eles faziam duas vezes no ano visita nas famílias dos estudantes do magistério. E aí no ano que tocou a primeira visita quem visitou meu sítio foi a Rosane Santiago e o Valdivino. Eles são casados, professores, ajudavam coordenar o magistério e chegaram lá e viram a situação de escravidão que minha família vivia, né? Escravidão pela própria família e a gente não conseguia sair daquela situação. Aí eu não tinha nem dezoito anos na época. O Valdivino falou pros meus pais a CPT pela primeira vez na história vai assumir um acampamento, porque até então a comissão pastoral da terra ela fazia trabalhos visitando assentamentos e trabalhando com formações e naquele ano seria o primeiro acampamento que a CPT teria vaga e que ajudaria a coordenar, que seria lá no Areias em Nioaque, e aí perguntou pro meu pai e pra minha mãe se eles não aceitavam eu ir pro acampamento pra segurar uma vaga porque assim as terras já seriam cortadas, já estava na fase final de tramitação e precisava alguém ir pro acampamento. Né? E eles garantiriam uma vaga pra gente aí meu pai e minha mãe falaram que não, que jamais, imagina em Nioaque lá no fim do mundo, longe mas eu falei pro meu pai e pra minha mãe assim como eu fiz com treze anos eu falei eu estou saindo, meus pais não me deixaram sair mas eu fui mesmo assim com dezessete anos eu falei pro meu pai e pra minha mãe quando eu voltei do magistério, eu quero que vocês vão no Paraguai comprar uma mala grandona, enche de comida e roupa pra mim que eu vou embora pro acampamento, já tinha combinado com a Rosane e com o Valdivino que eu voltaria pra Mundo Novo da etapa do Magistério o tempo de dois dias de arrumar minhas mala, catar minhas trouxa, pegaria um ônibus, voltaria pra Campo Grande e de Campo Grande eu partia pra Aquidauana,

*Aquidauana pra Nioaque e eu ia pro acampamento, menina, loucura que eu fiz, meu pai e minha mãe ficaram muito chateados comigo não queriam me deixar sair de casa eu não esqueço assim dentro de uma cena, a minha mãe na porta de casa aquela casa caindo aos pedaço mas ela olhou pra mim me fez o sinal da cruz e falou filha você não precisa fazer isso. Você não precisa a gente vai dar um jeito. Eu falei mãe eu vou. Minha mãe falou, filha você estudou tanto, você é tão inteligente. Você vai pra baixo de uma lona, minha filha! Você tem que estudar pra passar no vestibular, você tem que fazer uma faculdade você tem que ser alguém na vida, você tem que achar alguma coisa melhor pra você. Você não tem que ir pro barraco e ela chorava, chorava, me abraçava assim ela batia assim a mão no meu peito e falava você não precisa e eu falei eu preciso e hoje eu sou a única pessoa que posso fazer alguma coisa, o Dani foi embora pro quartel, o Poupe é muito novinho, a Angélica é deficiente você e o pai não tem como sair aqui do sítio. Vocês vão me mandando um dinheirinho por mês pra comprar comida e eu vou pro barraco. Eu posso ir. E eu vou levar livros e eu vou estudar lá no barraco eu não vou deixar de estudar. Aí estava na época de fazer meu TCC do magistério. Eu fiz uma loucura. Eu fiz a revisão do meu projeto junto com a Sirlete. A Sirlete que era diretora da EFAR. Era minha orientadora eu defini o tema e fui pros barraco eu levei cento e cinquenta livros nas caixas que eu precisava pra fazer meu fichamento comprei quatro cadernos de vinte matérias no Paraguai, canetas e tudo mais fui nas escolas estaduais, expliquei a minha situação, os diretores deixaram eu pegar os livros nas bibliotecas coloquei meu nome e eu falei pra eles, daqui oito meses quando eu terminar de escrever e ler todos esses livros eu trago os livros de volta e aí as escolas fizeram isso por mim. As escolas em que eu estudei Mundo Novo. Eu fiz dois ensino médio ao mesmo tempo. Eu fazia o ensino médio regular e nas férias eu fazia o magistério do campo. Eu achava importante então nessas escolas em Mundo Novo onde eu estudei que é a Escola Estadual Marechal Rondon que fez a tradução da minha documentação enfim eu continuei eu terminei uma o terceiro ano lá e terminei também o magistério pela via campesina na escola Doutora Dora de Vasconcelos Dias em Campo Grande. Então fiz dois ensino médio. E elas me deixaram levar os livros. E aí eu fiquei li todos os livros, fiz o fichamento, voltei pro magistério, defendi o meu TCC. Uma ótima, uma ótima nota e fiquei um ano e sete meses acampada lá em Nioaque, lá dentro aconteceram coisas em que eu não aguentei ficar calada e por conta da minha boca grande eu fui expulsa do acampamento né? Mas eu não dei conta de ver algumas injustiças acontecendo e por conta disso eu fui expulsa. E eu tava lá pra pegar um sítio pra minha mãe e pro meu pai, então nas vésperas da terra ser entregue né? Eu fui expulsa de lá. Inclusive eu tive que sair fugida de lá. Voltei pro sítio dos meus pais. E nisso que eu voltei pro sítio dos meus pais eu, o meu pai e*

minha mãe tinham ficado sabendo seis meses antes de eu sair lá do acampamento de Nioaque que Mundo Novo seria cortado uma terra que ia ser feito um assentamento de reforma agrária na Fazenda Tagros lá em Japorã e aí a minha mãe e meu pai eram filiados do sindicato, lá eu fiz curso de computação eu tinha dentista tudo por conta de minha mãe e meu pai serem filiados minha mãe também sabia que ia precisar disso pra aposentadoria então eles eram filiados no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mundo Novo e era seu Paulo Pimentel o presidente. E aí o sindicato tinha vagas pro acampamento, acho que era doze vagas e minha mãe conseguiu uma vaga. Seis meses antes de eu não ser assentada lá em cima, minha mãe conseguiu uma vaga. E ela decidiu fazer um barraco. E ela decidiu sair de casa e deixou meu pai cuidando do meu irmãozinho mais novo e da minha irmã deficiente e seis meses ela ficou lá naquele barraco, já antes de eu sair do barraco de Nioaque. E aí enfim, quando eu voltei pra Mundo Novo bem desacorçada por conta do que aconteceu, minha mãe falou: "Vivi você quer um sítio pra você minha filha? Isso eu estava noiva, eu tinha é arrumado um namorado, a gente acabou decidindo que a gente ia casar lá em Nioaque que é o Fábio, a gente ficou cinco anos junto ao todo foi meu primeiro namorado e ele ficou lá, ele era acampado lá já e enfim, eu desci pra cá e vim pros barracos de novo com a minha mãe. Minha mãe falou, filha, eu vou ver com o Paulo se ele não arruma uma vaga pra você e aí você pega um sítio pra você ou pega um sítio pra mim e você casa e você e seu marido ficam aqui no sítio e a mãe e o pai ficam aqui do lado e aí você começa a sua vida aqui com o sítio, você pode estudar aqui e ficar por aqui. Eu achei a ideia muito boa e voltei pro barraco novamente. Aí eu fui pro barraco, o Paulo Pimentel conseguiu, tinha uma pessoa que tinha abandonado a vaga, eu entrei na vaga dessa pessoa. E aí eu volto pra baixo dos barraco e embaixo desses barraco eu fiquei mais um ano e pouco acampada. Então ao todo eu fiquei três anos acampada. E eu sempre estudei muito, então nesse último ano de acampamento eu tinha feito o vestibular, aí eu decidi que eu ia morar em Japorã no assentamento e eu ia pra Naviraí fazer faculdade de química e depois eu ia dar aula de química no assentamento. Era a minha ideia, né? Meu namorado estava fazendo o curso de ciências sociais pelo PRONERA ele não ia fazer eu convenci ele a fazer ensinei ele a fazer redação ele passou em décimo nono lugar e ele foi fazer ciências sociais inclusive eu acompanhei a faculdade de ciências sociais pelo PRONERA e acompanhando o Fábio, que era meu namorado pelo MMC eu acompanhei várias etapas. E nisso eu estava acampada. Lá em Japorã. Fiquei um ano e pouco acampada. E aí eu é, como eu te falei estava estudando pra mim poder ser professora e eu ia dar aula lá dentro do assentamento Tagros tinha várias escolas rurais lá, né? Então essa era a minha perspectiva de vida naquele momento. E aí eu passei no vestibular da UEMS, passei em terceiro lugar, terceiro, quarto lugar, não lembro no

vestibular de dois mil e oito pra poder entrar pra faculdade de dois mil e nove, né? E entrei e um dia eu estava lá nos barraco e meu irmão ligou e falou Vivi do céu você ficou sabendo, eu não tinha internet, não tinha celular, não tinha nada, isso meu irmão foi pra cidade ele falou Vivi eu entrei aqui porque você pediu pra mim ficar checando fiquei sabendo que você passou no vestibular da UEMS e tem um ônibus que vai de Mundo Novo, passa por Mundo Novo, Eldorado, Iguatemi e você precisa vim hoje dar o nome aqui porque senão você vai perder a vaga, eram cento e cinquenta quilômetros de ida e volta todo dia. E nesse busão você vai perder a vaga, tem que fazer sua matrícula na universidade, senão hoje é o último dia. Menina, meu pai saiu da fazenda, olha que loucura, meu pai não tinha carro de Mundo Novo a Japorã dava em torno de uns, deixa eu ver, sessenta, setenta, uns cento e oito quilômetros da fazenda onde meu pai trabalhava no acampamento o meu pai saiu de trator ele não tinha como sair de outro jeito, o carro estava estragado. Saiu de trator pra me buscar no acampamento. Cheguei em Mundo Novo de noite já, a menina de trator. Imagina rodar isso tudo de trator. Meu pai veio da fazenda me buscou de trator ele pegou esse trator escondido pra vim me buscar no acampamento pra me levar a fazer a matrícula da universidade. Cheguei lá menina com tudo quase fechando a UEMS fechando, consegui fazer minha matrícula, dar o nome pra universidade e daí ele tinha deixado o carro, ele arrastou o carro pra mecânica e falou ó vai mexendo no carro que eu não vou dar conta de chegar com o trator até na fazenda depois que vai ter que deixar o trator pra manutenção e aí conseguimos chegar, pegar o carro e nisso que meu pai pegou o carro, isso já foi de madrugada até terminar de pegar o carro. Quando a gente chegou chegamos quatro hora da manhã pra mim voltar pro acampamento pra ele poder voltar pra fazenda isso tudo tinha que ser rápido porque ele abandonou a fazenda pra ir me buscar no acampamento pra mim poder fazer a matrícula na faculdade dá o nome pro busão e ele tinha que tirar leite dessas vaca, então ele fez isso tudo de madrugada pra conseguir voltar lá pro sítio sem meu tio saber que ele saiu da fazenda, né? Que se não ia bater, apanhar, espancar e o pau ia cair a folha lá de novo e aí enfim aí o meu pai fez isso de me buscar de trator e quatro horas da manhã ele conseguiu me deixar no acampamento e adivinhe gente vocês não tem ideia quatro hora da manhã quando a gente chegou clareando o dia no acampamento adivinha quem estava lá no acampamento? O Incra, o Incra estava com toda a comitiva, estava com polícia, estava com prefeitura, do nada ninguém sabia que naquele dia seria a entrega dos lote. E eu falei, meu Deus do céu, e quando eu cheguei lá, minha mãe sem telefone, meu pai e eu na estrada, elas não conseguiam falar com a gente. O INCRA chegou duas, era uma e pouco, duas horas da manhã nos barraco pegando barraco por barraco, pegou assim povo de surpresa falou você vai ser assentado, você não vai, você vai, quem não estava

*lá perdeu a vaga. E eu estava chegando, eu cheguei quatro hora da manhã e eu fui a única pessoa, eu era a única que não estava lá tinha ido fazer minha matrícula na faculdade. E aí quando eu cheguei todo mundo ficou me olhando e eu cheguei tinha um mundo de gente, todo mundo acordado, os barraco tudo fazendo café, aquele fogareiro e tal, tinha um armado uma barraca gigantesca pra começar a sortear os lote e eu cheguei e olhei minha mãe chorando ela falou filha do céu vão te deixar de fora aí eu não acreditei que eu não ia pegar o lote aí eu cheguei olhei pra aquela moça assim do Incra falei pra ela pelo amor de Deus eu preciso dessa terra fiquei três anos acampada pra mim ter meu sítio não deixa eu de fora não pelo amor de Deus aí todo mundo quieto assim volta olhando eu implorando pra ela não tirar meu sítio e ela falou você tinha que estar aqui no barraco eu falei não mas eu tenho meu barraco, eu estava acampada, mas eu precisei fazer matrícula na faculdade. Meu pai veio da fazenda me buscar de trator. Ele fugiu da fazenda pra conseguir me trazer de volta aqui pros barracos. E eu falei que eu quero uma vida melhor pra mim, mas eu entendo que eu vou precisar ter uma estrutura. Eu não quero ficar sem estudo aí ela olhou pra mim e falou assim, espera aí. Aí ela pegou assim um documento em GPS, digitou meu CPF, daí ela olhou e falou pra mim assim ah você é a Viviane Mallmann, tô com seu CPF aqui, aí ela pegou e falou pra mim, você foi expulsa do acampamento em Nioaque, seu nome tá com uma restrição dentro do sistema do INCRA. Aqui dentro tem um motivo tal, tal, tal, tal, pelo qual você não foi assentada aí eu descobri a falcatrua que os movimento fizeram na época lá pra mim não ser assentada e aí eu falei pra ela isso é mentira o que está marcado aí no sistema é mentira e eu te conto a história se você quiser, ela falou eu não quero saber aí eu ajoelhei, levantei os braços pro céu e falei, por favor, não me tira meu lote. Eu passei três anos embaixo do barraco, eu comi o pão que o diabo amassou. Passei por coisas que eu não quero que vocês nem saiba. Você vem me dizer que eu não vou poder ser assentada agora. Ela falou, pois é aqui dentro do sistema mostra essa restrição e eu acredito mais na palavra do pessoal dos movimento do que na sua. Aí naquele momento eu sabia sabe Regina que eu tinha feito tudo, tudo certo que eu estava sendo injustiçada pela segunda vez, eu depois que ela pegou e falou assim que ela não ia voltar atrás, que eu não ia ser assentada, eu fui a única excedente, eu fui a única pessoa que não peguei lote lá. Por conta disso. Eu olhei pra ela e falei pra ela assim eu quero dizer pra você o seguinte: o meu Deus é um Deus de justiça o meu Deus ele não é padrasto ele é pai, Ele é pai. E eu vou ser assentada. Aí ela olhou pra minha cara e falou pra mim assim. Você só vai ser assentada sob meu cadáver. Só se eu morrer porque eu não vou deixar você ser assentada. O seu nome continua com restrição enquanto eu for a coordenadora dos assentamentos e dos acampamentos que serão implantados você não vai ser assentada. Só sob meu cadáver. Aí eu*

*olhei assim, me dê uma paz naquele momento. Eu falei cara você está colocando a sua vida sobre um processo de injustiça que está acontecendo comigo levando em consideração que o meu Deus é um Deus de justiça eu olhei pra ele isso todo mundo no acampamento ouviu o Incra, o presidente do INCRA que estava junto com ela naquele dia ouviu isso também eu olhei pra ela e falei assim pois bem você hoje assinou sua sentença de morte porque em nome de Deus em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo eu vou ter a minha terra e se a tua vida precisa ser a vida que tem que ser paga pra mim ser assentada sua vida vai custar a minha terra, eu falei desse jeito pra ela, eu não vou te matar, mas hoje você colocou a tua vida sobre um processo de injustiça. E eu vou ter a minha terra. E foi isso. Né? E aí rolou tipo todo o rolo do assentamento naquele dia e foi feito uma solenidade lá na sede da fazenda e aí lá na sede da fazenda entregaram simbolicamente o papelzinho dos lotes e aí no momento em que minha mãe foi pegar ela pegou microfone e ela falou por favor eu queria que nesse momento a minha filha estivesse aqui comigo pra receber essa terra e tirar uma foto junto com o presidente do INCRA porque foi muita luta, foi muito sofrimento e eu não tive coragem de abandonar o sítio e a fazenda que a gente estava pra vim pros barraco minha filha que teve, isso ela falando pra todo mundo e depois que eu vi minha filha passar fome, passar tudo que ela passou, passar as humilhação que ela passou naquele barraco que é a luta pela terra. Eu falei, eu também tenho que tirar vergonha da cara e lutar, então eu só fui pro barraco porque eu vi que minha filha foi. Se minha filha foi eu também era forte pra vim. E minha mãe era líder do barraco do grupo dela. Acabou se tornando líder do grupo dela inclusive. Né? Então minha mãe falou isso e hoje eu estou recebendo esse sítio é por causa dela. Então eu quero que ela venha aqui pegar porque esse lote era mais merecido ser dela do que o meu. E eu fui lá na frente e peguei o lote e quando o presidente do Incra me entregou eu comecei de chorar. Eu chorei, chorei, chorei. Minha mãe me abraçou, meu pai me tirou de lá e o presidente do Incra ficou me olhando de longe assim, sabe? E ele achou estranho aquilo. E depois disso eu catei minhas trouxas, voltei pra Mundo Novo, fui morar numa república e fui fazer a faculdade, né? Era o que tinha sobrado pra mim. Aí eu fiquei cinco anos, quatro anos em Mundo Novo, no terceiro ano de faculdade de química, eu ia e voltava todo dia. Eu não tinha comida, a bolsa já não dava pra pagar as despesa meu pai e minha mãe recém assentados sem um puto no bolso meu pai ainda ficou nove meses trabalhando na fazenda pra ir juntando um dinheirinho pra ir mandando pra minha mãe porque não tinha um dinheiro não tinham nada, estavam no barraco já assentado, mas dentro de um barraco com a situação financeira muito difícil. E meu pai ainda ficou esses nove meses trabalhando na fazenda e mandando o dinheiro pra minha mãe pra ir comprando mais a galinha, pra poder fazer as coisas, sabe então o início do assentamento lá do assentamento*



*Tagros o nome do assentamento é Carlos Jacob Franciosa e Barra Princesa do Sul. Mas é conhecido como assentamento Tagros que era o nome da fazenda, meu pai começou de comprar umas poedeira, minha mãe já começou de vender ovo, mandou passar um trator em cima do colônho, que era colônho fora a fora o sítio dela. Já plantou milho. Então com cinco, seis meses já estava colhendo milho verde. Não faltava o que comer. Minha mãe plantou muito. Tem muita foto inclusive daquela época eu tirava as foto e registrava, falei mãe isso aqui é história, isso aqui tem que registrar. Aí meu irmão volta do quartel a noiva dele falece, ele volta do quartel, compra quatro vaquinhas de jérsei e aí começa a saga dos meus pais trabalhando com leite, hoje meu pai tem um cheque que varia entre doze e vinte e dois mil dependendo da época do ano. Ele trabalha com mel, ele já chegou a ter cento e cinquenta caixas, agora ele diminuiu, né? Está com trinta porque só ele e minha mãe na propriedade eles entregam o produto na merenda escolar eles têm uma vida maravilhosa eles têm quase setenta cabeças de gado tudo gado PO acessaram o PRONAF, eu que fui lá deles acessar, acessaram já o PRONAF A, C pegaram um do outro Pronaf, tem placa solar na propriedade, hoje eles têm uma propriedade impecável. O leite deles é um leite premiado, eles já chegaram a ficar com a segunda melhor qualidade do leite do Mato Grosso do Sul é uma empresa do Paraná que compra o leite deles pra fazer o iogurte especial, então hoje eles estão muito bem.*

*Eu durante os primeiros três anos de faculdade foi muito difícil, a bolsa não dava, no terceiro ano eu fui internada quatorze vezes com desnutrição, um dia meu pai me pegou na cama era um sábado ele veio com um golzinho branco dele pra cidade e ele me chamou me chamou lá na república naquele dia não tinha ninguém na república eu morava numa república com outros quatro professores, tipo não ficavam em casa nos finais de semana, meu pai arrombou a porta e eu estava quase morrendo estava há três dias sem conseguir comer porque eu não tinha comida meu pai e minha mãe falavam abandona a faculdade, vem embora pro sítio aqui pra ficar com a gente. Mas eu não queria, eu não queria deixar a minha faculdade porque eu precisava fazer alguma coisa na vida. Meu pai me internou. E naquele dia ele conseguiu trazer umas mandioca, uns ovo, umas abóbora. E era o que eles tinham pra me ajudar. E nessa situação complexa do meu terceiro pro quarto ano eu pedi pro meu noivo vim e ele também recém assentado não tinha como vir, decidi terminar meu namoro pra tocar minha vida, arrumei outro namorado pra me ajudar me cuidar, cuidar da minha vida, das minhas contas e aí eu pedi o Lucas em casamento no meu último ano de faculdade. O Lucas decidiu vir morar comigo e a gente decidiu trabalhar durante um ano, juntar um dinheiro pra gente poder casar, terminar a faculdade e o Lucas, que é o meu marido, ele estava fazendo*

*biologia em Mundo Novo e eu fazia química em Naviraí e aí a gente decidiu ir morar junto a nossa vida ficou um pouco melhor e nisso eu fui trabalhar nas férias, eu ia trabalhar no Paraguai, vendendo, juntava um dinheirinho e ia dando pra gente ir se virando e terminando a faculdade e no último ano de faculdade eu como eu fui no terceiro ano eu fiquei internada eu reprovei em duas disciplinas e no quarto ano eu consegui fazer as disciplinas, só que uma delas era laboratório então eu fui pro quinto ano de faculdade de química nesse quinto ano de faculdade de química eu sou ia nas terças-feiras pra faculdade aí eu decidi ir morar com meu pai e com a minha mãe lá no assentamento pra mim ir dar aula então eu dava aula no assentamento que é o ano que eu decidi ficar junto com o Lucas pra juntar um dinheirinho pra gente poder casar e ir embora de Mundo Novo. A nossa ideia era ir embora, fazer um mestrado e a gente precisava juntar um dinheirinho. Então eu fui trabalhar no quinto ano de faculdade lá no assentamento Japorã. Então em dois mil e treze eu dei aula com o magistério na escola Caminhos da Sabedoria é uma extensão de uma escola de Jacareí lá em Japorã e foi maravilhoso então foi o primeiro ano de magistério meu de aula foi uma sala de pré-escola dois que foi incrível eu tenho todos os vídeos e as fotos das atividades que eu fiz com as crianças foi um trabalho impecável os pais não queriam que eu saísse da escola mas eu saí porque eu passei no mestrado e passei com bolsa na UEMS e aí foi isso e todas as crianças da pré-escola saíram lendo e escrevendo, falando sobre o futuro com as prospecções bem interessantes. Eu dei o melhor que eu tinha de mim naquele ano. Sofri muitas perseguições porque é normal quando você faz um trabalho bem feito e o povo quer que você faça coisas diferentes*

*E nesse ano final de dois mil e treze, trinta de novembro de dois mil e treze eu e o Lucas a gente casou na igreja, casamos um pouco antes no cartório e aí eu passei no mestrado com bolsa e o Lucas na época ele não tinha conseguido passar mas mesmo assim a gente se mudou pra Naviraí, alugamos uma casa e ele foi espalhou o currículo, não conseguiu o emprego, trabalhou por um mês a gente ficou vinte e sete dias de favor na casa de uma amiga Gothara até a gente achar uma casa pra alugar e aí o Lucas conseguiu emprego no Lava Jato que ele trabalhava dezoito horas por dia, ganhava seiscentos reais por mês mais minha bolsa do mestrado. Nessa condição eu entro no mestrado na UEMS. E eu ia de Naviraí pra Dourados fazer as aulas. A gente ia de carro com outro pessoal, dividia a despesa e aí no meio do meu mestrado eu engravidei do primeiro pro segundo ano do mestrado e aí eu comecei de ter sangramentos no meu quarto mês de gestação trinta e cinco veias rompidas e aí foi graças a meu orientador e ao meu marido e aos meus pais que eu consegui terminar o meu mestrado, me ajudaram na pesquisa e tudo mais porque eu fiquei com gestação de risco, com muito*

sangramento, quase meu filho morreu no HU de Dourados conseguiram fazer os exames, descobrir os problemas genéticos que eu tenho, com a graça de Deus meu filho nasceu lá no HU, nas mãos da doutora Fernanda, um parto humanizado, parto normal, quem fez meu parto foi meu marido dentro do hospital porque os médicos tinham medo, então ele e a doutora Fernanda e mais três enfermeiras fizeram o meu parto. Foi abençoado. Dezoito de abril de dois mil e quinze o Marco Antônio nasceu, às quatro horas da manhã. E aí terminei o meu mestrado e durante o meu mestrado eu sangrava, cuidava do meu filho, me recuperava e preparava meu currículo pra entrar no doutorado e aí nisso eu descobri que minha irmã sofria violência e ela veio morar comigo e nesse mesmo ano que meu bebê nasceu, meu bebê pequenininho, a irmã do Lucas foi despejada, o marido dela abandonou ela com uma criança de três anos e eles decidiram e eu decidi acolher eles pra vir morar com a gente também. A gente saiu de uma casa de um cubículo, de um cômodo que eu e ele morávamos em Naviraí e alugamos uma casa maior, com dois quartos, sala e cozinha e aí eu comecei de fazer salgado pra vender. Eu acordava três e meia da manhã com o bebezinho pequeno fazia salgado pra seis horas da manhã o Lucas saía com a caixa térmica ele rodava quinze quilômetros de a pé em Naviraí com duas caixa pesada com suco de laranja espremida e oito receita de salgado que eu fazia ele vendia oito receitas cedo ou oito receita de tarde com esse dinheiro a gente conseguia pagar o aluguel e comprar comida pra ajudar a cuidar da minha irmã, da minha cunhada e do meu sobrinho. E nisso a gente, minha irmã e minha cunhada só estudava, elas saíam cinco horas da manhã de bicicleta pra ir no SENAC fazer curso e de noite elas faziam ensino médio. E eu cuidava do meu sobrinho e depois conseguia uma vaga na creche, ele ia pra creche e minha cunhada, Roberta, ela fazia um curso cedo e um curso diferente à tarde. Minha irmã também, de noite estudava ensino médio e eu e o Lucas com a minha bolsa de mestrado e a venda do salgado pagava as conta da casa. E no final do ano as duas terminaram o ensino médio, minha irmã ficou comigo ainda e a Roberta fez o vestibular e entrou pra faculdade da UEMS. Ela foi fazer gestão ambiental em Mundo Novo, ela voltou pra Mundo Novo com três curso técnico, terminado pelo SENAC e tendo sido aprovada no vestibular, foi estudar. E a minha irmã voltou comigo e quando eu terminei o meu mestrado eu passei pro doutorado e isso quando eu passei no mestrado eu também ganhei o sítio, né? Então antes do doutorado, né? Em dois mil e quatorze eu tava quase no finalzinho do meu primeiro ano do mestrado grávida, com três, quatro meses de gestação eu fui assentada, aqui eu ganhei o sitio, em Sidrolândia eu não precisei ficar acampada, então pra mim ganhar o sítio aqui em Sidrolândia foi um pouco diferente o processo do que rolo, eu tinha uma amiga chamada Irene Betim que era amiga do presidente do Incra na época e num curso de capacitação do

*movimento de mulheres que a gente fez lá em Chapecó na volta dentro do ônibus eu contei a história pra ela, eu escrevi num papel toda a minha história e ela entregou essa carta no dia seguinte chegando de viagem ela entregou pro presidente do Incra acho que era o Boneli na época e ela leu na frente do incra, falou essa menina tá com uma restrição no sistema por causa disso que aconteceu, foi uma injustiça e a gente quer que você tira isso do sistema pra que ela possa ser assentada e aí o presidente do Incra tirou o bloqueio do meu nome e subiu meu nome na lista e falou pra ela assim, você fala pra essa menina que a primeira terra que for entregue aqui no Mato Grosso do Sul é pra vocês procura o Incra que o nome dela vai tá aqui ela só não pega terra se não quiser, ela vai ser indicada do Incra pra pegar a terra.*

*E dito e feito, quando foi ser entregue a terra do Nazaré a doutora Odete Onorail tinham vagas aqui no acampamento pelo sindicato. Eles entraram em contato com o Incra falando olha o nome dela está no sistema com essa observação e ela quer o sítio aqui em Sidrolândia e aí me deram a vaga né? Então logo quando foram entregar as terras ninguém sabia quem eu era. Só a Neli e seu Armindo e a dona Ilma. Dona Ilma veio, fez meu cadastro aqui no CRAS em Sidrolândia. Eu peguei meu Nis e aí conseguiram me assentar aqui. Então eu fui a única assentada indicada pelo Incra. O resto tudo pelos movimentos. E nisso em dois mil e quatorze aqui eu fui assentada, aí eu passei no mestrado, engravidei, peguei a terra, tudo no mesmo ano. Então eu recebi um pacote tecnológico. Foi difícil de administrar tudo. Então do mestrado estava em gestação de risco. Não consegui vim pro barraco. Então no ano de dois mil e quinze eu não consegui vim pra cá por conta da gestação de risco e o pós-parto que fiquei em monitoramento e aí tentaram invadir meu sítio, quase perdi o sítio, tive que montar um processo com advogado no INCRA pra poder pegar meu sítio de volta, mas como eu tinha uma justificativa por conta da saúde eles não tomaram meu sítio, aí o povo denunciou de novo, perdi meus direitos aos créditos, aí depois tive que montar o processo pra pegar meus créditos de volta, fui muito perseguida aí do mestrado fui direto pro doutorado e aí parte do meu doutorado eu fiz na Universidade Estadual de Curitiba em Santa parte no Instituto Federal em Nova Andradina, parte na Universidade Federal em Campo Grande, parte da Universidade Federal da Grande Dourados na UFGD. Parte na UEMS de Naviraí, parte na UEMS de Dourados e parte na UEM Universidade Estadual em Maringá. Por quê? Porque eu precisava de equipamentos, eu estava trabalhando com novas drogas e prospecção de bioprodutos, anticâncer, então eu precisei rodar, buscar os laboratórios pra poder fazer parcerias, né, rodei bastante. Minha pesquisa ficou muito legal. Mas nisso eu não consegui estar aqui no sítio novamente. Eu tenho cinco processos no INCRA. Por conta deles quererem tomar meu sítio*

porque falaram que quem está em sítio em reforma agrária não tem que ser doutor. Né? Tinha uma fala do Incra que estava escrito assim, por que uma pessoa que está sendo doutora, quer ter um sítio no assentamento. Isso não é plausível. Sendo que existe uma legislação, o Pronera, que inclusive incentiva a gente estudar. Então isso era muito dicotômico, muito antagônico pra mim. Mas eu mas eu lutei, consegui meu sítio, e eles iam colocar uma família aqui, daí naquele ano dois mil e dezesseis eles falava ou você se muda pro sítio mesmo com doutorado, vem de vez em quando, faz um barraco ou nós vamos entregar pra outra pessoa, começo de dois mil e dezesseis a gente vem pra Sidrolândia entregamos currículo nas escola, alugamos uma casa, conseguimos, aí a gente conheceu o diretor Antônio Paiva e nessa trajetória a gente conseguiu um período de aula na Escola Municipal Porfíria, o Lucas conseguiu, uma semana depois o Paiva me ligou, me deu um período de aula, eu assumi as aulas da Rosana Carvalho, ela foi assumir o sindicato e eu peguei um dos períodos dela, fui dar aula pros oitavo, nono ano, lá no Catarina, aula de ciências e aí fazendo o meu doutorado e dando aula. Daí a gente vinha nos final de semana pro sítio. Montamos um barraco aqui e começamos a construir. Então nossa primeira casinha aqui no sítio, quem arrumou os quatro mil reais emprestado pra gente foi o Paiva e a Rosana Carvalho, e a gente foi pagando pra ela depois com o meu salário com a graça de Deus, minha primeira casinha meu pai veio pra construir pra mim, veio lá de Japorã aqui pra construir e daí a gente começou a nossa vida aqui no sítio, então isso foi até chegar aqui, né? Até chegar aqui no assentamento e graças a minha bolsa de doutorado, eu passei em primeiro lugar no doutorado, noventa e seis candidatos, mas eu fazia a massa teve vezes de eu escrever 14 artigos numa semana pra mim ir pra congresso, ir pra evento, eu fiz meu currículo porque eu sabia que eu precisava passar em primeiro lugar porque tinha poucas bolsas tinha quatro, cinco bolsas só pra dezesseis vagas, só tinha uma vaga, uma bolsa pra Naviraí, as outras três bolsas era pra Dourados, o PGRN que era um Programa de Doutorado em Recursos Naturais ele dividia as vagas entre Naviraí e Dourados e eu concorria a vaga de Naviraí pra eu continuar com o mesmo orientador e eu precisava passar em primeiro lugar pra ter aquela única bolsa que tinha se não eu não conseguia continuar no doutorado e eu passei com a graça de Deus em primeiro lugar, então de madrugada eu dava de mamar e escrevia artigo, depois eu ia fazer massa, descansava um pouco ao longo do dia limpava tudo e continuava escrevendo, produzi muito, consegui, então foi tudo assim, foi com muita luta, com muito choro mas com muita gente ajudando.

E aí a dona Neli e o Armindo que foram assentados aqui perto da gente, dona Neli que faleceu ano passado, que Deus a tenha, ela me ajudou a cuidar do nenê, fazer o doutorado,

*cuidar do meu sítio. E hoje eu tenho um sítio muito bonito e desenvolvo um projeto agroecológico tem meu vô, tem minha vô paterna, materna tem todos os cursos que eu fiz, tem toda a minha vida, a minha história e eu tô construindo coisas aqui que eu aprendi com muitos povos, coisas que eu aprendi com os indígenas no Paraguai, coisa que eu aprendi com os indígenas que me ajudaram no doutorado. Então foi isso, né? Então meu sítio aqui a gente está construindo, o nome dele é Recanto Agroecológico, Mia Terra, o Mia vem do meu sobrenome que é Mallman e o do Lucas A de Aragão. Então Mallman e Aragão Agroecológico. Então Mia Terra. Vem disso o nome do nosso sítio, aqui no lote noventa e nove aqui no assentamento Nazaré.*

*E aí aqui no assentamento a gente tentou várias experiências têm todo um processo, a gente plantava e nada dava, só tinha dezenove árvores algumas grandes resto tudo capim braquiária a gente foi assentada era tudo seco eu vou te mandar as fotos de como que era aqui antes só tinha braquiária e tudo degradado. Foi bem difícil no começo, viu? A gente trouxe mudas de árvores, morreram tudo, depois a gente foi estudar o que que era o cerrado eu consegui vaga na UFGD durante o doutorado como uma aluna especial, fiz umas disciplinas com a professora Zefa no mestrado e no doutorado que ela tem, pra poder estudar o doutorado e conseguir estudar as técnicas, aí eu fui pesquisar e descobri a agrosintropia<sup>25</sup> e o sistema de agrofloresta do Ernst Götsch, estudei tudo sobre a experiência que ele desenvolveu lá na Bahia e começamos a implantar um processo, isso já logo por dois mil e quinze nessas idas e vindas do meu doutorado, do meu mestrado e doutorado a gente já começou de implantar o processo, plantar as sementes, as mudas em dois mil e dezessete teve um incêndio criminoso que queimou tudo, perdemos tudo que a gente tinha feito, o Lucas quis vender o sítio, ir embora porque foi muito trabalhoso, muito sacrifício, era pouco que a gente tinha feito mas com muito sacrifício ele queria ir embora e aí foi tenso, eu lhe falei não vamos embora vamos trabalhar e no meio tudo queimado a dona Neli me emprestou cem reais e eu gradiei um pedacinho que deu menos de meia hectare deu zero ponto seis hectares ficou três meses sem chover depois que eu gradiei e aí quando começou a chover começou de vim aquele cerrado lindo onde eu tinha gradeado porque assim o trator ele pegou bem por baixo das raízes e as árvores começaram a brotar e como ficou muito tempo, queimou, e ficou muito tempo seco a braquiária não voltou com força então naquele pedacinho o cerrado rebrotou e nós falamos isso aqui vai servir de experiência concreta pra gente, três anos depois a gente replicou isso que aconteceu como um desastre em*

---

<sup>25</sup> A agricultura sintrópica se propõem a reordenar e restaurar o ecossistema natural, tornando a área capaz de produzir e entregar benefícios sustentáveis ao ambiente. <https://agroinsight.com.br/>

dois mil e dezessete. A gente gradeou, a gente chamou um trator traçado de Anhanduí, o professor Toninho lá tem um trator traçado a gente fez um acero de dez metros e nós queimamos cinco ponto seis hectares do nosso sítio aqui que era um lugar que quase só tinha braquiária, pouquíssimas árvores do cerrado, tinha acho que umas duas ou três e nós queimamos e mandamos gradear, passamos um subsolador assim que foi um metro e pouco pra dentro do solo aí ficou dois meses e quinze dias sem chuva. Mesma coisa deu uma segurada na braquiária e aí o cerrado começou a rebrotar. E naquele lugar depois de um ano a gente começou a fazer uma ação que foi esse ano. A gente começou a plantar uma floresta, que é uma experiência toda diferenciada nesse lugar. A gente passou dois, os últimos dois anos estudando e coletando sementes no cerrado. Pra gente poder implantar uma floresta. E a gente estudou espécies apícolas e frutíferas que a gente pudesse agregar valor do cerrado e aí a gente colocou isso dentro de um saquinho de papel junto com microorganismos que a gente coletou na mata, a gente pediu pro trator da associação fazer linhas acompanhando a curva de nível a cada onze metros e aí a cada onze metros a gente fez uma linha e de seis em seis metros e a gente fez berço pra enterrar essas sementes, pra semear essas sementes e agora já está tudo nascido está a coisa mais linda então tem a agrofloresta germinando ali. Antes disso a gente tem outras duas experiências de agrofloresta que a gente começou a fazer uma em dois mil e dezoito com oito canteiros de trinta metros a gente fez um processo semeando e transplantando mudas e a gente tem área de SAFf número dois que é uma área em consórcio que tem o leite hoje, o leite e a agrofloresta, então a gente tem três modelos de agrofloresta diferente aqui, uma que é só semeada e feita essa manutenção do cerrado gradeando pro cerrado poder vir, a outra é transplantando sementes e mudas e inserindo microorganismo junto com o leite e essa outra que é a primeira que é o piloto de oito canteiros por trinta que é a nossa área maior de onde as árvores estão mais grandes. Mas tem quase duzentas e quarenta e cinco espécies consorciadas ali. E aí nisso a gente começou a roçar e deixar o cerrado vim. E nisso hoje nossa propriedade ela já tem assim um cerrado vivo eu vou te mandar muitas fotos do que que é essa nossa área piloto cerrado, nossa área de agrofloresta dois em consórcio com leite e essa floresta mais essa área maior que a gente está implantando de cinco pontos de seis hectares que é só semeando, e no meio disso tudo a gente começou a trabalhar com apicultura, tem dois anos que a gente já está trabalhando com apicultura e ano passado em dois mil e vinte e dois eu ganhei um prêmio em terceiro lugar com o melhor projeto socioambiental brasileiro no programa da ABDI, no edital ASG Mulheres Empreendedoras, eu ganhei um prêmio de cento e cinquenta mil que a gente está aplicando devagarzinho aqui na propriedade. E é isso. Aí ano passado eu e o Lucas entramos num programa do Senar pra gente melhorar o

*empreendimento e aprender tudo sobre apicultura. E aí a gente está ampliando e cultivando abelhas. A gente acredita que até o final de dois mil e vinte e três a gente vai estar com cinquenta colméias com cinco sobreninhos. E no ano de dois mil e vinte e quatro a gente tem uma prospecção pra colheita de mel muito boa. E a Floresta apícola que a gente está implementando vai ser assim no sítio inteiro pasto apícola intercalado com a produção de leite agroecológico, agora a gente conseguiu captar a água, então a gente vai ter o peixe também. E a gente vai trabalhar com peixe orgânico e agroecológico com o mel, e com os derivados do mel. E aí em dois mil e dezesseis, dois mil e dezessete, dois mil e dezoito eu comecei a capturar microorganismos eficientes pra produzir fermentados. E aí a ideia era trabalhar com uva, mas a uva a gente está pelejando pra desenvolver e aí em vez de produzir vinho e vinagre com uva eu estou fazendo com os frutos do cerrado. E aí ano retrasado eu ganhei um prêmio no programa centelha com os projetos vinhos e vinagres agroecológicos, um projeto de recuperação ambiental, eu ganhei um prêmio de sessenta mil e a gente aplicou, comprando fermentadores, hidroddestilador e estamos finalizando a construção da nossa agroindústria pra poder trabalhar a comercialização dos nossos vinhos e vinagres agroecológicos, eu tenho uma startup né? Eu criei uma empresa. Hoje eu tenho um CNPJ, eu tenho uma sociedade limitada. E esse ano a gente vai desenvolver outros projetos em parceria com outros editais. E aí no ano retrasado eu também consegui ganhar um outro projeto do Rural Sustentável onde o meu sítio foi eleito como uma unidade demonstrativa especial de agrofloresta no estado. São oito dessas do Programa Rural Sustentável e o meu sítio é uma dessas oito unidades de agrofloresta que recebem recurso do Reino Unido em parceria com o BIRD, que é o Banco Interamericano e o MAPA, projeto coordenado pelo Instituto IABS né? Aqui no Brasil coordenado pelo IABS é isso né? Então a gente está muito feliz aqui na propriedade desenvolvendo projetos agroecológicos muito legais. E um dos benefícios que eu recebi do projeto Rural Sustentável com essa unidade demonstrativa de agrofloresta é poder trabalhar a certificação da propriedade. Então em maio deste ano finaliza, a gente vai estar com a nossa propriedade inteira certificada e o certificado que nós escolhemos é o certificado Rainforest que permite a gente comercializar inclusive pra fora do país os nossos produtos com agregado valor e no meio disso tudo eu estou ajudando também a coordenar atividade do MMC - Movimento de Mulheres Camponesas no Brasil. Então quando eu entrei pro magistério lá em dois mil e cinco pela CPT lá dentro eu conheci a doutora Odete e a irmã Olga e comecei das discussões de gênero pelo MMC e em dois mil e seis eu já estava no movimento de mulheres camponesas. Então assim, com dezesseis anos, quinze pra dezesseis anos eu entro pro movimento de mulheres camponesas e começo a participar de capacitações e desde então eu sou voluntária*



no movimento de mulheres, né? E aí hoje eu estou como coordenadora do movimento de mulheres camponesas no estado eu coordeno o setor de projetos e até ano passado eu estava em outra função e esse ano eu vou ficar coordenando a parte de projetos, até ano passado eu estava no setor de comunicação a nível nacional do movimento contribuindo e esse ano eu vou para o setor de projetos então tanto a nível nacional como quanto estadual eu estou no setor de projetos angariando o fundo pras atividades do movimento a nível de Brasil. E é um pouco isso, né? Esse ano a gente vai ter um projeto muito bacana junto com a Misereor e o movimento de mulheres que estamos construindo e foi muita luta, muito diálogo pra gente poder chegar nisso, tem um projeto em parceria com a Via Campesina que também está a caminho e estou finalizando a prestação de conta do segundo projeto junto com a SESI que é uma entidade ecumênica que está subsidiando as atividades da Associação das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Mato Grosso do Sul. Eu sou coordenadora geral, estou no segundo mandato da AMTR. É uma associação que atende todo o estado. A gente tem atendido vinte e cinco municípios com a nossa associação e aí a gente está escrevendo projetos por essa associação e ajudando muitas famílias, né? Então um dos projetos que está em andamento é um projeto de cento e cinquenta e nove mil que eu estou coordenando pra ajudar cinquenta famílias a implantar agroflorestas e essas famílias vão entrar num processo de capacitação junto comigo esse ano e a AMTR, pra aprenderem implantar uma agrofloresta dentro do cerrado porque tipo serrado não tem floresta, mas aí a gente vai estudar os processos, passar pra eles assim essa realidade que a gente tem é aprender com eles também. Isso é um processo pros próximos dois anos. E aí o recurso da Misereor que vai vir vai subsidiar essas ações e vai poder ampliar pra outros municípios os projetos de agrofloresta que nós temos, municípios estes que são Mundo Novo, Japorã, Itaquiraí, Rio Brillhante, Terenos, Bela Vista e mais unidades aqui em Sidrolândia e Campo Grande. E é um pouco isso, né? Da minha história, e ano passado eu tive uma gestação de risco, eu engravidei do Arthur fiquei afastada da escola, né? E tem três anos que eu consegui vaga na Escola Rural do Campo pra dar aula aqui em Sidrolândia na Escola Estadual Paulo Eduardo de Souza Firma foi um espaço que me permitiu fazer uns trabalhos bem legais com as crianças na escola tem umas fotos bem interessantes inclusive desenvolvida com a professora Regina com o professor Gaspar com o professor Lucas e com a professora Tânia a gente fez uma horta no estilo agroecológico muito bacana. Então foi muito interessante esse processo. Eu dei aula na escola da extensão Jiboia e lá no Polo, né? Na Escola Estadual Paulo Eduardo.

*Inclusive o primeiro objetivo dum dos nossos projetos em parceria com a Misereor é*

*trabalhar a questão produtiva contra a fome pra que as mulheres não passem fome nos assentamentos e nas comunidades onde a gente esteja. E o segundo objetivo é trabalhar política e construir alternativas de como fazer para assentar outras mulheres. É um desafio grande.*

*Hum ia dizer é agora eu estou construindo uma farmácia uma clínica aqui no sítio pra mim poder trabalhar com atendimentos eu estou no quarto semestre de farmácia e eu decidi que eu vou montar uma farmácia um espaço com produtos naturais atender e trabalhar a saúde das pessoas porque todo mundo está muito doente aqui. Em dois mil e oito eu tive a oportunidade de ser uma das técnicas que recebeu formação de um projeto que a AMTR aprovou, na época a doutora Odete que escreveu e coordenou o projeto. Em que a gente passou por dois anos passando por um processo de formação e sobre a agroecologia e aprendemos homeopatia animal vegetal e humana então eu fiz o curso de homeopatia e depois pelo curso da Hotmart eu fiz mais um curso que eu finalizei esse ano de homeopatia integrativa humana e hoje eu sou terapeuta com carteira e com registro e eu comecei esse ano a atender as pessoas como terapeuta homeopata e eu comprei uma máquina de biorressonância que me ajuda nos diagnósticos e acompanha o tratamento. Aí eu fiz o curso de florais esse ano e essa semana está chegando o meu primeiro kit de florais então eu comecei de manipular florais desde dois mil e oito fazendo curso lá e aí agora eu vou comprar meu primeiro kit, a estrutura pra dinamizar as homeopatias aqui vai demorar um pouco ainda porque é processo caro os equipamentos e precisa de toda uma estrutura que nós estamos construindo pra poder atender as pessoas aqui na clínica e poder produzir as homeopatias então eu estou começando de trabalhar como terapeuta agora e aí produzindo pomadas produzindo fitoterápicos e aí eu olho pra trás e as pomadas que eu faço eu aprendi a fazer com a minha avó então eu fiz um curso que consegui olhar muito pro meu passado e eu olho pro futuro e eu olho pras minhas raízes e hoje eu faço tudo aquilo que eu gosto, né? Até ano passado eu tava na sala de aula e esse ano eu tô buscando construir outros processos, né? Outras vertentes e é isso né? Então ontem eu já atendi uma pessoa na segunda-feira tem três pessoas pra eu atender então eu viajo pra outras cidades pra atender as pessoas eles montam umas mini caravanas e eu vou lá atender eles e eu estou muito feliz com os atendimentos eu recebi fotos das pessoas que estão aí há um mês tomando homeopatia e mostrando a evolução dos quadros, as pessoas que estavam assim com problemas assim há quinze anos, trabalhavam dentro de hospital e não tinha um feedback e encontraram uma solução dentro da homeopatia. Então hoje eu estou muito feliz trabalhando como terapeuta. Isso é uma coisa que está me deixando muito feliz. E aí com esses resultados que eu já tive das homeopatias e desse processo terapêutico que eu estou fazendo com as*

*famílias. Eu estou concorrendo a um prêmio do governo federal voltado à homeopatia no tratamento de psoríase. Eu estou atendendo duas pessoas que têm psoríase e as homeopatas estão melhorando essas pessoas então eu vou entrar dentro de um programa do governo federal agora e estou concorrendo a isso né? Então eu espero que seja muito positivo. Então é um pouco isso né? Hoje a gente trabalha operação de solo com homeopatas. As nossas vaquinhas que acabaram de chegar tem umas duas ou três semanas também já estão dentro do tratamento homeopático. Então eu trabalho essa integração humana, natureza, animais solo com homeopatia. E eu acho que a gente precisa. A agroecologia ela é um modo de vida. Então a partir dela todas as técnicas que possibilitam a vida no como um todo na sua integralidade a gente está estudando sobre. Hoje eu estou muito feliz com isso. É uma coisa que me traz muita felicidade. Então hoje eu faço muito o que eu gosto. Meus filhos estão aprendendo o que eu estou fazendo há três anos atrás eu fazia uma, dois anos, dois anos e pouquinho atrás eu fazia uma prática produzindo os florais, né? Que eu tô desenvolvendo um estudo com os florais do cerrado e aí meu filho fez um vídeo muito bonitinho explicando toda técnica que eu ensinei pra ele, então eu estou passando pros meus filhos também esse conhecimento e isso do que que é a agroecologia o que que é vida e eu acho bonitinho ele mostrando falando a água passa, as pétalas das plantas passam pra água a sua energia e essa energia é curadora, aí você precisa de ver um dia esse vídeo. Então é isso né? Então a gente está construindo. E a minha maior felicidade é que os meus filhos nasceram dentro dessa terra e que eu estou podendo dar isso pra eles, né? Eles não estão tipo na rua. Eles não estão numa periferia de uma cidade passando fome. Eu estou podendo dar pra eles uma coisa que eu sonhei muito e eu ainda estou na luta. Eu sou sem terra, eu estou num movimento porque eu sei que tem muita gente que precisa de dignidade ainda. Assim como eu. Esse é um dos motivos do porquê que eu ainda estou no movimento de mulheres. Porque que eu ainda participo da Via Campesina, porque que eu construo processos eu já tenho minha terra mas tem muita gente que sofre e é por essas pessoas que precisam que a gente ainda está na luta que a gente ainda constrói, que a gente chama, que a gente está junto, entendeu? Então alguém esteve na luta pra que eu possa ser assentada e eu preciso estar na luta pra tentar garantir políticas públicas e direito pra outras pessoas.*

*E foi um pouco isso da minha história. Tem muita coisa pra contar teria muito mais detalhes, muitas histórias, né? E é um pouco isso. Se vocês tiverem dúvida, quiser saber um pouco mais de alguma coisa em especial, só me chamar.*

## Capítulo 2 - DIALOGANDO COM AS VOZES DAS MULHERES

*A voz de minha filha  
recolhe em si a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida – liberdade.  
Conceição Evaristo*

A escuta e a transcrição foram processos árduos, porém prazerosos, pois ouvir as falas, os relatos, as histórias, ouvir a voz, a entonação, a emoção, o embargo, o choro, é como sair de nós mesmos e adentrar no mundo das narrativas, elas nos afetam, nos fazem refletir sobre a nossa vida, além de nos levarem em uma viagem por paisagens, culturas, lugares, caminhos despertando sentidos e sentimentos, é tão intenso que nos surpreendemos esperando ansiosamente pelo final, ah, o final, que não é o fim, pois a história de vida dessas mulheres tem muito caminho a ser percorrido.

O processo de análise das histórias de vida constituiu-se em um exercício desafiador, chocante, por vezes revoltante, mas também fortalecedor, expor a vida não é algo fácil, principalmente a violência sofrida, é como se revivessem novamente todas aquelas dores, em alguns momentos da entrevista, elas se emocionaram ao relatar a violência sofrida.

As vozes das mulheres assentadas, tecidas por palavras, organizadas numa sequência marcada por idas e vindas da memória, recheadas de entonações, pausas, reticências, silêncios e repetições constituíram em indícios para pensar os contextos históricos a que pertenceram. (DELBONI, 2017, p.14).

Nas narrativas de Edilaine e Elaine percebe-se que a violência as acompanhou desde a infância até a vida adulta e o grau de violência e sofrimento resultante dessa violência perpassou os limites da resistência física atingindo o emocional até o momento do rompimento do ciclo que se encontravam.

*...minha mãe trabalhava muito e a nossa vida era muito sofrida, ela arrumou vários companheiros e esses companheiros agrediram tanto ela quanto nós e por várias vezes nós saíamos correndo de casa por causa das agressões, ficávamos com muito medo e chorando... Com 15 anos eu saí de casa, arrumei um namoradinho, namorei com ele três meses e fugi, fui embora de casa. Com um mês e quase quinze dias aconteceu a primeira agressão ele me deu um soco...ele começou a me agredir frequentemente, diariamente,...nisso as agressões ficaram maiores ele me agrediu pior do que todas as vezes, machucou todo o meu rosto... eu tomei a decisão de voltar pra casa da minha mãe de novo, e assim fui embora... (Edilaine)*

*Foi uma vida difícil porque depois que minha mãe perdeu o esposo, arrumou*

*outros padrastos, tinha pessoas que judiavam muito de nós, sofremos abusos, pressão psicológica, teve uma vez que ela arrumou um rapaz que torturava a gente, nos prendia dentro de casa e falava que ia nos matar... eu me lembro que a minha mãe sofreu muito ela apanhava, o marido que ela arrumava colocava a gente para correr, nossa, foi um tempo assim que eu não gosto nem de lembrar. Mas eu não culpo minha mãe, pois como ela poderia passar pra gente algo que ela não teve... o pai do meu filho que tinha 25 anos e ele me tirou de casa me levou para morar com ele no começo foi bom, mas depois ele começou a me bater... qualquer coisa ele já metia a mão e eu não aguentava mais... eu estava grávida do meu segundo filho eu fui parar no hospital de tanto que ele me bateu... Voltei pra casa da minha mãe com meus dois filhos. (Elaine)*

De acordo com o Dossiê do Instituto Patrícia Galvão a violência ocorre:

Sob diversas formas e intensidades, a violência doméstica e familiar contra as mulheres é recorrente e presente no mundo todo, motivando crimes hediondos e graves violações de direitos humanos. Uma das imagens mais associadas à violência doméstica e familiar contra as mulheres é a de um homem – namorado, marido ou ex – que agride a parceira, motivado por um sentimento de posse sobre a vida e as escolhas daquela mulher. A recorrência, porém, não pode ser confundida com regra geral: a relação íntima de afeto prevista na Lei Maria da Penha ([Lei nº 11.340/2006](#)) não se restringe a relações amorosas e pode haver violência doméstica e familiar independentemente de parentesco – o agressor pode ser o padrasto/madrasta, sogro/a, cunhado/a ou agregados – desde que a vítima seja uma mulher, em qualquer idade ou classe social. (Dossiê Instituto Patrícia Galvão, 2018, s/p).

Não podemos deixar de ressaltar as origens da violência contra a mulher, pois é um fato que existe desde a antiguidade, sendo solidificado pelo patriarcado e socialmente aceito por muito tempo, o que gerou uma naturalização, uma aceitação dessa prática resultando na dificuldade das mulheres se reconhecerem como vítimas das agressões sofridas, conforme analisa Essy,

O uso de patriarcado enquanto um sistema de dominação dos homens sobre as mulheres permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, na mídia ou na política. Portanto, o patriarcado é utilizado como forma de naturalizar um sistema que legitima e naturaliza o exercício da dominação e exploração das mulheres por um indivíduo, na maioria das vezes, do sexo masculino, e que apesar de já ser superado como organização social que tem o patriarca como figura central de uma comunidade familiar ou econômica, ainda possui grandes reflexos na estrutura social do século XXI. No decorrer do atual século, a sociedade vem reproduzindo a subordinação da mulher perante o sexo masculino através da tradição e costumes, e desse modo, banaliza e naturaliza uma opressão sofrida por décadas e que até hoje reflete em diversos setores sociais dos quais o sexo feminino esteja presente. Portanto, há que se falar que o patriarcalismo compõe a dinâmica social como um todo até mesmo nos dias atuais, estando inclusive, arraigado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais. MORGANTE, NADER. 2014. P. 03.

Percebe-se que no contexto familiar em que Edilaine e Elaine se encontravam casar-se tornou-se um “destino”, devido às condições materiais em que se encontravam e o que se segue em suas vidas foi uma “resignação” diante dos acontecimentos que estavam por vir, onde a violência, virou rotina, isso se explica conforme descreve Saffioti:

A violência doméstica apresenta características específicas. Uma das mais relevantes é sua rotinização (SAFFIOTI, 1997c), o que contribui, tremendamente, para a co-dependência e o estabelecimento da relação fixada. Rigorosamente, a relação violenta se constitui em verdadeira prisão. Neste sentido, o próprio gênero acaba por se revelar uma camisa de força: o homem deve agredir, porque o macho deve dominar a qualquer custo; e a mulher deve suportar agressões de toda ordem, porque seu “destino” assim o determina.(SAFFIOTI, 2004, p. 85).

Segundo dados da Secretaria de Estado de Justiça de Mato Grosso do Sul, no ano de 2022 foram registrados 42 casos de feminicídio e 19.679 Boletins de Ocorrências de situações de violência doméstica contra a mulher e vale destacar que o Estado ocupa o 5º lugar no ranking de violência contra a Mulher no País. Citamos ainda, dados da violência contra a mulher no Brasil, referentes ao ano de 2021, conforme demonstrado no 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública,

#### **Sobre violência contra as mulheres**

230.861 agressões por violência doméstica. Aumento de 0,6%.

597.623 ameaças. Aumento de 3,3%.

619.353 chamadas ao 190. Aumento de 4%.

370.209 Medidas Protetivas de Urgência concedidas. Crescimento de 13,6%.

#### **Sobre violência sexual**

Dados revelam 66.020 estupros no país em 2021. Aumento de 4,2% dos casos, sendo que 75,5% das vítimas eram vulneráveis, incapazes de consentir com o ato sexual. 61,3% das vítimas de violência sexual tinham até 13 anos e em 79,6% dos casos o autor era conhecido da vítima.

Os casos de assédio somaram 4.922, aumento de 2,3% e importunação sexual foram 19.209, aumento de 9% em relação ao ano anterior.

#### **Perfil dos feminicídios**

Foram registrados 1.341 casos de feminicídio em 2021, sendo que 68,7% das vítimas tinham entre 18 a 44 anos, 65,6% morreram dentro de casa e 62% eram negras. Os autores dos feminicídios em 81,7% dos casos foram o companheiro ou o ex-companheiro.

#### **Sobre perseguição (*stalking*) e violência psicológica**

Pela primeira vez no levantamento, os casos de perseguição ou *stalking* somaram 27.722 registros em 2021 e de violência psicológica contra mulheres indicaram 8.390 casos. 16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2022).

Outro dado importante é com relação ao silenciamento das vítimas, silêncio esse

motivado por diversos fatores, entre eles o medo, a vergonha, a dependência financeira, a falta de uma rede de proteção e apoio, falta de conhecimento sobre o que de fato configura a violência sofrida, que acaba acarretando uma dor silenciosa... Denunciar? *eu nunca denunciei pra polícia isso, nunca tive essa coragem. (Edilaine)*

Denunciar, porém, não é fácil quando as agressões partem de uma pessoa com quem a vítima mantém relações íntimas de afeto, cujo rompimento coloca questões emocionais e objetivas, que envolvem a desestruturação do cotidiano e até mesmo o risco de morte para a mulher. Neste cenário complexo, enfrentado por muito tempo de forma solitária, é fundamental que a mulher que rompa o silêncio seja bem acolhida pela sua rede pessoal e pelos serviços de atendimento. Na prática, entretanto, a falta de conhecimento sobre as especificidades deste tipo de violência faz com que a mulher, muitas vezes, acabe sendo julgada por não colocar um ponto final naquela situação. (Dossiê Instituto Patrícia Galvão, 2018, s/p).

Edilaine, Elaine têm a violência entranhada em suas narrativas, violência essa a qual ficaram submetidas por anos sem conseguir romper com o ciclo, pois naquele momento não conseguiam vislumbrar uma saída, por estarem sozinhas, fragilizadas, dependentes, sem uma rede de apoio, sem conhecimento para acessar os órgãos competentes e até mesmo pela ausência do Estado em garantir serviços de assistência e proteção. Com base na pesquisa Redes de apoio e Saídas Institucionais para mulheres em situação de violência doméstica<sup>26</sup>, realizada pelo Instituto Patrícia Galvão em parceria com o Ipec,

O levantamento do Instituto Patrícia Galvão sugere que o cenário continua permeado por contradições. O número de vítimas é grande, mas poucos homens se reconhecem como agressores. “A lei Maria da Penha é uma das leis mais conhecidas no país. Ainda assim, é um desafio aplicá-la”, um dos obstáculos à aplicação da lei é a falta de preparo das próprias polícias, que não estão prontas para acolher mulheres vítimas de violência. “Muitas vezes, o sentimento que as mulheres experimentam é de revitimização e frustração”, diz ela. “Já ouvi mulheres dizerem que sentiram mais raiva ao fazer a denúncia e serem mal atendidas pelos policiais”. Os entrevistados da pesquisa concordam com a avaliação: para 72% deles, muitos policiais não acreditam na denúncia ou no risco que a mulher corre. “A mulher sabe que pode denunciar. Mas falta o serviço que vai orientá-la sobre como fazer essa denúncia”, lembrou Maria da Penha. Ciscati. Rafael.2022.

Romper o “Ciclo da violência”<sup>27</sup> não é algo fácil, poder contar com uma rede de apoio é fundamental para que a mulher se sinta fortalecida e em condições de viver outras

---

<sup>26</sup> <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencia-domestica/>

<sup>27</sup> Ciclo da Violência – são comportamentos habituais que ocorrem na violência doméstica, entre ofensor e vítima. Tais comportamentos fazem parte do ciclo da violência, composto de três fases, e ajudam na percepção da dinâmica das relações violentas e da dificuldade da mulher de sair da situação. Este ciclo caracteriza-se pela sua continuidade no tempo, isto é, pela sua repetição sucessiva ao longo de meses ou anos, podendo ser cada vez menores as fases da tensão e de apaziguamento e cada vez mais intensa a fase do ataque violento. <https://apav.pt/vd/index.php/vd/o-ciclo-da-violencia-domestica>. Ver mais em WALKER, Lenore E, The battered woman. NY: Harper Perennial, 1979.

experiências.

“Toda mulher deve ser respeitada” – Apesar dos avanços na conquista de direitos, cotidianamente atendemos mulheres que vivem a situação de violência tão intensa, que chegam a acreditar que “é assim mesmo, os homens são diferentes, mais nervosos”. É preciso construir estratégias que colabore para que a mulher enfrente o medo que a paralisa e que muitas vezes ela não tem consciência que sente. Ao contrário do que os dados e indicadores sociais revelam, as mulheres devem acreditar no direito de “viver sem violência”, seja qual for o tipo: física, psicológica, patrimonial, sexual ou moral. ANTONIO & VASCONCELOS, 2022.

A trajetória de Giovana também foi marcada pela violência, embora relate que sua infância apesar das dificuldades foi muito feliz. Porém com o fim do casamento de seus pais, viu seu mundo ruir, com a separação foi obrigada a ficar com o pai, que por retaliação à ex-esposa impediu o convívio da mesma com a filha, conduta essa considerada no âmbito jurídico como “Alienação Parental”<sup>28</sup>, pois o objetivo dessa prática é prejudicar o vínculo da criança ou do adolescente com o genitor. A alienação parental fere, portanto, o direito fundamental da criança à convivência familiar saudável, essa conduta acontece geralmente em casos de separação, especialmente quando existem ações judiciais, um dos motivos é quando pais ou mães desejam excluir o outro da vida de seu filho:

A Alienação Parental é uma forma de maltrato ou abuso, é um transtorno psicológico que se caracteriza por um conjunto de sintomas pelos quais um genitor, denominado cônjuge alienador, transforma a consciência de seus filhos, mediante diferentes formas e estratégias de atuação, com o objetivo de impedir, obstaculizar ou destruir seus vínculos com o outro genitor, denominado cônjuge alienado, sem que existam motivos reais que justifiquem essa condição. Em outras palavras, consiste num processo de programar uma criança para que odeie um dos seus genitores sem justificativa, de modo que a própria criança ingressa numa trajetória de desmoralização desse mesmo genitor. (VELLY; ANA MARIA FROTA, 2010, s/p).

Esse impedimento imposto pelo pai não conseguiu atravessar os limites dos portões da escola, uma vez que sensibilizada com a história, sua professora permitiu o encontro de mãe e filha, que ocorria nos banheiros da escola.

*...meus pais se separaram quando eu tinha 13 anos de idade, ficamos com meu pai e ele por não aceitar a separação, não deixava eu ver minha mãe, tínhamos que nos encontrar às escondidas, ela ia até a escola onde eu estudava e nos encontrávamos no banheiro da escola. (Giovana)*

---

<sup>28</sup>Considera-se ato de alienação parental a interferência na formação psicológica da criança ou do adolescente promovida ou induzida por um dos genitores, pelos avós ou pelos que tenham a criança ou adolescente sob a sua autoridade, guarda ou vigilância para que repudie genitor ou que cause prejuízo ao estabelecimento ou à manutenção de vínculos com este. Fonte: <https://direitofamiliar.jusbrasil.com.br/>.



E assim, com o passar do tempo foram construindo caminhos de resistência até conseguir morar definitivamente com a mãe e reconstruir uma nova vida no assentamento.

Enfrentando a violência...deixar a relação é um longo processo que ocorre a partir do momento em que as mulheres se reconheceram enquanto vítimas da violência e começaram a traçar estratégias para sair daquela situação em que viviam. Assim, enquanto mulheres resistentes e resilientes seguiram na trilha de um novo caminho e encontraram os movimentos de luta pela terra, que lhes ascendeu a esperança e a possibilidade de (re)construir sua existência.

Maria Alzenir, a Ny, relata outro tipo de violência, violência essa resultante dos enfrentamentos da luta pela terra,

*[...] aí lá nessa fazenda nós sofremos um despejo que foi um pouco truculento pelo exército, eles chegaram assim do nada e deram duas horas no máximo pra todo mundo tá desmontando os barracos que eles iriam retirar a gente do local... o trator passou em cima de tudo e destruiu todos os barracos... aí de lá a luta continuou, né? Não foi o exército que fez a gente desanimar. (Maria Alzenir)*

*[...]Eu passei três anos embaixo do barraco, eu comi o pão que o diabo amassou... Você vem me dizer que eu não vou poder ser assentada agora, ... eu estava sendo injustiçada pela segunda vez, eu, depois que ela pegou e falou assim que ela não ia voltar atrás, que eu não ia ser assentada, eu fui a única excedente, eu fui a única pessoa que não peguei lote lá. (Viviane)*

*[...]nós mulheres que éramos solteiras, todas fomos reprovadas pelo INCRA pois segundo eles não tínhamos aptidão para estar na área rural, me disseram: “você precisa de mão de obra, porque você tem uma criança e como você vai trabalhar no sítio?” Eu disse que ia trabalhar em coletivo que eu poderia até dobrar a minha mão de obra, mesmo assim o funcionário falou que não, que eu não poderia pegar o lote, nisso o movimento interveio, sendo essa uma das primeiras conquistas das mulheres solteiras que conseguiram ser assentadas, o mesmo ocorreu com os homens solteiros, porém, esses sim poderiam pegar o lote porque eles tinham a mão de obra e todos eles pegaram lote, e atualmente nós as mulheres solteiras que fomos reprovadas pelo INCRA estamos todas no lote. (Edilaine)*

Todos os embates pelos quais as mulheres passaram no que se refere a luta pela terra, como a expropriação, despejo, fome, exclusão social, falta de perspectivas, são consequências do sistema capitalista agrário, que instigam os atos de insistência, resistência e resiliência na busca do tão sonhado pedaço de chão. Isso somente nos demonstra a existência de um contexto repressor e opressor da dignidade das mulheres e o não reconhecimento de sua capacidade, acarretando assim a inferiorização e até mesmo a exclusão das mulheres camponesas.

Figura 2,3,4,5: Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Sem Terra. Anápolis-GO.2019.



Fonte: Thainá Regina

As lutas dos coletivos de mulheres camponesas apresentam inúmeros debates contra o patriarcado, visando o empoderamento e o reconhecimento da força política e produtiva das mulheres, pois Elas, por mais que fossem invisibilizadas pela história, sempre estiveram presente nas batalhas, tanto para a obtenção quanto após a conquista da terra e seguem vencendo os desafios que lhes são impostos no dia-a-dia.

### Capítulo 3 - A MULHER CONQUISTANDO SEU ESPAÇO

*o sonho da liberdade:  
não ser propriedade  
voar, romper as grades  
pousar, na minha verdade.  
Karolzinha da Silva*

Desde sua formação, as mulheres sempre estiveram presentes fortalecendo a luta pela terra,

A história da luta pela terra no Brasil remonta ao início da ocupação portuguesa em nosso território desde o séc. XVI e estabeleceu as raízes da desigualdade social que perduram até os dias atuais. Ao longo de cinco séculos foram travadas diversas lutas e resistências populares contra a expropriação, exclusão e expulsão de trabalhadores e trabalhadoras, lutas essas que originaram o surgimento do MST. Assim em 1984, os trabalhadores rurais que protagonizavam essas lutas pela democracia da terra e da sociedade se convergem no 1º Encontro Nacional, em Cascavel, no Paraná. Ali, decidem fundar um movimento camponês nacional, o MST, com três objetivos principais: lutar pela terra, lutar pela reforma agrária e lutar por mudanças sociais no país. (<http://www.mst.org.br/nossa-historia/84-86/>).

Inicialmente as mulheres ocupavam papéis secundários nos movimentos camponeses existentes, porém, a partir de sua organização, consciência e militância foram conquistando seu espaço nas instâncias dos movimentos, no MST em seu primeiro congresso as mulheres organizaram a primeira Assembleia de Mulheres Sem Terra que resultou na elaboração de um documento com reivindicações específicas, “entre elas, a de construir coletivos de mulheres nas bases para debater o papel da mulher na construção deste Movimento”<sup>29</sup>, que compôs o documento final do Congresso.

No decorrer da história houve uma grande ascensão da participação feminina nos diversos setores da sociedade e o mesmo também ocorreu nesse espaço por vezes contraditório, que é o campo, porém por muito tempo prevaleceu a falta de autonomia na organização do tempo das mulheres camponesas, como afirma Dainese, (2020), “da roça à casa, as mulheres tecem o trabalho que envolve o cuidar, o nutrir e o educar”, pois elas tinham que dar conta das atividades domésticas, dos cuidados com os filhos e de sua produção, gerando uma sobrecarga de atividades que acabava dificultando ou impedindo sua participação na militância do Movimento dos Sem Terra.

*Eu disse que ia trabalhar em coletivo que eu poderia até dobrar a minha mão de obra, mesmo assim o funcionário falou que não, que eu não poderia pegar o lote, nisso o movimento interveio, sendo essa uma das primeiras conquistas das mulheres solteiras que conseguiram ser assentadas... neste momento eu que era sozinha, tive que me virar, eu tinha que dar um jeito de construir minha casa, e consegui, aprendi a assentar um tijolo e daí pra frente eu fui até o fim, inclusive o piso da minha casa fui eu que assentei. (Edilaine)*

*...consegui a minha tão sonhada casinha e eu que cheguei aqui e não tinha nada, não tinha casa para morar, não tinha nenhum objetivo, nem esperança, mas ela surgiu quando eu recebi esse lote, aí eu comecei a ter uma visão diferente que eu podia conseguir. (Elaine)*

*...nós fomos para o nosso lote, morei em barraco depois de algum tempo*

---

<sup>29</sup> Lucineia Freitas, do setor de gênero nacional do MST - [mst.org.br](http://mst.org.br) -mulheres-sem-terra-reafirmam-identidade- identidade-revolucionaria-em-curso. Acesso em 21/04/2019.

*construímos a nossa casa que hoje tem todo acabamento, recebi tudo que foi de direito em relação a material graças a Deus. (Giovana)*

*Ano a ano, é um desafio diferente quando nós entramos aqui como qualquer outro assentamento, tudo é muito difícil, nada de infraestrutura, né, aí a luta foi pra gente conseguir logo a energia, a água, as famílias, os movimentos sociais, apoiando, conseguimos, com um ano chegou a nossa energia, logo depois, uns dois, três anos, chegou nossa água, aí logo começou a chegar as casas, aí começou a melhorar, mas ainda temos muitos desafios aqui a ser vencidos.(Ny)*

*Montamos um barraco aqui e começamos a construir... , minha primeira casinha meu pai veio pra construir pra mim, veio lá de Japorã aqui pra construir e daí a gente começou a nossa vida aqui no sítio. (Viviane)*

Essa realidade provocou inumeros debates sobre as desigualdades entre homens e mulheres, nos mais diversos aspectos, entre eles no que se refere ao trabalho desenvolvido por ambos,

[...]Grande parte das políticas do MST relacionadas às mulheres foram conquistas da organização de mulheres e não uma iniciativa do Movimento em si. Além disso, fatores externos também pressionaram o Movimento para que esse abrisse espaços de participação para as mulheres, seja pelos convites para a representação da organização de mulheres assentadas em congressos e encontros internacionais, seja pela obrigatoriedade da transversalidade de gênero nas ações do MST. [...] A pressão interna das mulheres, bem como a influência do debate acadêmico foram fatores significativos que levaram o MST a incorporar a perspectiva de gênero em seu discurso e nas políticas de ação. [...] Nesse sentido, o discurso do MST e algumas de suas práticas sinalizam que é possível combinar lutas de classe e gênero na construção de uma nova sociedade, embora essa questão, no nível das ideias, ainda mereça aprofundamento. FURLIN, 2013. P. 277-280.

Apesar dos avanços nos debates e praticas sobre a questão de genero, muito ainda há de se fazer, pois ainda persistem episódios de desrespeito, discriminação e descaso identificado em alguns homens nas instâncias do movimento no que se refere às questões de genero,

Uma das dificuldades do combate político às discriminações, aos preconceitos, ao machismo é a forma camuflada ou sutil com que às vezes [os homens] se manifestam, o que não diminui o peso negativo que tem sobre as mulheres. Transparecem na linguagem, nas piadas, nas brincadeiras no intervalo das reuniões, na falta de seriedade nas discussões que envolvem a questão da mulher, nas relações entre companheiros e companheiras, no desrespeito à capacidade política das militantes mulheres, na ausência de uma política clara para seu desenvolvimento geral como militantes (MST, 2003, p. 36).

A partir dessas reflexões, surge a necessidade de criar espaços formativos para as mulheres e homens, pois não bastava apenas as mulheres se conscientizarem da importância de sua autonomia, era necessário que os homens se conscientizassem da opressão que eles

exerciam sobre as mulheres, ...*ele não aceitava a minha autonomia, e eu sou assim, sempre participei das atividades do movimento, sempre na linha de frente das lutas e ele não aceitava isso, ele me queria submissa, mas isso não, jamais. (Edilaine).*

Assim as mulheres começaram a se encontrar, se conhecer, conhecer as outras, criando laços e tecendo uma rede de unidade e resistência.

É nesse tom de unidade que Atiliana Brunetto, da Direção Nacional do MST pelo setor de gênero, afirma que a análise da conjuntura e o processo histórico de luta das mulheres estão integrados: “Nós mulheres, somos parte destas trincheiras históricas de resistência ao capital e o patriarcado. Pois, nós as Sem Terra, criamos e oportunizamos espaços em nossas áreas de acampamento e assentamento onde possamos refletir sobre as nossas tarefas e condições para realizá-las, o debate do planejamento de ações e a realização da formação enfrentando o desafio primordial que é a emancipação das mulheres”. (<https://mst.org.br/>, 2014).

Uma das formas mais promissoras de acessar políticas públicas possibilitando às mulheres a garantia de melhores condições de vida em seus territórios está na organização de coletivos ou na organização das famílias em pequenos grupos que tenham um objetivo comum e que visem associar melhores condições de vida com preservação e conservação ambiental, fatores essenciais para o desenvolvimento sustentável.

*[...] Agora estou participando de um projeto de beneficiamento da mandioca, no período da pandemia nós mulheres e a juventude do assentamento, acessamos um crédito pelo Fundo Elas, recebemos trinta e sete mil reais, que seria destinado a implantação de uma agroindústria de mandioca, reunimos as mulheres, foram mais de vinte, começamos a discutir como seria a agroindústria da mandioca. (Edilaine)*

*[...] Foi aí onde a gente começou esse trabalho que nós fazemos hoje, trabalhar com as famílias no sistema agroecológico o Sistema de SAFS que a gente chama Pequenos Quintais Produtivos que é você levar pras famílias mudas, sementes, o conhecimento, aí a gente leva oficinas pra eles estarem produzindo basicamente o sustento pra sua mesa. (Ny)*

*[...] Estamos finalizando a construção da nossa agroindústria pra poder trabalhar a comercialização dos nossos vinhos e vinagres agroecológicos. Eu criei uma empresa. Hoje eu tenho um CNPJ, eu tenho uma sociedade limitada. E esse ano a gente vai desenvolver outros projetos em parceria com outros editais. (Viviane)*

Percebe-se que é um grande desafio, por um lado, se faz necessário reverter o estágio atual de degradação dos ecossistemas e ao mesmo tempo promover e consolidar formas e alternativas de uma sistema que seja produtivo e praticado em bases sustentáveis.

Figura 3: 3ª Feira Estadual da Reforma Agrária-Salvador.



Fonte:Joatan Oliveira Xavier.2017

As formações são promovidas pelo MST e MMC, além de constituírem um espaço organizativo e de estudo, são espaços de vivências, de troca de experiências, de planejamento e de compromisso com a luta,

Os temas abordados procuram dialogar com a história da mulher na sociedade, o enfrentamento a violência e o protagonismo feminino na luta de classe, tendo como base suas diversas conquistas. Assim, são três eixos centrais que norteiam os estudos das Sem Terra:

Primeiro, a história e o papel da mulher na sociedade, buscando compreender como a mulher foi sendo formada socialmente, o contexto de formação das classes sociais, sua função, sexualidade e reprodução.

Em seguida, a organização política e as mulheres, tendo como base o seu papel na luta de classes, a luta por direitos, sua organização social e política.

Por último, as políticas públicas, enfatizando a legislação e as políticas específicas para as mulheres, assim como seu acesso e a construção de sua autonomia. (mst.org.br – Oficina de Mulheres Assentadas e Acampadas para o Acesso a Políticas Públicas da Bahia, 29/09/2014).

#### **4.1 - POLITICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES CAMPONESAS**

Importante destacar algumas conquistas específicas relacionadas à reforma agrária no que se refere às mulheres, que foram regulamentadas através da Instrução Normativa nº 38/2007/INCRA, que prevê a obrigatoriedade da titularização em nome da mulher, ou seja, o lote deve ser em nome da mulher independentemente de seu estado civil, em caso de separação fica assegurada a permanência da mulher como detentora do lote e no caso de lotes titulados apenas em nome do esposo, que seja incluído o nome da mulher. Além das citadas, a normativa agrega diversas políticas já regulamentadas que visam a garantia de direitos às mulheres,

- A inclusão da mulher candidata e do homem candidato será obrigatória na inscrição que identifica a Unidade Familiar, nos casos de casamento ou união estável.
- A família chefiada por mulher será incluída e terá preferência, dentre os critérios complementares, na Sistemática de Classificação das Famílias Beneficiárias da Reforma Agrária.
- Nos instrumentos e procedimentos de implantação dos Projetos de Reforma Agrária, tanto o nome da mulher quanto do homem constarão, independentemente do seu estado civil.
- Nos casos de dissolução do casamento ou da união estável será assegurada a permanência da mulher como detentora do lote ou parcela, desde que os filhos estejam sob sua guarda.
- Para efeito de requisição dos seus direitos junto aos órgãos governamentais, para acesso à assistência à saúde, previdência social, programas de educação, atividades trabalhistas e econômicas, segurança pública e demais serviços públicos, o INCRA emitirá a Certidão da Mulher Beneficiária da Reforma Agrária, independentemente do estado civil.
- À mulher assentada em Projeto da Reforma Agrária será garantido o acesso ao crédito instalação em todas as suas modalidades, bem como a definição de sua aplicação.
- As habitações construídas com os recursos do crédito instalação terão a participação das mulheres na definição do projeto arquitetônico.
- Será criado um grupo de trabalho, coordenado pela Diretoria de Desenvolvimento de Projetos de Assentamento, para criação da modalidade de crédito "Adicional da Mulher Assentada".
- Nas políticas públicas de apoio ao desenvolvimento rural destinadas às famílias assentadas será garantido à mulher o apoio às atividades de fomento a agroindustrialização, comercialização, assistência técnica, produção sustentável e outras, promovendo sua integração nas políticas públicas, garantindo a participação nos processos decisórios do assentamento, combatendo à desigualdade da mulher no mundo rural.
- À mulher assentada em Projeto de Reforma Agrária será incentivada a aprendizagem e ampliação de seus conhecimentos, através de políticas de educação do campo e a inclusão da educação diferenciada voltada para promoção da igualdade entre mulheres e homens na grade curricular do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA.
- Será incentivada, também, a formação como agente multiplicadora de ações afirmativas nas áreas da reforma agrária.
- Os procedimentos de cadastramento das famílias posseiras das áreas de regularização fundiária serão adequados para garantir a participação das mulheres, independentemente do seu estado civil.

Visando instalar e dar condições aos assentados consolidarem suas atividades produtivas e habitacionais nos Projetos de Assentamentos, o Incra dispõe uma modalidade de crédito chamada “Fomento Mulher”, esse Fomento é destinado às mulheres titulares para que possam empreender em seus lotes as mais diversas atividades, como forma de gerar renda para

as famílias. Para implantar projetos produtivos sob a responsabilidade delas, o valor do crédito é de até R\$ 5.000,00 mil reais, em operação única. O valor liberado deverá ser devolvido pela tomadora em até 01 ano, com rebote ou desconto de 80% do valor.

Após um período de seis anos de golpe e retrocessos, o ano de 2023 será marcado pela reestruturação do Estado brasileiro. As mudanças devem acontecer de forma real na vida das pessoas. Para isto, o plano de reconstrução do país deve conter políticas para o meio rural observando toda a sua diversidade e complexidade, especialmente com alternativa efetiva de combate estrutural à pobreza e à miséria nas áreas rurais e urbanas. A Subsecretaria de Mulheres Rurais (SMR) está na estrutura do Ministério do Desenvolvimento Agrário com o propósito de promover a igualdade entre mulheres e homens, incorporando essa perspectiva na elaboração e execução das políticas públicas para a agricultura familiar e desenvolvimento rural. Nesta perspectiva, está em curso a construção de três programas voltados para as mulheres rurais:

1 - Programa Cidadania e Bem-Viver, que visa contribuir para que as mulheres do campo, das águas e das florestas possam viver com dignidade, tendo assegurados seus direitos civis, políticos e sociais. O programa está embasado em estratégias e ações integradas, que garantam o acesso das mulheres à documentação, à terra e ao território, a produzir e consumir alimentos saudáveis e a usufruir de um meio ambiente com qualidade e a viver sem violência e racismo.

2 - Programa Organização Produtiva de Mulheres Rurais, tem por objetivo promover o fortalecimento das organizações de mulheres rurais, por meio de ações articuladas que viabilizem o acesso às políticas públicas e que estimulem o desenvolvimento de processos produtivos e econômicos, que gerem alimentos e produtos saudáveis e sustentáveis e, ao mesmo tempo, promovam a valorização do trabalho e assegurem a autonomia econômica. Está embasado em estratégias e ações que deverão ser desenvolvidas de forma integrada no âmbito dos processos produtivos, organizativos, econômicos e ambientais, nos quais as mulheres rurais, em sua diversidade e pluralidade, estão inseridas.

3 - Programa Gestão Social e Articulação em Rede, cujo objetivo é fortalecer os processos democráticos, ampliando a participação das organizações e movimentos de mulheres rurais nos espaços de participação social (ex. conselhos e nas conferências de políticas públicas), intensificando o diálogo em âmbito nacional e internacional e qualificando a contribuição das mulheres na gestão social das políticas públicas. (Brasil de Fato.2023).

## 4.2 A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

*Não vou sair do campo  
Pra poder ir pra escola  
Educação do campo  
É direito e não esmola  
Gilvan Santos*

A possibilidade de retorno aos estudos foi um grande avanço na vida de Edilaine, Elaine, que após a conquista do lote buscaram novos desafios, a escolarização era um deles,



assim, por meio da EJA (Educação de Jovens e Adultos), Edilaine e Elaine deram os primeiros passos na busca do conhecimento, para Giovana e Viviane a educação foi fator fundamental para as conquistas que se seguiram.

A educação de jovens e adultos tem em seu histórico avanços e retrocessos que marcam seu processo de implementação, seja pela ausência ou pela ineficiência de algumas políticas públicas voltadas à alfabetização de jovens e adultos, haja vista, que desde o período colonial já existiam iniciativas de escolarização de adultos, que era ofertada pelos jesuítas, porém voltada a questões religiosas.

Compreendendo a EJA como uma Educação, prevista por lei, que propõe dar oportunidades para concluir os estudos àqueles que por algum motivo não completaram na idade própria, percebemos que na prática ainda há muito que se fazer, pois as políticas públicas tem garantido apenas o acesso desse público à escola, mas não a sua permanência. O motivo principal da não continuidade dos estudos corresponde, muitas vezes, ao fato da escola não atender as expectativas desses sujeitos, mas outro fator que também contribui refere-se à forma como as aulas são ministradas após um dia de trabalho árduo. Diante desse contexto, entendemos a necessidade em se oferecer aulas significativas e contextualizadas a realidade dessas pessoas para que as mesmas se tornem leitores e leitoras do mundo. MOURA.2016. p. 16

Importante salientar que Paulo Freire foi o criador do Programa Nacional de Alfabetização de Adultos<sup>30</sup>, mas com o golpe militar de 1964 esse trabalho de alfabetização passou a ser visto como uma ameaça, o que ocasionou no exílio de Paulo Freire e consequentemente no desaparecimento de programas como esse, passando a surgir programas de alfabetização conservadores e assistencialistas, deixando para trás a proposta que Paulo Freire propusera. Isso, porém, não impediu que Freire continuasse a difundir, no exterior, sua proposta de alfabetização conscientizadora de adultos.

Assim, Paulo Freire, em sua proposta pedagógica, defendia uma educação popular que valorizasse os saberes dos educandos e que lhes fizesse sentido,

Somente uma escola centrada democraticamente no seu educando e na sua comunidade local, vivendo as suas circunstâncias, integrada com seus problemas, levará os seus estudantes a uma nova postura diante dos problemas de contexto” (FREIRE, 2003, p. 85)

A essência do MST é a luta pela terra e pela transformação da sociedade, pode- se

---

<sup>30</sup> Programa Nacional de Alfabetização de Adultos, criado através do Decreto 53.465 de 21 de janeiro de 1964, com o objetivo de congregar e unir todas as classes do povo brasileiro no sentido de levar o alfabeto àquelas camadas mais desfavorecidas que ainda o desconhecem, instituiu em seu Art. 1º o Programa Nacional de Alfabetização, mediante o uso do Sistema Paulo Freire, através do Ministério da Educação e Cultura. (<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-53465-21-janeiro-1964-393508-publicacaooriginal-1-pe.html>).

dizer que quando nasce um acampamento também nasce uma escola. A Educação esteve presente em todas as pautas do MST, sendo entendida como uma ferramenta de formação, organização, resistência e emancipação.

*[...] Depois da minha casa construída eu retornei aos meus estudos, voltei à escola continuei estudando, fui pra quarta fase na EJA do ensino fundamental, concluí o ensino fundamental e iniciei na EJA do ensino médio. (Edilaine)*

*[...] No decorrer dos anos surgiu a oportunidade para gente terminar os estudos e eu terminei e o primeiro trabalho que eu arrumei aqui no assentamento foi de secretária. (Elaine)*

*[...]tive a oportunidade de ingressar na faculdade UEMS pelo governo do Zeca onde foi colocado que quem tivesse algum vínculo com o estado poderia fazer essa faculdade de pedagogia. (Giovana)*

*[...]você quer fazer o magistério do campo? Tem uma oportunidade, você vai conhecer os movimentos sociais, você vai conhecer uma vida um pouco diferente... E esse magistério do campo foi o que mudou a minha vida e a vida da minha família assim. Foi assim um divisor de águas... E aí eu passei no vestibular da UEMS... eu passei no mestrado e passei com bolsa na UEMS... aí do mestrado fui direto pro doutorado. (Viviane)*

Fortalecer a educação nos espaços da reforma agrária se fazia urgente e necessário, assim a partir de uma luta coletiva de trabalhadores, trabalhadoras e movimentos sociais foi possível inserir a educação do campo nas pautas governamentais.

Os protagonistas do processo de criação da Educação do campo são os ‘movimentos sociais camponeses em estado de luta’, com destaque aos movimentos sociais de luta pela reforma agrária e particularmente ao MST. O percurso da Educação do campo foi desenhando a dimensão da política pública como um dos seus pilares principais, na tensão permanente de que esta dimensão não ‘engolisse’ a memória e a identidade dos seus sujeitos originários, tensão tanto mais acirrada pela lógica da ‘política pequena’ que domina o ‘gerenciamento’ do Estado brasileiro, algo não de todo compreendido pelos movimentos sociais (agora talvez um pouco mais do que antes...). CALDART, 2009, p.40,41,53.

Finalmente em 16 de abril de 1998, nasce o PRONERA<sup>31</sup>, através da Portaria nº 10, do então Ministério Extraordinário de Política Fundiária, que no primeiro momento priorizou a alfabetização de jovens e adultos disponibilizando um manual de operações orientava as ações do Programa, segundo dados do INCRA ao longo de sua trajetória, o PRONERA passou por várias adequações, entre elas:

No ano de 2001, o Programa foi incorporado ao Incra. É editada a Portaria/Incra/nº 837, aprovando a edição de um novo Manual de Operações. Em 2004, frente à necessidade de adequar o Pronera às diretrizes políticas do

---

<sup>31</sup>PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária. Seu objetivo é fortalecer o mundo rural como território de vida em todas as suas dimensões: econômicas, sociais, ambientais, políticas, culturais e éticas. [http://www.incra.gov.br/educacao\\_pronera](http://www.incra.gov.br/educacao_pronera)

atual Governo, que prioriza a educação em todos os níveis como um direito social, foi elaborado o Manual de Operações, aprovado pela Portaria/Incrá/Nº 282 de 16/4/2004. Em 2010, foi transformado em política pública permanente, capacitando educadores para atuação nos assentamentos e coordenadores locais, que ajudam na organização de atividades educativas nas comunidades. Em 2015 outro avanço foi a edição da Portaria nº 563, que atualizou em cerca de 30% os valores repassados às instituições de ensino para suprir as necessidades básicas educativas dos alunos, a exemplo de alimentação, transporte, material didático e moradia (em função do regime de alternância, que combina períodos de estudo na instituição de ensino, o chamado Tempo Escola, e outros na própria comunidade, o Tempo Comunidade). Em 2016 foi publicado o mais novo Manual do Pronera que estimula o aproveitamento de alunos em cooperativas de assentados e pequenos produtores. “O Pronera assume a sua maturidade como política pública estruturante, com visão estratégica.

Está proporcionando formação a uma segunda geração de assentados e assentadas, que, por sua vez, retornam com estes saberes às suas comunidades, criando um ciclo virtuoso de multiplicação de ensinamentos”, destaca a presidente do Incra, Maria Lúcia de Oliveira Falcón. E completa, ressaltando que o Programa é essencial para uma visão de reforma agrária com foco na agroindustrialização, na prestação de serviços para o campo e as cidades e articulação de arranjos produtivos locais territoriais. <http://www.incra.gov.br/noticias/pronera-18-anos-transformando-vidas-no-campo-por-meio-da-educacao>. Acesso em 01/05/2019.)

É inegável a ocorrência de avanços no que se refere à criação de políticas voltadas à Educação do Campo, essas ações concretas foram resultantes das lutas e mobilizações dos movimentos sociais e demais setores engajados na busca de uma educação de qualidade para o campo no campo, porém a caminhada não chegou ao fim, muito há de se fazer para a manutenção e ampliação dos direitos já conquistados, e, nesses tempos de retrocessos que estamos vivendo, só nos resta lutar e resistir.

### **4.3 A DEFESA DA AGROECOLOGIA, PELA VIDA DAS MULHERES**

*Amar o campo, ao fazer a plantação,  
não envenenar o campo é purificar o pão.  
Amar a terra, e nela plantar semente,  
a gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.  
A gente cultiva ela, e ela cultiva a gente.  
Zé Pinto*

A conquista da terra abre um leque de oportunidade e possibilidades, é um solo fértil para construir experiências e vivências agroecológicas, superando os desafios em que a terra está, na maioria das vezes, degradada e as mãos das mulheres fazem brotar alimentos saudáveis, gerando assim, para além de saúde, renda e autonomia. “As mulheres camponesas vêm construindo no cotidiano das práticas de produção agroecológica novas formas de se relacionar, de promover a saúde

e sua autonomia como mulher. (RODRIGUES, 2018).

A agroecologia é pauta do MST, fundamental, pois ela é entendida e posicionada como parte da estratégia do desenvolvimento político e econômico, da família, da comunidade, da organização. Neste contexto, às mulheres, em sua determinação histórica em defesa da vida, tem as condições de pautar e de protagonizar essa construção. Hadich, Ceres. MST. 2021

“Não há agroecologia se não pautarmos juntos com nossas organizações a luta feminista, ou seja, a agroecologia precisa emancipar as mulheres e toda classe”. Rodríguez, Francisca; MST, 2017)

O MMC sempre esteve presente nas lutas por políticas públicas para a Agroecologia, a partir do olhar holístico das mulheres camponesas sobre Agroecologia. A Agroecologia é praticada pelo MMC desde sua origem, considerando, que a produção diversificada é um dos princípios da Agroecologia, e, é uma prática comum no fazer cotidiano das camponesas. Para o MMC a Agroecologia é prática, é movimento, é luta central! Rauber & Rodrigues. MMC. 2022.

A agroecologia compreende uma forma integrada de agricultura, onde a natureza e o ser humano se interagem, considerando também os aspectos sociais, culturais e ambientais, assim a agroecologia não somente é um modo de plantar e sim um modo de vida, estando assim atrelada a agricultura familiar camponesa, pois produz de forma harmoniosa com a natureza, respeitando seus ciclos e tempos.

*Foi aí onde a gente começou esse trabalho que nós fazemos hoje, trabalhar com as famílias no sistema agroecológico o Sistema de SAF que a gente chama Pequenos Quintais Produtivos que é você levar pras famílias mudas, sementes, o conhecimento, aí a gente leva oficinas pra eles estarem produzindo basicamente o sustento pra sua mesa, não precisa ser o sustento pra poder ficar rico, afinal, o nosso projeto é pras famílias tirar o sustento de um pequeno pedaço do seu quintal mesmo, não é uma roça grande, aí é isso que a gente começou fazer aqui...( Ny)*

*A gente começou de plantar uma floresta, que é uma experiência toda diferenciada nesse lugar. A gente passou dois, os últimos dois anos estudando e coletando semente no cerrado. E nisso hoje nossa propriedade ela já tem assim um cerrado vivo. Então eu trabalho essa integração humana, natureza, animais solo com homeopatia. E eu acho que a gente precisa. A agroecologia ela é um modo de vida. Então a partir dela todas as técnicas que possibilitam a vida no como um todo na sua integralidade a gente está estudando sobre. Hoje eu estou muito feliz com isso.(Viviane)*

Podemos seguramente afirmar que hoje o MST está em uma marcha histórica – e sem volta – rumo à transição agroecológica em todos seus territórios. Esse não será um processo simples, rápido e sem contradições. Mas, sem dúvidas, é a tarefa que a história nos colocou nesse momento: reconstruir o projeto para a sociedade brasileira, onde as famílias camponesas e trabalhadoras retomam a soberania sobre seus territórios, sua alimentação, sua capacidade produtiva e, com isso, estabelecem uma nova relação com a natureza, baseada no trabalho e na compreensão das dinâmicas ecológicas. Zarref, Luiz. Setor de Produção-MST. 2018

*[...] Faço parte do grupo aqui do Mato Grosso do Sul que é grupo dos agrofloresteiros, que é plantar, plantar, plantar e plantar, então árvore é vida, né? Eu tenho um amigo que fala que você tem que plantar chuva, então como que a gente planta chuva? Plantando chuva é plantando árvores quanto mais árvores a gente plantar mais chuva a gente vai ter né? Então a gente planta água também né? Que é a chuva.(Ny)*

O homem que ensinou o mundo a plantar chuva. Zephaniah Phiri Maseko, um africano que vivia em uma região semiárida do Zimbábue, se encontrou sem emprego e sem dinheiro para sustentar sua família. Ele pensou: como irei alimentá-los? Então percebeu que as únicas coisas que ele tinha eram 7 acres de terra e uma bíblia. Ele se inspirou tanto na história de gênesis e os jardins de Éden que decidiu ter um jardim desses para ele também, e iria achar uma solução para a água, tão escassa no local. Phiri passou a observar as chuvas. Toda vez que chovia ele saía correndo pelo seu terreno, vendo como a água corria e para onde ia. E então ele começou a perceber que em algumas áreas o cultivo de alimentos não funcionava porque a água não infiltrava o solo e em outros a água acabava empossando ou causando erosões. E então ele foi aprendendo como “consertar” estes locais, começou a construir pequenas barragens, buracos e caminhos, todos com plantas que funcionariam como ‘esponjas vivas’. Phiri chamou esta técnica de plantar a chuva. Por toda sua terra Phiri fez com que a água da chuva descesse com menor velocidade e fosse absorvida pela vegetação, tudo isso apenas com a ajuda da gravidade. Uma vez que a água infiltrou no terreno de Phiri, o próprio solo se tornou o “tanque” de água, com a vantagem de evaporar mais lentamente. Ele também começou a plantar espécies que precisavam de mais água nos locais mais fundos, para onde a água corria, e nos locais mais elevados (que recebiam pouca água), ele plantava às 2 que necessitavam de pouca água. Isso fez com que a própria vegetação se tornasse um grande reservatório de água. Phiri transformou o lugar onde ele vive em um verdadeiro oásis em meio ao semiárido. Para acessar a água que fica guardada no solo, ele plantou diversas árvores frutíferas. Seu terreno passou a produzir diversas variações como milho, mandioca, vagem e frutas nativas, enquanto os outros mal conseguiam sobreviver. Muito rapidamente, a história de plantar chuva se espalhou por lá. Ao longo dos anos, diversos especialistas de todo o mundo passaram a visitar Phiri para aprender com seus ensinamentos, sendo criado até mesmo um centro de permacultura de referência mundial na região. <https://ciclovivo.com.br/mao-na-massa/permacultura/o-homem-que-aprendeu-a-plantar-chuva-e-quis-ensinar-para-o-mundo/>.

Figura 6 – Produção artística



Fonte: Acyr Batista. 2020

#### 4.4 EMANCIPAÇÃO E EMPODERAMENTO

*insisto em ser o que apavora  
o que me cobram, não posso dar  
se não cabe no que é ser mulher.  
que não me basta ser apêndice  
sou liberdade de corpo inteiro  
de corpo livre.  
não quero menos, só quero pleno  
só quero igual.  
Lia Sena*

Uma das importantes características dos Movimentos sociais está na mobilização das pessoas, levando-as a ressignificar sua existência, construindo novas relações, aprendendo, capacitando, crescendo. Antes sem perspectivas, após conhecer o Movimento houve um resgate de suas dignidades e uma perspectiva de futuro...

*Eu agradeço muito ao movimento do MST, porque a partir daquele momento eu me descobri, que eu era uma mulher forte e guerreira e que eu conseguiria vencer na vida, foi ali que eu dei os meus primeiros passos de vida. E a página vira, estamos aqui há dezessete anos no assentamento Ernesto Che Guevara. Com muita luta e resistência, pois a luta nos ensina a não fugir dela. (Edilaine)*

*Hoje eu olho para trás e agradeço a Deus por ter chegado até aqui por não ter desistido. Agradeço muito ao MST que me possibilitou essas conquistas (Elaine)*

*As reuniões, caminhadas e organizações do MST são importantes porque*

*senão houvesse uma organização no assentamento nós não tínhamos chegado aonde chegamos (Giovana)*

*Então é isso, eu só tenho a agradecer a luta da Reforma Agrária, tenho muito a agradecer tudo que eu tenho hoje é ligado a Reforma Agrária, o meu sítio, minha vida. Minha vida é ligada a isso, minha paixão, é o campo, minha paixão é lidar com a natureza. (Ny)*

*Então meu sítio aqui a gente está construindo, o nome dele é Recanto Agroecológico, Mia Terra... Hoje eu estou muito feliz com isso. É uma coisa que me traz muita felicidade. Então hoje eu faço muito o que eu gosto... Eu sou sem terra, eu estou num movimento porque eu sei que tem muita gente que precisa de dignidade ainda... eu já tenho minha terra mas tem muita gente que sofre e é por essas pessoas que precisam que a gente ainda está na luta que a gente ainda constrói, que a gente chama, que a gente está junto entendeu? Então alguém esteve na luta pra que eu possa ser assentada e eu preciso estar na luta pra tentar garantir políticas públicas e direito pra outras pessoas. (Viviane)*

Assim, as mulheres do MST vêm afirmando e reafirmando sua participação na luta pela terra, para além das atividades domésticas e do cuidado com os filhos, têm assumido funções de liderança nos acampamentos e assentamentos, sendo dirigentes em todas as esferas do movimento, então,

*Então fui pro acampamento chegando lá comecei a fazer os cursos de base, as formações de base, conheci como era o movimento, aprendi sobre questões de gênero, tinha muita palestra sobre as mulheres que eram agredidas, nossa ali parece que eu me senti como se tivesse na primeira série de novo e tava aprendendo a viver... O acampamento é a base de tudo porque lá nós aprendemos como devemos nos posicionar diante da sociedade, como e o que fazer para chegar no assentamento, aprendemos de tudo, a se portar, a ser companheiro, não agredir as pessoas, dessa maneira passei por esse processo e venci. (Edilaine)*

*...e hoje graças a Deus eu estou bem e teve muita diferença entre o antes e o agora, antes a minha vida foi sofrida demais hoje eu acho que eu vivo mais sossegada mais em paz comigo mesmo. (Elaine)*

*Então conquistei muitas coisas com muita luta, com muita determinação. (Giovana)*

*... é importante você estar trabalhando e que as mulheres estão se somando você leva um conhecimento maior pras companheiras, pra elas terem se valorizando, porque a mulher dentro do sítio, ela tem o seu valor, não é só cuidar da casa, então, a mulher ela é cem por cento, a mulher, ela é muito importante. (Ny)*

*...hoje eu estou como coordenadora do movimento de mulheres camponesas no estado eu coordeno o setor de projetos... Inclusive o primeiro objetivo dum dos nossos projetos em parceria com a Misereor é trabalhar a questão produtiva contra a fome pra que as mulheres não passem fome nos assentamentos e nas comunidades onde a gente esteja. E o segundo objetivo é trabalhar política e construir alternativas de como fazer para assentar outras mulheres. É um desafio grande. (Viviane)*

E, nesse processo de aprendizagem, autonomia, empoderamento e participação, temos Elaine que trabalha de merendeira na escola local, Edilaine, que é Dirigente Estadual do MST e atualmente motorista da Sederma, Giovana que é professora concursada e atualmente Diretora na escola municipal João Batista, Ny, que está junto a CPT desenvolvendo projetos agroecológicos com as famílias do assentamento e Viviane, professora, coordenadora do MMC, da AMTR, que em parceria com várias entidades nacionais e internacionais está trabalhando com as mulheres a recuperação do nosso cerrado, bem como o cuidado com a saúde.

onde a vida-travessia se completa com uma incompletude, às vezes, ainda maior, observamos diversos momentos de valorosas reflexões pessoais, que favoreceram a fala e a externalização das emoções das mulheres assentadas, e permitiram a recriação de momentos alegres e de sofrimento que remetem à condição atual de vida de cada uma delas e da própria pesquisadora, que aprende constantemente nesse processo. (FARIAS, 2008, p. 05.)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eu sou aquela mulher  
a quem o tempo  
muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida.  
Não desistir da luta.  
Recomeçar na derrota.  
Eu sou aquela mulher  
que fez a escalada  
da montanha da vida,  
removendo pedras  
e plantando flores.  
Cora Coralina*

Conhecer a trajetória da caminhada das mulheres, é sobretudo compreender que as lutas são infinitas, que enquanto respirarem, lutarão, que desde antes da chegada na terra outras mulheres já haviam travado inúmeras batalhas e que nós estamos fazendo a nossa parte para outras tantas que virão.

Ao mesmo tempo em que há um orgulho e satisfação por escrever sobre a vida dessas mulheres, também sentimos uma inquietação, sobre de que forma daremos visibilidade às suas trajetórias, suas lutas, seu modo de ser e de viver, sabemos que existem várias produções sobre o campesinato, poré ainda existe uma falta de (re)conhecimento por diversos segmentos da sociedade, principalmente no que se refere à mulher camponesa, a sua participação nos processos produtivos, na garantia da renda, na preservação ambiental... na reprodução da vida.



Fato esse resultante da logica capitalista, machista e patriarcal que valoriza a ação dos homens e invisibiliza a ação das mulheres. A pesquisa nos mostra a necessidade e a importância de darmos visibilidade ao protagonismo assumido pelas mulheres camponesas, visa ampliar os debates para além do espaço campesino na tentativa de buscar implementação de políticas públicas e projetos de desenvolvimento local, fica aqui o desafio.

Para as mulheres, a busca pela autonomia é um desafio constante, pois ainda são oprimidas em vários espaços de suas vidas, limitando assim sua participação nas relações sociais e nos espaços políticos. Percebe-se que muitas vezes as mulheres, talvez por medo, acabam por naturalizar as violências sofridas, até que, na procura de suas margens, encontrem o seu posto de partida, onde enfim conseguem refazer o seu caminho. Nesse processo a participação nos movimentos sociais de luta pela terra mudou significativamente seus destinos, pois puderam ressignificar suas trajetórias, construindo e reconstruindo a sua identidade Sem Terra.

Com o objetivo de compreender a trajetória das mulheres nos diferentes espaços público e privado, destacamos a luta das mulheres na superação da opressão no contexto da reforma agrária, focando para além de suas experiências de vida, nos coletivos que atuam na comunidade, compreendendo assim, o significado que atribuem a suas lutas enquanto ser sem-terra, seja no seu trabalho, seja nas relações construídas ao longo desse caminho, caminho esse que continua em construção, cheios de coragem, dores, alegrias, ousadias, flores e perfumes.

A escolha da metodologia de história oral como trilha de pesquisa, nos possibilitou o compartilhar de experiências, a aproximação com nossas entrevistadas e também o resgate de suas memórias,

A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas. THOMPSON, 1998.p.337.

Foi muito gratificante ouvir as narrativas das “minhas” mulheres, me senti parte da vida delas, aliás, sou parte da vida delas, ouvir na voz delas seus relatos, suas emoções, suas formas de existência, resistência e insistência fortaleceram o meu caminhar.

E, nessa caminhada, as mulheres estão se juntando, se encontrando, se fortalecendo, criando pequenos grupos, onde falam de si, de suas lutas, de suas dores e com muito orgulho de suas formas de enfrentar os obstáculos que encontram pelo caminho e o quanto participar desses grupos é importante em suas vidas, são espaços onde conseguem se desvencilhar de suas preocupações, desabafar, confidenciar e cuidar de si, lá se abastecem de conhecimentos, de partilha, de cumplicidade e de muita garra para continuar seguindo em frente, sempre na luta

uma pelas outras, ao partilhar suas histórias as mulheres se vêem uma nas outras e percebem que suas falas não são diferentes, que suas histórias são semelhantes, o que muda são as formas de contar.

Nos momentos finais dessa escrita participei de um encontro de mulheres, onde me abasteci, ouvindo as histórias de vida de meus pares, outras tantas mulheres de vários cantos deste Estado, que de diferentes formas trilham o mesmo caminho, o da emancipação, empoderamento e libertação, e assim, enquanto mulheres dos Movimentos Sociais, MST, MMC, CPT, seguimos afirmando e reafirmando nosso compromisso com a luta.

Por fim... fim não, pois nossas histórias não se acabam nessa escrita, continuamos escrevendo-a todos os dias, na história, no tempo e na memória,

*“Somos mulheres, somos povo, somos história, somos resistência!”  
Somos palavras, olhares, ações, mas principalmente mulheres que lutam com todo nosso coração e rebeldia nas cinco regiões desta matéria. Somos nossas conversas, vídeos, músicas, poesias, contos, teatros, danças, pinturas e performances; somos mulheres de nosso tempo, que continuaremos trabalhando pela unidade da classe trabalhadora e construção do feminismo na luta pela terra. Nos comprometemos em combater as opressões e construir estratégias e táticas de luta e enfrentamento às violências promovidas pelo capital em suas diversas esferas, enfrentando o racismo, o patriarcado e toda forma de preconceito. Nos comprometemos em manter a continuidade do legado daquelas que vieram antes de nós, que plantaram a semente da resistência dos povos contra as opressões. E também lutaram incessantemente pela soberania dos povos, cuidando das sementes e da natureza como bens da humanidade. Aqui, juntas, reafirmamos que seguiremos habitadas e fortalecidas pelos aromas da rebeldia e dos marços que virão. Cultivamos o internacionalismo e seguiremos na luta com as nossas irmãs na América Latina e em todo o mundo. Levamos em nós a chama revolucionária que sempre nos iluminará quando sentirmos quão dura é a luta da vida. Quando tivermos medo e nos sentirmos inseguras, a acenderemos em nossos corações e nos lembraremos que não estamos sozinhas, e conosco levamos as desaparecidas, as assassinadas, as presas, as violadas, as perseguidas e espancadas, as violentadas, exploradas e mortas de todas as formas. Nós não vamos sozinhas, é com elas e por elas que lutamos pela verdade e pela justiça. É para que a opressão e exploração que recaem sobre nossos corpos, não seja a dor que volte a se repetir com tantas outras em qualquer lugar. É a nossa coragem e ousadia que construirão um mundo onde todas nós possamos viver sem medo. Assim, nos comprometemos em seguir vivas e em luta na construção de um país justo e igualitário. Essa é uma condição humana e revolucionária de todas e todos que ousam destruir as estruturas de poder que sustentam as sociedades de classe. Que buscam subverter as regras normatizadas. E que seguem sem vacilar, com pedras e sonhos, na construção desse caminho. Carta construída pelas mulheres - Curso Feminismo e Marxismo Nacional. Escola Nacional Florestan Fernandes.*

## 6.REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Suely de S. Essa Violência mal-dita. In: ALMEIDA, Suely de S. (Org.). *Violência de gênero e políticas públicas*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2007.

ANTONIO. Keila de Oliveira. VASCONCELOS. Eveli Freire de. ENTREVISTA PSICOLÓGICA NO ATENDIMENTO A MULHER EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA – Relato de Experiência de Atendimento no Núcleo de Promoção e Defesa da Mulher – NUDEM/MS. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, Brasil.

ASSUNÇÃO, A. S.; Bernardelli, M. L. F. H. Educação popular e educação do/no campo: perspectivas para uma educação inclusiva – a Escola Família Agrícola em Sidrolândia - MS. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 2, n. 1, p. 310, 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2525-4863.2017v2n1p294>

BESERRA, Valesca; BARRETO, Maribel Oliveira. Trajetória da educação de jovens e adultos: histórico no Brasil, perspectivas atuais e conscientização na alfabetização de adultos. **Cairu em Revista. Ano**, v. 3, p. 164-190, 2014.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Arranjos produtivos locais: APLs de produtos da sociobiodiversidade/Ministério do Meio Ambiente–Brasília, DF: MMA, 2017.140 p.**

CALDART, Roseli Salete. EDUCAÇÃO DO CAMPO: NOTAS PARA UMA ANÁLISE DE PERCURSO. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 13/04/2019.

Carta construída pelas mulheres - Curso Feminismo e Marxismo Nacional. Escola Nacional Florestan Fernandes. São Paulo. 10/15/09/2018. <Disponível em: <http://www.mst.org.br/2018/09/18/e-a-nossa-coragem-e-ousadia-que-construirao-um-mundo-onde-todas-nos-possamos-viver.html>. Acesso em 21/04/2019).

CISCATI. Rafael. Metade dos brasileiros conhece ao menos uma mulher vítima de violência doméstica. 2022. Disponível em: <https://brasildedireitos.org.br/>

DAINESE, Grazielle. "Trabalhos, ajudas e gênero: um olhar desde as experiências das mulheres da Terceira Margem-Minas Gerais, Brasil." *Hernán M. Palermo & María Lorena Capogrossi, Tratado Latinoamericano de Antropología del Trabajo*. Buenos Aires: CLACSO, CEIL (2020): 1213-1246.

DELBONI. Claudia. HISTÓRIAS DE MULHERES DOS ASSENTAMENTOS ERNESTO CHE GUEVARA E JOÃO BATISTA NA LUTA PELA TERRA EM SIDROLÂNDIA/MS: VIVÊNCIAS, CONSENTIMENTOS, RUPTURAS E CONTINUIDADES. Universidade Federal da Grande Dourados. 2017

ESSY, Daniela Benevides. *A evolução histórica da violência contra a mulher no cenário brasileiro: do patriarcado à busca pela efetivação dos direitos humanos femininos*. Conteúdo Jurídico, Brasília-DF: 26 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.conteudojuridico.com.br/?artigos&ver=2.589527&seo=1>>. Acesso em: 09 nov. 2018.

FARIAS, Marisa de Fátima Lomba de. A vida-travessia de mulheres em assentamentos de reforma agrária no sul de mato grosso do sul: impressões de uma trajetória de pesquisa. *Memória, Cotidiano, Relações de Gênero*. Florianópolis, 2008.

FREITAS. Cecília Carolina de. ASSOCIAÇÕES DE MULHERES: A RESISTÊNCIA FEMININA NOS ASSENTAMENTOS RURAIS. Núcleo de políticas e gestão da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. EM EXTENSÃO,

Uberlândia, v. 6, 2007.

FURLIN, Neiva. A PERSPECTIVA DE GÊNERO NO MST: UM ESTUDO SOBRE O DISCURSO E AS PRÁTICAS DE PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES - MULHERES CAMPONESAS trabalho produtivo e engajamentos políticos. Delma Pessanha Neves, Leonilde Servolo de Medeiros (Organizadoras). Niterói : Alternativa, 2013. p.277-280.

GASPARETO .Sirlei Antoninha Kroth. A Agroecologia está no Centro do Feminismo Camponês Popular. Portal Catarina. Florianópolis.SC. 16/02/2021, 18:07. Disponível em: <https://catarinas.info/>. Acesso em 29/07/2021.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

JACINTO. Eliane Alves. ASSENTAMENTO NAZARÉ- SIDROLANDIA MS: Alternativas para o tratamento e manutenção da saúde entre os camponeses do Grupo MST. Universidade Federal da Grande Dourados. 2018.

MORGANTE, Mirela Marin. NADER Maria Beatriz. **O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico**. XVI Encontro Regional de História da Anpuh-Rio: Saberes e práticas científicas. 2014.

MOURA. Vera Lucia Pereira da Silva. EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE. Universidade Católica Dom Bosco. 2014. p 16.

MST. Construindo novas relações de gênero: desafiando relações de poder. São Paulo: [S.ed.], 2003

RODRIGUES. Sandra Marli da Rocha. Mulheres camponesas : semeando agroecologia, colhendo saúde e autonomia / organizadoras Vanderléia Laodete Pulga ... [et al.] – Porto Alegre : Rede UNIDA, 2018. 269 p. : il.

SAFFIOTI, Heleith. Gênero, Patriarcado e Violência. 1ª Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2004.

SANTOS, Hamofly Bicalho dos. A Identidade Sem Terra, Reforma Agrária e o Projeto Político Pedagógico 1 Emancipador. XIII Encontro de História. Anpuh – Rio.2008

TEDESCHI, Losandro Antonio. Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres / Losandro Antonio Tedeschi – Dourados-MS: UFGD, 2014.

VELLY. Ana Maria Frota. Alienação Parental: Uma Visão Jurídica e Psicológica. MG. 2010. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/artigos>.

Sites pesquisados:

<https://www.brasildefato.com.br/2023/03/08/e-preciso-reconstruir-o-brasil-pelas-maos-das-mulheres-rurais>. Acesso em 03/06/23.

<https://ciclovivo.com.br/mao-na-massa/permacultura/o-homem-que-aprendeu-a-plantar-chuva-e-quis-ensinar-para-o-mundo/>

<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-domestica-e-familiar-contras-as-mulheres/>

[http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212974597\\_ARQUIVO\\_Textocompl etoIdentidadeSemTerra,ReformaAgrariaePPPemancipador.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212974597_ARQUIVO_Textocompl etoIdentidadeSemTerra,ReformaAgrariaePPPemancipador.pdf)

<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/matogrossodosul/sidrolandia.pdf>

<http://www.incra.gov.br/ms>

<http://www.mfrural.com.br/mobile/cidade/sidrolandia-ms.aspx>. acesso em 18/04/2019. <http://www.mst.org.br>

<https://mst.org.br/2018/09/18/e-a-nossa-coragem-e-ousadia-que-construirao-um-mundo-20onde-todas-nos-possamos-viver.html>

<https://mst.org.br/2019/04/12/mulheres-sem-terra-reafirmam-a-identidade-revolucionaria-20em-curso.html>

<https://mst.org.br/2014/09/29/encontro-visa-o-empoderamento-e-autonomia-das-mulheres-20sem-terra.html>

<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/03/14/sobreelas-ms/>

<https://m.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/MS/Anexos/Mapa%20Oportunidades/Sid%20rolandia.pdf>